

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

OS HÁBITOS NÃO ESQUECIDÓS

A recriação da casa COHAB nas mãos do povo

Dissertação de Mestrado apresentada no
Curso de Pós-Graduação em Ciências So-
ciais da Universidade Federal de Santa
Catarina, sob a orientação da Profes-
sora Dra. Jean Esther Landgon.

ALICIA NORMA GONZÁLEZ DE CASTELLS

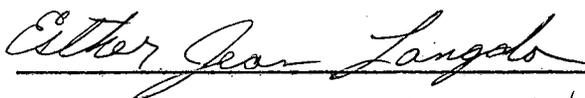
Florianópolis, junho de 1987.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

OS HÁBITOS NÃO ESQUECIDOS
A recriação da casa COHAB nas mãos do povo

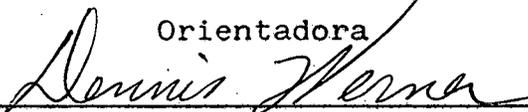
ALICIA NORMA GONZÁLEZ DE CASTELLS

Esta dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final pelo Orientador e Membros da Banca Examinadora, composta pelos Professores:



JEAN ESTHER LANDGOM - Dra.

Orientadora



DENNIS WERNER - Dr.

ANA MARIA DE NIEMEYER - Dra.

"A importância da casa vai muito além da simples dimensão de um 'teto sobre a cabeça'. Ela é crucial, não apenas de um ponto de vista material, óbvio, mas igualmente por constituir uma categoria central de um domínio cultural e um mapa simbólico de representações simbólicas."

Klaas Woortmann (1982, 119)

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles, donas de casa, chefes de família e adolescentes, pela boa vontade de abrir as portas e franquear suas casas;

aos professores do Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela implementação dada ao longo do Curso de Metrado, permitindo a materialização deste trabalho;

aos professores que ficaram mais próximos do trabalho específico da tese, Dennis Werner e Tamara Benakouche na etapa inicial e Jean Landgom no desenrolar de todo o trabalho;

a Etson R. S. Medeiros e Jaime Junge que me acompanharam no trabalho de campo;

as instituições que auxiliaram financeiramente na forma de bolsas de estudo, CNPQ e UFSC;

a Vera Sartini Rodrigues Moratta pela paciência e auxílio no idioma e datilografia.

INDICE

| | |
|--|-----|
| Apresentação | i |
| Agradecimentos | iV |
| Indice | V |
| Resumo | Vi |
| Abstract | Vii |
| INTRODUÇÃO | 1 |
| 1. CASAS ISOLADAS | |
| 1.1. Casa "Neusa" | 9 |
| 1.2. Casa "Bernadette" | 18 |
| 1.3. Casa "Célio" | 28 |
| 1.4. Casa "Ilse" | 34 |
| 1.5. Casa "Silvestre" | 44 |
| 1.6. Casa "Nicolau" | 48 |
| 2. CASAS COHAB's | 51 |
| 2.1. A dinâmica operacional da COHAB-SC | 52 |
| 2.2. Modelos originais | 60 |
| 2.3. Recriação da casa COHAB | 64 |
| 2.4. Programa PROFILURB | 76 |
| 3. Análises Comparativas | |
| 3.1. Casas isoladas | 83 |
| 3.2. Casas COHAB's | 105 |
| 4. MARCO TEÓRICO | |
| 4.1. Esclarecimento preliminar | 121 |
| 4.2. O referencial teórico da questão urbana | 123 |
| 4.3. Propostas alternativas | 130 |
| 5. CONCLUSÕES | 134 |
| Anexos | |
| BIBLIOGRAFIA | 137 |

RESUMO

Esta dissertação é um estudo comparativo de características etnográficas entre duas tipologias habitacionais, casas construídas por conta própria no meio rural e casas financiadas pelo SFH na periferia da Grande Florianópolis, Estado de Santa Catarina.

Deu-se ênfase ao trabalho de campo através de entrevistas feitas em profundidade com os integrantes adultos das famílias pesquisadas, tanto nas casas COHAB's como nas casas do meio rural, auxiliando-se do registro gráfico e fotográfico.

Caracterizou-se que a grande maioria dos moradores das casas COHAB's é proveniente do meio rural, e que na migração levam seus costumes e formas de vida traduzidas no uso e arranjo espacial de suas novas casas.

Chegou-se à conclusão que as casas entregues pela COHAB na sua forma original, são o embrião inicial de um processo ideado e planejado pelos próprios moradores, à semelhança das casas rurais.

ABSTRACT

This dissertation is a comparative study of the ethnographic characteristics of two types of dwellings, houses constructed spontaneously in the rural area and houses financed by the SFH (Sistema Financeiro de Habitação) and projected by COHAB (Companhia de Habitação) in the outskirts of greater Florianópolis, State of Santa Catarina, Brazil.

Emphasis was given in the field work to in-depth interviews with the adult members of the families researched in both the COHAB houses as well as in the rural areas. Photographs and designs of the houses aided in the analysis.

It was found that the majority of the inhabitants of the COHAB houses come from rural areas, and that in their emigration they take their customs and forms of life translated in the use and spacial arrangement of their new houses.

It was concluded that the houses handed over by COHAB constitute the embryo of a process of reformation conceived of and planned by the inhabitants which simulates the rural houses.

INTRODUÇÃO

No mesmo dia da entrevista para o ingresso no curso de Mestrado em Ciências Sociais, a escolha do tema da tese, ficara pairando no ar. Como arquiteta de formação, a questão habitacional já era um terreno muito conhecido e em relação ao curso que iria começar, a questão social não tinha nenhuma contra-indicação. Talvez a especificidade do tema dentro da temática geral constituísse a dificuldade maior para a escolha, mas as casas populares e a casa COHAB em particular, eram uma grande atração.

Argumentos eram os que mais sobravam para tal estudo, num país como o Brasil, onde a imensa maioria dos seus habitantes carece das condições básicas para sua sobrevivência. A necessidade de abrigo, e nesse caso, a materialização de tal necessidade na casa COHAB, resposta via institucional, não era uma saída só de algum governo dito populista, senão, a meu ver uma das poucas saídas viáveis para minorar o estado de abandono da população.

Restava agora definir o enfoque que daria para o desenvolvimento do tema. Pelo exposto anteriormente, a validade da resposta governamental enquanto casa de interesse social era para mim um fato consumado. Pelas leituras de produção nacional, a visão da questão habitacional a um nível macro ti-

nha sido tratada por autores como G. Bolaffi (1980), S. de Azevedo e L. A. Gama de Andrade (1982), além de Lícia do Prado Valladares (1978; 1980; 1983), em parte desmistificando não a "validade" da resposta, mas as formas que assumiam as políticas de "interesse social". Entretanto, onde achavam que existia mais lacunas de investigação era na análise da própria casa, enquanto resposta material para grupos sociais determinados. Esta ausência é explicada em parte nas próprias palavras de Bolaffi: "Os grandes problemas sociais são sempre antes políticos do que técnicos, na medida em que a sua solução ou a tolerância implícita ou explícita da sua persistência implicam opções que resultam do confronto de valores, interesses e pressões sociais contraditórias". (1980, 168).

Entretanto, como as casas CCHAB's continuaram a se espalhar por todo o território nacional e seus moradores usufruindo ou sofrendo... o produto terminal do BNH, a decisão foi tomada: trabalharia sobre o cotidiano no próprio cotidiano. Assim, poderia equacionar no decorrer da investigação questões de ordem mais abrangente - como o estudo das correspondências possíveis de existir entre as maneiras como as pessoas se organizam socialmente e a conformação do espaço construído - com outras de ordem mais específica, recortadas do próprio objeto de estudo escolhido. Neste caso, por exemplo, trataria de sondar a receptividade por parte dos usuários de baixa renda das unidades habitacionais construídas pelo SFH, analisando possíveis perturbações ou transformações nos hábitos cotidianos, e/ou possíveis mudanças no relacionamento social (com a família, vizinhos ou amigos), que pudessem ser atribuíveis a conformações espaciais inadequadas.

A partir desse momento, comecei a ordenar o que não era por mim assimilado, o fato de que o usuário não participasse da ideação da casa, que não fosse consultado à respeito dos critérios sobre a mesma e que não fossem pesquisadas previamente pelos órgãos competentes, suas necessidades reais, seus hábitos mais característicos. Em suma, a presença de uma dissociação entre um usuário personalizado e uma casa concebida como a "única possível" para um destinatário padrão. Cabe colocar, que nesta empreitada não ia despojada de todo e qualquer preconceito. Além disto, a uniformização dos Conjuntos Habitacionais era o que mais me preocupava para ver esse sujeito que iria estudar, também como um homem massificado e uniformizado, à semelhança da própria casa. Mas, outro preconceito com o qual tive que lutar referiu-se à própria abordagem escolhida: o estudo micro poderia gerar um trabalho descritivo, sinônimo de qualidade "duvidosa".

No transcurso da pesquisa, compreendi que um trabalho de características descritivas neste caso, era a expressão da essência da investigação, e assim, a descrição seria esclarecedora daquilo que dera sentido à própria pesquisa. Nesta linha de trabalho, autores como Woortmann (1982), Guimarães & Cavalcanti (1979; 1984), Lemos (1978), Fausto Neto & Garcia Jr. (Cf. Woortmann, 1982), dos nacionais, foram de grande utilidade quanto aos temas tratados. Não obstante, senti falta de apoio metodológico para o desenvolvimento do trabalho. Ou seja, por onde deveria começar, como conhecer o histórico das moradias dos entrevistados das casas COHAB's e não receber no transcurso do tempo, depoimentos subjetivos que viessem deturpar a visão requerida.

Comecei o trabalho de campo em maio de 1985, por um conjunto que tinha claras delimitações físicas, onde a meu ver

teria condições de poder controlar melhor o desenvolvimento do trabalho. O escolhido foi o conjunto Monte Verde, no bairro Saco Grande, construção concluída em 1980, destinada a albergar famílias de renda entre 3 e 5 salários mínimos. O conjunto tinha 5 anos de antiguidade na época da pesquisa, tempo que caracterizei como suficiente para sentir o que me preocupava, enquanto aceitação ou rejeição das moradias por parte dos usuários. Aliás, a escolha deste conjunto estava ligada também ao fato de ser considerado "modelo" pelo pessoal da COHAB-SC.

Esta primeira etapa da pesquisa, foi feita empregando um roteiro simples acompanhado de entrevistas abertas. Auxiliada de um caderno de campo onde foram registradas, por um lado, as questões-chaves das entrevistas, e por outro, baseada no desenho das plantas, as mudanças efetuadas em cada local, a mobília dos mesmos, as cores empregadas, os enfeites e o uso dado a cada local. Quando era necessário, o registro também era feito através de fotografias. Neste conjunto, apareceram minhas primeiras observações, isto porque agora eram sistemáticas. Após realizar sete entrevistas em profundidade nas casa do conjunto e conversas informais com integrantes da Diretoria do Centro Comunitário, moradores da rua e funcionários da COHAB, tornou-se possível ter uma aproximação com as questões que seriam de maior interesse.

Em todo esse período de trabalho, surgiu a oportunidade de trabalhar num projeto de pesquisa também ligado à habitação popular, onde a temática seria mais abrangente e poderia comparar as observações feitas na casa COHAB com outras moradias de cunho popular. A partir desse momento, pesquisei diversas tipologias habitacionais em Florianópolis e na Grande Florianópolis, numa faixa de renda que oscilava de 0 a 15 sa

lários mínimos. A renda que escolhera inicialmente em relação ao programa BNH situava-se entre 3 a 5 salários mínimos, por considerar esta faixa numericamente expressiva dentre os de baixa renda (considerado nos marcos dos níveis sócio-econômicos vigentes no Estado de Santa Catarina). Mas o fato de ter pesquisado também uma renda mais abrangente, em termos da tese, foi para abrir caminhos os quais reverteram positivamente ao nível de comparações e conclusões mais ricas.

Trabalhei com diferentes programas construídos pelo BNH. "Profilurb" no bairro de Forquilha, município de São José e "Promorar" no bairro do Pasto do Gado em Florianópolis, ambos construídos para remoção de favelas e onde a faixa salarial é de 0 a 3 salários mínimos. Programas tradicionais para faixas de 3 a 5 salários em Forquilha e Saco Grande. Programa "Inocoop", em prédios até 4 andares, sem elevador, em bairros sócio-economicamente opostos como Barreiros, um bairro periférico e Coqueiros, bairro residencial. Finalmente, casas construídas com esforço próprio, no meio rural, na periferia e bairros de área urbana. Nesta segunda etapa da pesquisa, também foram feitas entrevistas em profundidade, agora para um leque maior de tipologias habitacionais.

O objetivo era detectar numa primeira fase, a maior variedade possível de situações para isolar fatores a serem examinados posteriormente com amostras maiores. Assim, utilizara inicialmente um roteiro-guia com questões desenvolvidas por extenso, para posteriormente serem sintetizadas em formulários contendo temas considerados pertinentes como: o uso cotidiano do espaço; os espaços privativos dos diferentes integrantes da família; a relação com a vizinhança referente ao uso dos espaços interno e externo à casa; comparação da casa atual com

moradias anteriores; a representação da casa ideal.

Dada a envergadura do trabalho e o tempo necessário para desenvolvê-lo, fui auxiliada por dois estudantes, alternadamente, das últimas fases do curso de Arquitetura, prevendo leitura do roteiro-guia, realização dos levantamentos gráficos das unidades pesquisadas, interna e externamente, acompanhados de registros fotográficos. Este trabalho desenvolveu-se simultaneamente as entrevistas orais.

Entretanto, à medida que esta pesquisa avançava, também tomava corpo a relação existente entre a casa do meio rural e a casa COHAB. Os hábitos e o uso do espaço que apareciam tão claramente na casa do sítio, recriavam-se na casa COHAB. Em outras tipologias o fenômeno também se manifestava, mas não tão claramente como nos casos supracitados. Por outro lado, já sentira que grande parte dos moradores das COHAB's eram antigos moradores do meio rural. E um dos maiores problemas a ser resolvido num primeiro enfoque da tese, em relação ao estudo das casas COHAB's, era: como reconstituir o período de tempo anterior à atual estada nestas casas; como estudar as relações dos moradores com suas antigas moradias no que dizia respeito aos hábitos e costumes que estes teriam com o espaço e com as relações sociais no local.

A observação "in situ" das duas tipologias escolhidas permitiu não ficar restrita apenas à informação oral - dado que desta forma, como já foi enunciado, corria-se o risco de que a memória subjetiva do entrevistado viesse a enfatizar ou diminuir certos aspectos em detrimento de outros, ou mesmo ter uma dificuldade de explicitação pelo fato de não se estar às vezes fazendo referência a fatos conscientes. É importante esclarecer que nas entrevistas realizadas nas casas planejadas

tipo COHAB, foram considerados os históricos de vida, em termos referenciais e não documentais os quais foram comparados com as entrevistas feitas nas casas isoladas atuais.

Desta maneira, a visão da tese ficou redefinida, e a própria prática do trabalho de campo ajudou a sua redefinição. Em consequência, o interesse inicial de medir a receptividade das casas COHAB's através das mudanças feitas nas casas e/ou nos usos propostos aos locais, ficou deslocado para um segundo plano. A análise a ser feita em profundidade seria a do uso do espaço da casa COHAB em termos comparativos com a casa rural. Em termos metodológicos, considerou-se como material suficiente para o desenvolvimento do trabalho, as entrevistas em profundidade - escolheu-se como casos mais representativos, 12 casas planejadas (COHAB) e 6 casas rurais -, juntamente com o relevamento das plantas e o material fotográfico.

Quanto à estruturação do trabalho, este foi dividido em 4 capítulos. O primeiro, através de um trabalho etnográfico sobre casas rurais por mim pesquisadas, demonstra a existência de um processo de ideação que envolve, desde o planejamento en quanto obtenção dos recursos econômicos, a própria construção da casa, até critérios individuais e/ou da família sobre o uso e acondicionamento do espaço. Este capítulo constitui a ma téria prima do trabalho geral.

O segundo capítulo refere-se as casas COHAB's e prevê uma introdução suscinta da dinâmica da instituição COHAB-SC, deixando em aberto a discussão sobre os mecanismos de obtenção da informação requerida e sua posterior utilização. Com esta finalidade, desenvolveram-se duas casas COHAB's consideradas re presentativas, cujos resultados mostram a similitude do pro-

cesso de ideação da casa COHAB, a partir do patamar da casa original com a casa rural.

O terceiro capítulo, faz uma análise comparativa das questões anteriormente apresentadas, fundamentalmente aquelas consideradas de maior destaque na casa popular brasileira, ou seja, a de que através do uso da mesma e dos equipamentos dos locais internos e externos, refletem a visão de mundo dos seus ocupantes.

O quarto capítulo é o referencial teórico e também último da tese. Este espaço fora escolhido propositalmente para materializar através dele a dificuldade encontrada teoricamente na procura de um marco referencial adequado para o desenrolar da pesquisa. Nele, explicitam-se o marco teórico que deu embasamento ao nível macro e os autores situados num nível micro e dos quais tive o apoio principal.

1.

Casas isoladas

1.1. Casa 'Neusa' - Santo Amaro

"Na frente não, as pessoas olham para ver se está bem limpinho mas aqui pelo terreno não dá".

Moradora falando da localização do varal.

Esta casa fica localizada no município de Santo Amaro a aproximadamente 100 mts da estrada principal.

É um local de morros, com um bom visual, com o inconveniente de que para ascender deve-se enfrentar uma ladeira pronunciada contra a vontade dos moradores. As casas da vizinhança são espalhadas, bem como qualquer venda.

Como vantagem, é um terreno de boas dimensões, onde se / faz plantações de subsistência. Existe ônibus na estrada principal, que, para os moradores do lugar, é de suma importância, tanto para o deslocamento para a cidade por razões de trabalho quanto para o abastecimento ou cuidados com a saúde.

A família é composta por um casal jovem, Neusa e Antônio/ e duas crianças. Entre os dois acumulam uma renda aproximada de um salário e meio, fruto do trabalho assalariado de Antônio numa madeireira da região e do trabalho informal de Neusa como costureira/

na própria casa. Até pouco tempo atrás ela trabalhava como camareira num hotel da localidade e, antes de se casar, sempre como doméstica na cidade. São velhos moradores da região, tendo morado em várias casas das proximidades. Na casa atual moram há seis anos, época coincidente com a construção da primeira etapa.

Pode-se considerar que a delicada operação de construção/iniciou-se quando conseguiram comprar a casa de madeira de um primo a prestações.

A construção está em andamento graças ao sogro de Neusa, carpinteiro - como mão-de-obra -, sobras de materiais mais baratos comprados na firma onde Antônio trabalha e doações de materiais usados de antiga patroa dela. É uma operação que vai demorar anos, mas que não assusta os interessados porque já existem 'regras' não escritas mas conhecidas por todos, como vamos ver nas outras casas e conclusões.

Processo de ideação: agentes que intervêm

A casa foi ideada primeiramente pela mulher, mas com posteriores modificações do carpinteiro.

Devido ao terreno com muita declividade e uma faixa plana estreita a nível da rua, somado à exigência da Prefeitura de um recuo de 4 mts para fazer o calçamento, decidiu-se construir a casa / na faixa do terreno plano que restava, evitando assim uma solução / mais cara como teria sido construir com pilotis sobre o barranco.

Ocorreu que uma casa, que é de duas águas, ficou com o maior comprimento paralelo à rua (o que não é normal*); mesmo assim

(*) Usualmente, tanto no meio rural quanto em áreas urbanas, casas/ simples como a considerada (planta retangular com telhado a / duas águas, única cumeeira) e que correspondem aos níveis sócio-econômicos médios - baixos e baixo. São localizados nos terrenos com sua dimensão principal paralela à profundidade dos lotes, isto é, a casa apresenta empena na fachada que dá para a rua (frente principal).

a parede posterior da casa ficou encima do início do barranco; este de topografia imprópria para ser usado como terreiro, foi aproveitada apenas para a lavoura e a horta (ver fig. 1). Pela localização / forçada da casa viram-se prejudicadas certas práticas características da família.

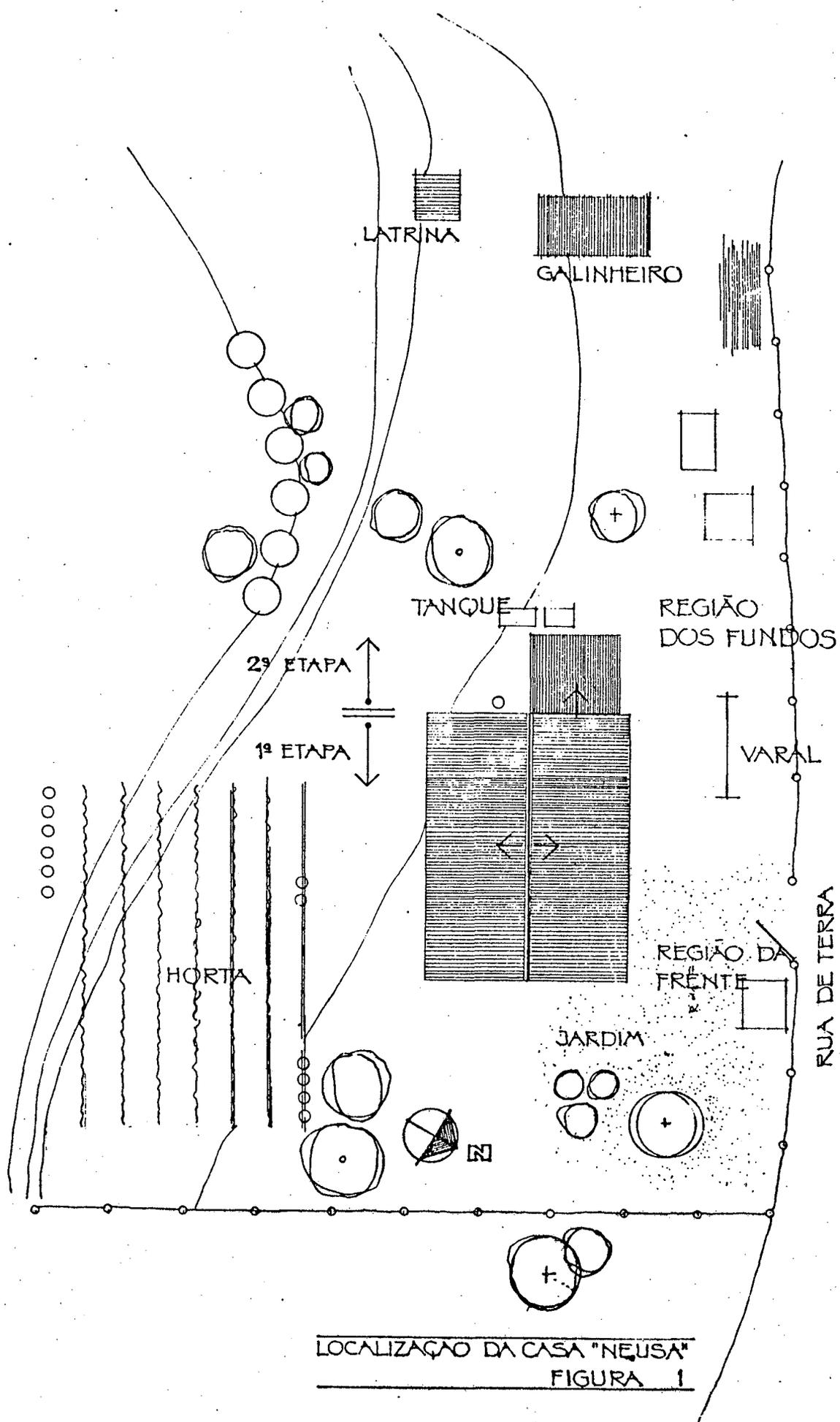
A região dos 'fundos' teve que desenvolver-se entre a frente e a lateral oposta à sala e acesso de rua; o puchado com telhado meia-água com inclinação para a lateral esquerda foi aberto para a rua, porque o lado oposto estava destinado para a futura construção do banheiro e, para os fundos do puchado, a inclinação do telhado não tinha pé direito suficiente.

Todas as tarefas ligadas ao serviço da casa e as consideradas 'sujas' foram jogadas para essa mesma lateral: o tanque, a latrina, o galinheiro, o forno de barro, a horta doméstica (de temperos); o varal teve que ser colocado na frente pela falta de área e, segundo Neusa, foi o mais prejudicado:

"Na frente é ruim, as pessoas olham para ver se está limpinho, mas aqui pelo terreno não dá".

Na outra metade - a lateral direita - foi plantada grama / e feito jardim; na frente, cerca de madeira e a porteira alinhada / com a porta da sala.

Apesar das dificuldades da localização da casa no terreno, ela mantém uma clara diferenciação entre a zona pública e privada do território. Externamente, uma das metades foi acondicionada / para o que é agradável ver: o gramado e o jardim e internamente a sala, o lugar de se receber visitas. Na outra metade da frente: internamente a cozinha, lugar de trabalho; fora, o 'sujo', o que não deve se ver, que no depoimento do 'varal' foi explicitado. Existe a necessidade de proteger-se da curiosidade dos estranhos, da fofoca / (prática cotidiana do grupo) que neste exemplo está ligada a uma / questão valorativa do pobre como é a da "limpeza".



LOCALIZAÇÃO DA CASA "NEUSA"
 FIGURA 1

Como foi visto, a localização da casa no terreno não foi/ uma operação simples, não bastou jogar a casa na faixa restante, mas foram consideradas relações de uso que correspondiam a uma organização determinada do terreno disponível e que, ao mesmo tempo, determinava a organização do espaço interior da casa.

Na definição frente-fundo, ficava definida também a relação público-privado externa e internamente à casa.

Na ideação do resto da casa a mulher teve uma participação importante, mas tendo que acatar decisões do construtor e as possibilidades do momento. Devido a eles comprarem uma casa de madeira, desmontaram e levaram-na para o atual terreno, algumas partes de madeira sofreram danos, sendo necessário repor mais algumas, mas por não fazer os cálculos da madeira estragada na hora da colocação do assoalho na sala e cozinha, a madeira acabou, ficando o resto de alisado de cimento para futura colocação do piso.

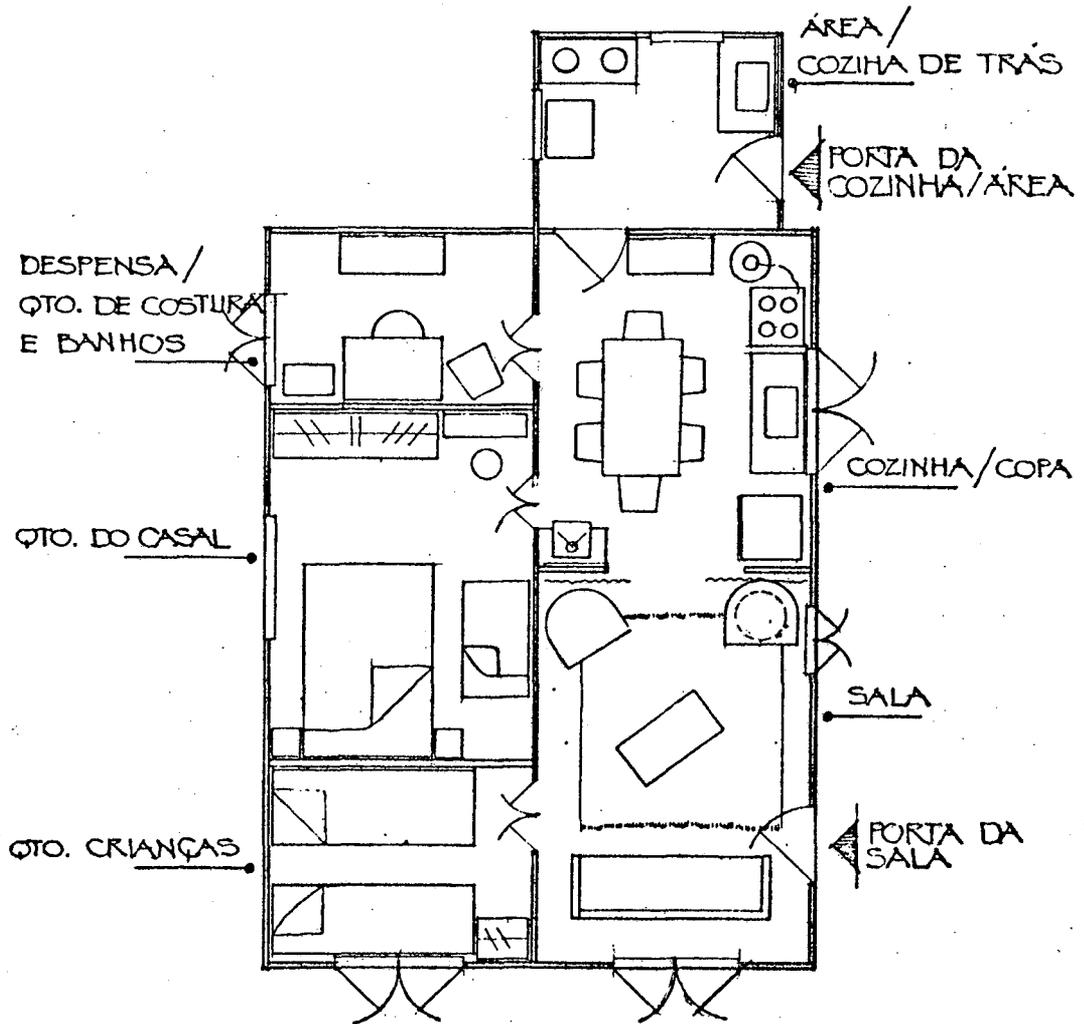
O assoalho ultrapassava os limites que a dona da casa desejava para o tamanho da sala, mas no caso de recuar:

"Um dos locais ficaria de duas cores, então ficou tudo sala".

Ela queria uma cozinha maior, mais espaçosa para trabalhar, já que/ na sala só iriam se sentar, mas, no momento das decisões, a distribuição e os limites espaciais foram definidos conforme o que possuíam no momento.

A sala de forma retangular ficou um pouco maior que a copa, com o quarto das crianças abrindo para ela e o quarto do casal/ e despensa abrindo para a cozinha (ela não gosta de corredor separando os quartos). (Ver fig. 2)

Na hora da construção decidiu-se mandar fazer uma divisória entre a sala e o que seria nessa primeira etapa a cozinha. Os motivos /



CASA "NEUSA"
 FIGURA 2

eram vários:

"Gostava para colocar uma cortina bonita".

"Para separar um pouco mais".

"Para que não dê tanta gordura na sala".

Uma simples divisória estava sendo depositária de critérios estéticos, de privacidade e limpeza.

A sala foi mobiliada com um sofá grande, um pequeno, uma mesinha de centro colocada inclinada e um tapete de forração usado. O sofá / grande foi colocado suficientemente separado da parede, de tal forma que as partes do jogo ficassem mais próximas; desta maneira, a / sala mostra uma aparência menor. No canto, onde não tem a terceira / poltrona, foi colocado um xaxim (elemento tradicional de arranjos / de sala, tanto do grupo social pesquisado como também das casas de classe média). Em todos os cantos que ficam fora do tapete, o piso / de tábua corrida refletia pelo brilho os rostos dos que queriam se ver. Todo o cenário social está preparado, mas ela insiste que:

"da sala não gosto, teria gostado que fosse mais pequena; fica mais formadinha".

Bem que na hora das decisões sujeitaram-se ao que possuíam, mas a dona-de-casa continuava firme em suas convicções e, quanto ao que preferia e até no momento onde falava de como seria sua casa ideal, a sala continuava a ser 'quadradinha', com três sofás e mesinha de centro. O mesmo esquema permanece, a forma quadradinha, no caso, está determinada pela relação que existia entre o 'jogo' e sua colocação no local. A sala é de uso visual e público. O uso íntimo da família é limitado; a senhora às vezes assiste televisão na sala, mas frequentemente na copa. O homem é o que mais usa a sala / assistindo televisão ou ouvindo música. Ele gostaria de sentar-se / com amigos na sala, mas, no dia-a-dia nem as vizinhas que frequentam a casa nem os parentes param nesse local.

Para Neusa,

"A visita é melhor na cozinha, as visitas são simples, eu estou sempre trabalhando, então ficamos na cozinha".

Até agora foi visto que tanto a dona da casa como seus usuais frequentadores fazem um uso determinado da casa. O local de encontro é por excelência o local de trabalho. Não é idêntico o caso do homem que, na maioria das vezes, quando volta do serviço, a copa é o seu lugar. E que até nos acréscimos por ele imaginados - varanda na frente - existe a idéia do espaço concebido para outros usos, tais/ como "sombra e lazer". Ao que parece, existiria por parte do homem uma tendência a um maior uso pelo espaço público da casa, considerado este espaço como mais descontraído e ligado ao lazer.

Os quartos foram ideados e acondicionados de acordo com as preferências e critérios de Neusa. No das meninas, duas camas ficaram encostadas nas laterais, um armário baixo, brinquedos pelo chão e uma enceradeira escondida atrás da porta constituem sua mobília. As necessidades estão satisfeitas e o único que falta é mais espaço para sua "limpeza". Já no quarto do casal, a ideação teve em conta o jogo de quarto, cama grande, mesinhas de cabeceira, guarda-roupa, penteadeira com banquetas e o berço que, no grupo pesquisado, é um hábito frequente.

Para a moradora, cada local da casa tem uma definição precisa de seu destino e possível mutação e a função determinada de cada um já define também o tamanho do mesmo:

- . "A cozinha é para trabalhar; deve ser espaçosa".
- . "A sala para sentar, poderia ser mais pequena". (numa escala de prioridades referida à área atual da casa).
- . "O quarto das crianças que dei de limpar".
- . "O quarto de casal com o tamanho apropriado para que entre a minha do bebê".

. "O quarto que vai servir para tomar banho pequeno porque depois / será quarto de solteiro".

No processo de ideação intervêm fatores diferentes que , muitas vezes, não são complementares mas que participam das decisões como um todo.

Locais conflitivos - a salvaguarda da privacidade

O conhecimento prático dos interessados não se limita à definição da função, tamanho ou localização mas também a outras / questões de diferentes ordens como questões estéticas ou questões / ligadas à privacidade, como é o caso de se juntarem relações próprias de moradia com relações específicas de trabalho.

Este exemplo é bastante comum em famílias de baixa renda: a necessidade de completar a renda familiar sem sair de casa, sem abandonar / as tarefas domésticas nem o cuidado dos filhos é um dado cotidiano / para a mulher pobre brasileira.

As soluções podem ser diversas. Para Neusa, o caminho foi a costura e o local de trabalho encontrado foi a despensa que também é a sala de tomar banho e local para pendurar roupa úmida.

Para ela:

"Este local é muito tumultuado".

É um típico local versátil para abrigar diversas ocupações. Na possibilidade de uma reforma, ela pensa que

"A sala de costura deveria dar prá fora para que as pessoas que vêm de fora não observem".

"Teria que ter porta partida dando para a cozinha, assim trabalhava e as crianças / brincavam na casa. De noite fecharia a porta e poderia trabalhar separada da casa".

Nas colocações precedentes uma vez mais aparece a necessidade da / localização espacial em função do público e do privado. Quando ela

diz que deveria "dar para fora" para que suas freguesas não observem é para que não interfiram visualmente no cotidiano da família, a fim de preservar seu lado íntimo. E até na ideação do local aparecem as marcas de tal relação, desta vez como necessidade de separação física entre o que é a casa como local interno e o que é trabalho como local público. Situação contrastante com a dos quartos / que abrem diretamente para a sala e a copa porque ela não gosta de corredor. No caso o esquema aberto só é válido para a família e os íntimos; de nenhum modo para os estranhos. Na ideação não fica nada sem resposta, a porta partida ao mesmo tempo que divide permite, / quando necessário, o controle da situação interna: os filhos.

Locais específicos - características das casas do sítio

A primeira etapa ficou pronta com três quartos, sala e cozinha, tudo com forração. Para fora, ficou a latrina.

A segunda etapa estava latente: era o puchado. Quando este foi construído (feito pelo dono da casa) ainda faltavam acabamentos como / pintura, piso na cozinha ou banheiro dentro de casa, mas a vontade / do fogão à lenha era maior. O puchado foi levantado precariamente, sem forração, com alisado de cimento, postigões de madeira sem vi - dro e a tradicional chaminé de tubo zincado. Segundo Antônio, a / construção do puchado é 'provisória'* para a fumaça ir embora. Para Neusa, "o fogão encortinava a casa, agora fecha a porta e pode ter / fritura de peixe ou carne que não dá cheiro dentro de casa". Pronto o puchado, as funções ficaram rapidamente definidas a ponto da de -

(*) A ressalva da provisoriedade que muitas vezes torna-se definitiva é devida a um ideal do casal sobre o 'bem feitinho', o 'bem/ acabadinho'.

A construção com suas diferentes etapas prolonga-se no tempo e é um fato aceito, mas o objetivo é a obra terminada.

nominação cotidiana sofrer uma transição.

"O fogão econômico na cozinha sempre está aceso; só se não tem tempo".

"Passou roupa na copa".

"De manhã ficou trabalhando na copa".

No puchado - 'cozinha' - 'cozinha de trás' Neusa limpa e prepara os alimentos, lava a louça, as panelas e pendura as frutas colhidas da própria horta.

Na cozinha - 'copa' com fogão a gás "só para fazer café de manhã, / mamadeira ou alguma comida rápida".

Depois faz a 'copa' às vezes de sala; nela assiste-se televisão, ou ve-se música, conversa-se com os amigos e parentes. Até as primeiras letras da filha saem nessa mesa.

Estes locais ficam diferenciados pela função, pelo nome e também / pelo acabamento.

A copa foi mobiliada com o jogo tradicional de fórmica: mesa, armário e cadeiras; a geladeira e o fogão foram comprados na mesma cor / e depois do alisado colocou-se um piso cerâmico bonito. Quando a dona da casa é caprichosa, ao exemplo de Neusa, aparecem os 'jogos' de mantimentos e uma infinidade de joguinhos de café com toalhinhas pelos cantos, que a maioria das vezes, como neste caso, são peças / do tão planejado enxoval. A antiga cozinha - copa hoje - ficou caracterizada pelo maior grau de acabamento: piso cerâmico, forração, paredes de madeiras com tapajuntas, por ser mobiliada com 'jogo', estar integrada na casa e acompanhar com seu fogão a gás e balcão / de pia o ritmo de vida da cidade. Pelo estudado, é impensável o desaparecimento destes elementos: eles atuam como elementos definidores desse local.

Entretanto, a cozinha atual, como já vimos, é de uma construção simples. Pelo uso específico, existem partes escuras de fumaça ou gordura de fritura, devendo ser isolável, mas não separada da casa.

1.2. Casa "Bernadette" - Santo Amaro

"O fogão à lenha é um sacrifício, a gente compra lenha da serraria, mas eu gosto, fui acostumada toda a vida assim".

(depoimento da dona-de-casa).

Trata-se de uma família tipicamente camponesa, composta pelo casal e mais dez filhos, hoje todos casados, menos uma filha/jovem de dezessete anos. Eles moravam antigamente num sítio de sua propriedade localizado na margem da estrada geral de Santo Amaro, mas pelo desconhecimento de novos métodos para trabalhar a terra, pelas formas isoladas de produção e pela desvalorização progressiva do produto agrícola no mercado, terminou por acontecer que há oito anos venderam suas terras - 63.500 braças ("braça é mais que um metro") - por valores irrisórios - Cr\$ 160.000,00 e, com esta soma, compraram um lote de 600 m² (onde moram atualmente) por Cz\$ 16.000,00, construíram uma casa de madeira de mínimas dimensões e separaram dinheiro para a poupança para "não incomodar depois os filhos". Quando se instalaram no novo local viram que tinham ganho facilidade para se deslocar graças à proximidade dos transportes coletivos, comércio e acesso ao atendimento médico, só que também viram que tinham perdido a terra, trabalho para os rapazes na roça, a criação e tudo aquilo que produziam no sítio e, segundo o chefe da casa, "lá ninguém comprava nada; aqui até água/se paga".

Pelo visto, com a mudança começou uma vida nova, mais próxima do progresso, porém ao mesmo tempo mais próxima da pobreza.

Características do local

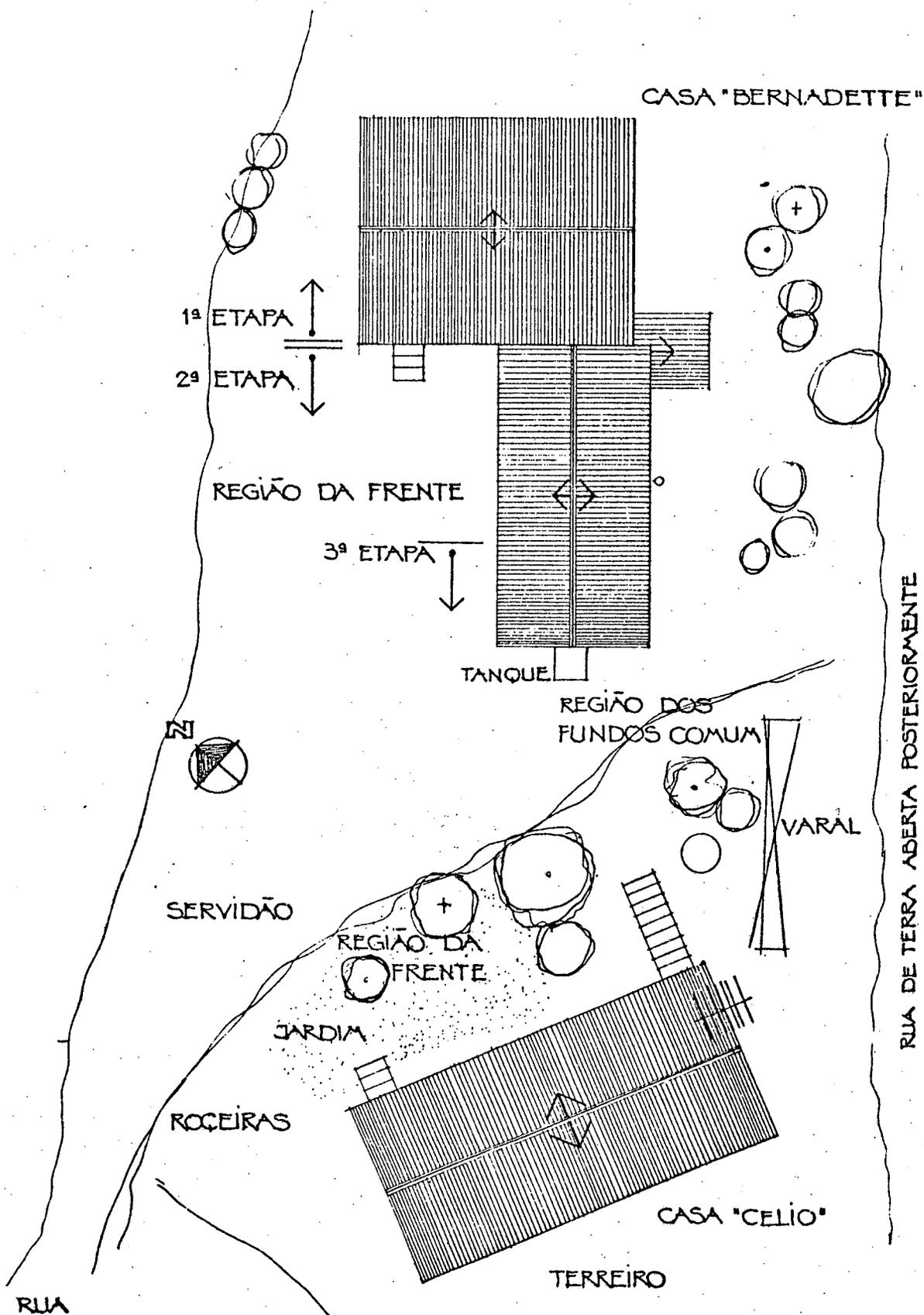
Na época da compra do lote, o local ainda tinha características de 'mato urbanizado'; existiam os limites naturais, as ca

sas da vizinhança distantes e esparsas e poucas ruas abertas em / condições precárias. O lote de forma irregular com acesso através de uma servidão, limitado por terrenos extensos e vazios. Um ano/ depois um dos filhos casados comprou o lote que faz divisa com este e atualmente o terreno ficou limitado na lateral esquerda por/ uma rua de terra (aberta pela Prefeitura um ano atrás), na frente/ pelo terreno do filho (já com casa construída) e a antiga servidão e na lateral direita por um terreno vazio extenso e baixo, que permite uma boa visibilidade ao redor, e da parte de trás do próprio/ lote, com uma casa pequena de madeira construída para um filho, / que antes de ser habitada por ele foi usada por uma filha casada/ que não tinha moradia, depois por outra filha casada 'às pressas'- que morou até recentemente e trasladou-se para a casa dos pais em razão do casamento do irmão, destinatário original da casa. Este/ agrupamento físico ligado por laços de parentesco reproduziu, numa escala menor, o antigo assentamento familiar, desta vez com estada permanente, como o caso das construções das casas dos filhos/ e por vezes de moradia temporária, como o caso da filha casada morando atualmente com os pais. Nele pôde-se observar regras de convivência entre os membros de uma mesma família e entre famílias em correspondência com certos usos do solo e espaço interno das casas, tal como vamos ver nesta casa e também na "Casa Célio"(fig.3)

Localização e construção da casa

- critérios e decisões na hora de construir

Esta casa foi o resultado de várias etapas construtivas/ e de decisões combinadas. A localização da primeira etapa da casa/ no lote e os locais a construir foram decisões tomadas pelo casal; a localização da ampliação em alvenaria foi escolhida em função do melhor aproveitamento do terreno. Este e tudo o que tem a ver com os sistemas construtivos foi decidido pelo construtor, que



LOCALIZAÇÃO DAS CASAS "BERNADETTE" E "CELIO"
 FIGURA 3

é um dos genros. O critério da localização foi bem aceito e respeitado pelo casal pelo fato de a sugestão vir de quem faria a construção.

Na primeira etapa construtiva há oito anos, foi construído um corpo em madeira com três quartos, sala e copa grande, sem portas internas, com uma área de 42.00 m² mais um ranchinho provisório onde tinha o fogão à lenha e o tanque. Não havia banheiro / dentro e nem fora da casa.

Quatro anos depois foi desmanchado o ranchinho e construída em seu lugar a cozinha e o banheiro. Nesta etapa, ainda não / houve acabamentos. Um ano depois, numa terceira etapa, foi construída a área de serviço mais os acabamentos da cozinha e do banheiro. Na quarta etapa planejada, ainda sem data marcada, serão feitos novos acabamentos na cozinha e na área de serviço, desta vez com o objetivo de facilitar a 'limpeza', segundo a dona-de-casa. A casa / inicial de planta retangular foi localizada na metade do lote ficando afastada e escondida do acesso principal na época (antes da abertura da rua lateral), com seu lado maior no sentido transversal do terreno, com a localização da frente, sala e porta, orientados para a servidão, que é coincidente com o visual das casas construídas e da rua principal procedente do local mais central da região. A primeira etapa construída em madeira ocorreu por motivos / de economia. Já, numa situação econômica melhor, construiu-se em material por considerar que:

"Casa de material é mais fresca, mais bonita. Fica mais vistosa depois da arrumação dela".

A necessidade da ampliação, neste caso a cozinha, surge por considerar esta com um uso prioritário no caso de famílias numerosas:

"... a família chega toda na cozinha...
... lá param, dentro não".

Para a construção do banheiro, os motivos foram devidos à nova situação de morar num lote onde os visuais são inconvenientes, dada a proximidade da rua. Segundo o dono da casa, "lote sem banheiro / não é possível". É importante destacar que a 'necessidade' de ter banheiro quando moravam no sítio, se estava presente, era numa hipótese remota; a necessidade 'higiênica' ou 'prática' não é prioridade da família, só aparece na proximidade física com os estranhos que, para o caso estudado, a mudança para um lote, onde seus limites são perfeitamente definidos em termos visuais, terminaram por propor para a família um novo comportamento sanitário.

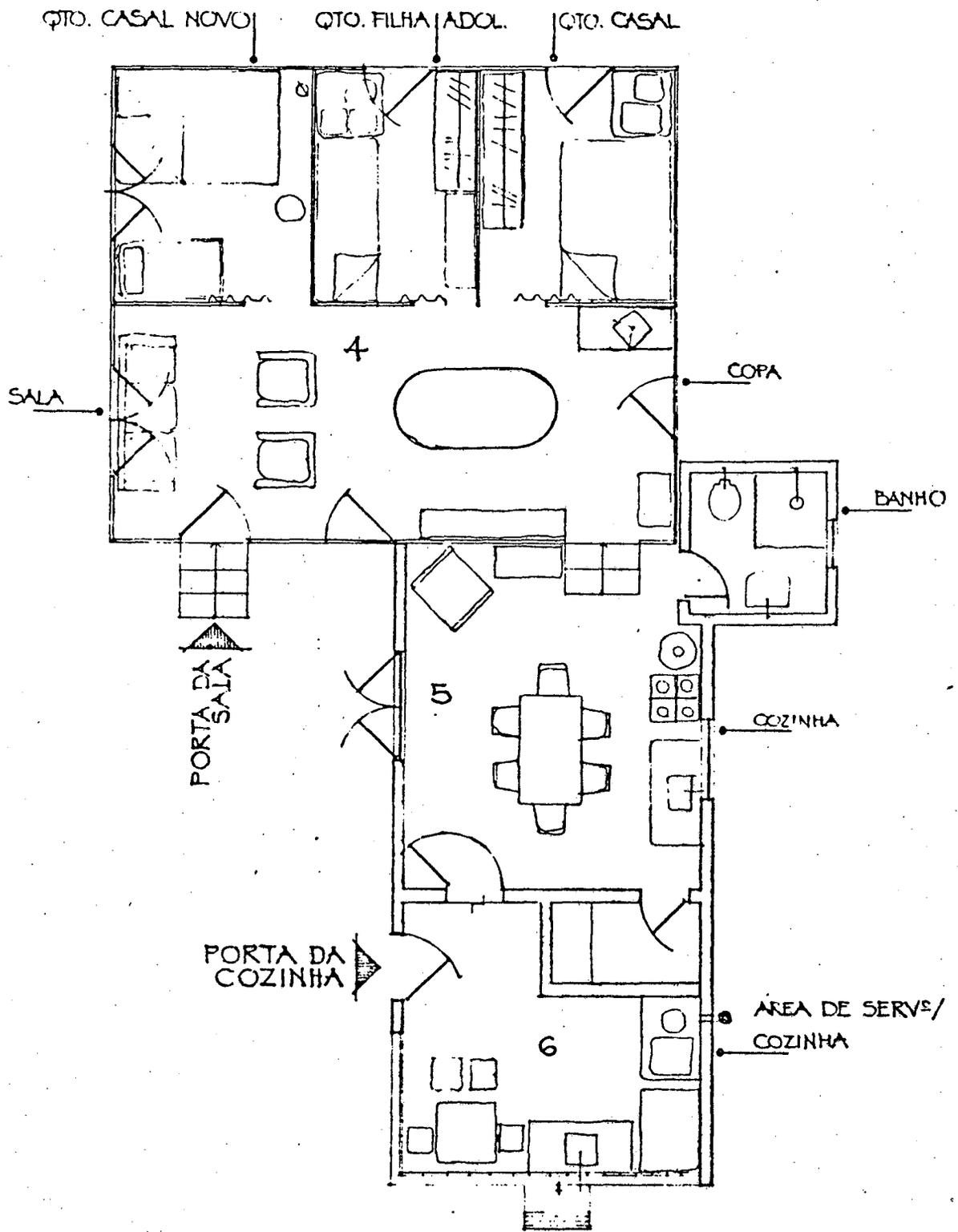
A área de serviço aparece pelo gosto do fogão à lenha novamente, como já foi visto na casa "Neusa", e a necessidade de isolá-lo do resto da casa por causa da fumaça.

Locais destinados ao: estar - comer - fazer

A presença nos locais 4, 5 e 6 de mobília similar, como o caso de mesas e cadeiras e a existência do fogão e pia nos locais 5 e 6 despertou a curiosidade sobre o uso e/ou significado de / cada local (ver fig.4)..

Os locais em discussão têm cumprido as mesmas funções , conforme o momento da construção. Numa primeira etapa, num único/ espaço, existia a sala-copa mobiliada com um jogo de estofados e um jogo de copa onde diariamente a família fazia suas refeições. A pós a construção da cozinha, as refeições passaram a ser feitas / nesse local, além das tarefas de preparação da comida e limpeza de louças e panelas.

Tempos depois, construída a área de serviço, todas as tarefas liga das à cozinha e refeições vêm sendo feitas nessa área diariamente/ e, no caso da cozinha, esta passa a ser usada nos fins-de-semana , quando se reúne a família, sentindo-se, nessas ocasiões, necessida de de espaço maior e também de maior disponibilidade de 'fogos' pa ra a preparação da comida. Um outro momento de uso da cozinha é



CASA • BERNADETTE •
 FIGURA 4

por ocasião da chegada de visitas, como o caso de nossa presença e que fomos convidados para almoçar nesse local.

Em termos de acabamento, a cozinha passa a ter: piso cerâmico e azulejos na pia. Como mobília: o jogo de fórmica, a geladeira e o fogão da mesma cor. Quanto ao uso: semanal, no caso da família, ou um uso ocasional, podendo ser em qualquer dia da semana, no caso de visitas.

A copa fica caracterizada como local de enfeites, por excelência, sendo que o enfeite só é movimentado na hora de limpar. Assim, ocorre com os carpetes, garrafas, flores artificiais ou paredes carregadas de retratos de família e/ou motivos religiosos. Esse local passa a ter um uso em dias de festa e, no dia-a-dia, um uso visual e de trânsito para ir aos quartos ou chegar na sala.

A área de serviço, com alisado de cimento e sem azulejos (local sem acabamentos por opção) contém o tradicional fogão à lenha que, segundo a entrevistada,

"O fogão à lenha é um sacrifício,
a gente compra lenha de serraria,
mas eu gosto, fui acostumada toda
a vida assim".

O resto da mobília é uma pia, mesa e cadeiras velhas e uma gaiola pendurada na parede. Em duas de suas laterais a trilha é característica por achar, dessa forma, o local "mais fresquinho". A porta da rua permanentemente aberta para o caso de chegar alguém. O uso do local é o tempo do cotidiano, o tempo da família, de onde seem as comidas gostosas do fogão à lenha; onde a vovó cuida do neto para que a filha consiga trabalhar fora de casa; onde o homem / fica nas noites de insônia por causa da tosse provocada pelo cigarro.

No partido geral da casa, ela faz às vezes de varanda, de puchado. É o local com características simples, como o dia-a-dia também o é.

Nomes de dupla significação ou de códigos diferentes

Têm aparecido alguns nomes com duplicidade de uso. É o caso do termo cozinha assinalando também com esse mesmo termo o local área, ou o caso do termo sala para assinalar o local copa. Pareceria que o termo cozinha adquire um significado diferente segundo o momento social onde está empregado. Para a família, o que existe é uma duplicidade de cozinhas, não de nomes, sendo a cozinha de rua ou de fora sinônimo de local da família, aconchegante, o lugar de recepção permanente. A cozinha de dentro, por um lado, atua como uma necessidade prática e, por outro lado, como uma necessidade social: o que se deve ter.

Na hora de definição de usos e histórico de cada local, foram assinalados, por parte da entrevistada, nomes precisos para cada um, entrando em contradição quando abordados novamente com enfoques diferentes.

- Na primeira abordagem, o local cozinha foi definido na base da comparação entre esta e a área de serviço.

"... a cozinha tem que ser mais organizada; aqui (área) é mais cômodo, mais simples, mais feia..."

Conforme esta colocação e outras precedentes, a cozinha ficaria caracterizada como o local que deve ser organizado, formal e de aspecto agradável. Em contraposição, a área de serviço deveria ser cômoda, simples e até ... feia. Pelo visto, não é pretendida semelhança alguma entre elas, exceto no comer e no cozinhar em momentos e ocasiões diferentes.

- Na abordagem dos locais preferidos, a cozinha - "depois da igreja" - foi a escolhida por ser o local onde permaneceria mais tempo diariamente (o local onde permanece, por definição, é a área).

- Na hora das justificativas das ampliações, "a cozinha era o principal porque a família chega toda na cozinha... lá param; dentro / não".

- Quando chegou a hora do uso das portas de acesso à casa: "a porta da cozinha está aberta toda a vida, e da sala é usada só quando muita visita, festinha..." (a porta que permanece aberta é a porta da área, a "cozinha" não tem porta para a rua).

O mecanismo de transposição de nomes seria extensivo também à sala. Em todas as abordagens de tais locais, aparece o termo sala expressando a função principal e, por sua vez, sintetizadora:

"... a sala é usada só quando muita visita, festinha... a sala funciona como enfeite... a mesa da sala quando tem festinha..."

"... lá param (cozinha) dentro não (sala / copa)".

A sala é o lugar de estar em caso de festas com muita gente, ou / "... quando a gente morre".

- Na abordagem de local por local, a copa foi definida pela localização relativa que ocuparia na casa:

"... esta levaria esse nome porque está tudo aberto com sala".

Dada a função que cumpre, este local - no caso, a copa, - tem seu significado ligado ao social. Dessa maneira, o seu nome real torna-se omissivo, dando lugar ao seu sintetizador da função principal.

Pelo exposto até aqui não existe tal contradição por parte da entrevistada como tinha-se inicialmente imaginado sobre a duplicidade de nomes e/ou funções para alguns locais. As funções destinadas aos locais permanecem claras, quando muito complementam-se quando necessário; o que muda é a convenção do nome segundo o empregado para referir-se ao momento social ou familiar.

Família extensa: a hierarquia familiar também dentro de casa

Neste agrupamento, a hierarquia familiar representada pelos pais determina, de fato, a localização da casa e das atividades para a casa "Célio" (que será feita a continuação) e essa mesma hierarquia espacial se mantém internamente à casa "Bernadette".

Atualmente, com o casal moram a filha caçula de dezessete anos, a filha casada, seu marido e um filhinho de um ano. O fato de o casal morar junto se deve aos planos de construção da casa e à impossibilidade de enfrentar as duas coisas ao mesmo tempo: o aluguel e a construção da casa. Por outro lado, pelo fato de morarem juntos, a mulher mais jovem pode trabalhar fora de casa tendo assegurado o cuidado do filho pela cunhada que mora ao lado e pela avó, quando necessário.

As tarefas domésticas são divididas entre ambas as mulheres de acordo com a idade e o estado físico: as faxinas e a lavagem de roupa são feitas pela mais nova durante os fins-de-semana e a conservação da limpeza é feita pela mais velha. No caso da comida é a mulher mais velha quem prepara, inclusive nos fins-de-semana. A mais jovem sequer é consultada quanto ao tipo de comida. É / esta quem faz as compras do rancho mensalmente e quando necessário.

O pequeno quarto do casal jovem é compartilhado com a cama da filha do bebê. Este é o único local da casa onde eles consideram / seu, por dispor e agir como bem quiserem; não obstante ter divisões internas dos quartos feitas em tabique de madeira (transmissores de som) e divisão com cortina para a sala única opção para isolar-se visualmente (pelo tamanho reduzido dos mesmos) que impedem / uma privacidade maior para o casal.

Existem dentro de casa certas regras impostas pela mulher mais velha que dizem respeito a questões morais - a mais nova não pode caminhar fora do quarto com as roupas de dormir, nem na

hora do banho esta pode movimentar-se entre o banheiro e o quarto com tais roupas por respeito ao pai. Numa situação similar, a mais velha não entra no quarto do casal jovem para tomar conta do neto/ quando o genro ainda está dormindo.

Pelo que se observa, a família cumpriria uma função primordial enquanto suporte para a emancipação do casal novo, sendo/ que os mais velhos não perdem nem compartilham seus domínios privados, como o caso da comida para a mais velha e impondo um uso do espaço semi-privado da casa determinado pela questão moral ligada ao sexo.

A privacidade dentro de casa em relação ao sexo e à idade

Até agora tudo o que se tem visto sobre os locais da casa tem sido uma visão dos donos da casa ou do casal mais jovem.

Em relação ao casal mais velho, viu-se que os locais não surgiram ao acaso, mas cada um tinha uma função específica, que dentro de sua lógica tanto poderia servir para tarefas tão rotineiras como a preparação da comida, o local de descanso ou para momentos pouco usuais, como a morte.

Em relação ao casal novo, a referência aos locais foi vista enquanto situação de dependência, hierarquia e regras a cumprir impostas pelos "donos de casa" e pelas características construtivas e funcionais da casa que, no caso da família nuclear - pais e filhos - tais condições não eram conflitivas, mas elas se tornem conflitivas no caso de se abrigar mais de um núcleo familiar, onde o casal sem casa vê ameaçada sua privacidade conjugal.

Agora é a vez da visão de uma filha, jovem, que tem épocas que fica pousando na casa dos pais (quando trabalha pela região) e tem outra que pousa na casa dos outros, como empregada doméstica na cidade. De qualquer forma, ela assiste à mesma rotina familiar todos os fins-de-semana. Esta adolescente tem uma outra interpretação a respeito da casa dos pais. Entram em jogo vários fa-

tores, como diferença de idade, sexo, convivência (pela sua condição de empregada) com outros esquemas sócio-espaciais que produzem um descompasso com o tempo dos pais. Já pelo fato dos quartos não terem tido portas, tem sido uma reclamação permanente das filhas. Por fim, foi colocada uma cortina em cada uma das portas.

Na lógica dos pais, os quartos também são muito pequenos mas não chegam a adquirir nenhuma dimensão especial. Já a cabeça da filha vai além de tal consideração:

"... quartos muito pequenos não deviam ter uma sala, teria que ter a metade e os quartos ser maiores".

O problema é que, no caso da adolescente, o local destinado ao descanso é também destinado ao encontro social; existe a necessidade de ficar sozinha, fora do movimento familiar. Enquanto a sala é o local destinado ao momento social para os pais, para a filha tem só conotação de limpeza. A única forma de ser usada com amigos é para ouvir um 'som', mas mesmo assim não é o local desejado por ela.

"... na sala todo mundo fica transitando, por aí passam..."

No momento da imaginação 'voar' numa casa ideal, o programa de necessidades não equivale à casa dos pais "... casa bem dividida, sala de jantar, sala de televisão, quarto de hóspedes...", exceto em "... uma cozinha como aqui" (casa dos pais).

Pelo visto, daria para supor que a idade e o sexo são variáveis / que influem na organização e distribuição espacial. Neste caso específico, filha jovem e mulher influenciando diretamente na questão da privacidade como fator de organização espacial.

No referente ao programa de necessidades, considerando sua similitude com os programas da classe média típica, poderia se dizer que este é herdado da vivência da casa das patroas, onde o local que consegue se destacar desse programa é a cozinha, este local como / sintetizador ou expressão física e social do grupo familiar da adolescente.

1.3. Casa "Célio" - Santo Amaro

"Pega mal, é obrigado a fazer".

depoimento do entrevistado sobre a colocação de porta na sala.

Devido à casa "Célio" encontrar-se localizada num / terreno vizinho à casa dos pais e casa de um irmão, sem cercas que dividam os lotes entre si, e com um acesso comum às três / casas, existiu um interesse maior em explorar esta situação , em detrimento de uma maior exploração dos locais internos da própria casa. As linhas gerais da pesquisa foram:

- Os critérios empregados para a localização da casa no lote / (posterior à localização da casa dos pais).
- As regras subjacentes do 'condomínio familiar' de fato.
- As questões de convivência, própria das famílias extensas / que moram num mesmo território.

A família é composta pelo casal, Célio e Maria, e dois filhos pequenos em idade escolar. Com uma interrupção curta, que vai desde a venda da terra dos pais, a compra do atual

lote pela família de Célio e a construção da casa, o casal / planeja e volta a morar junto da família.

Até os dezesseis anos Célio trabalhava na roça junto da família; quando a lavoura perdeu seu valor, ele foi trabalhar na cidade, no ramo da construção civil, que é o que até / hoje ele faz. A mulher trabalhava também na roça e, após sua / mudança, trabalhou como faxineira. Atualmente só ele trabalha; ela esporadicamente e vivem com um ordenado aproximado de três salários mínimos.

Depois da compra do terreno há oito anos, veio a compra dos materiais. Quando esta etapa foi concluída, iniciou-se a construção que demorou ao todo um ano. A casa foi feita em duas etapas: a primeira foi de madeira com três quartos, sala / e cozinha, com postigos de madeira, uma janela de abrir sem / vidro com veneziana (presente de um conhecido) e uma janela de correr sem veneziana.

Esta primeira etapa da construção foi encomendada por falta de tempo do proprietário. Na segunda foi construído o banheiro e a cozinha, toda de material, foi feita por ele mesmo nos dias de folga. A casa foi construída na base do esforço próprio, sem nenhuma ajuda econômica.

Localização da casa no lote

O lote tem forma de trapézio. Limitado na base menor pelo lote de esquina, numa lateral pela servidão de acesso aos lotes da família, na base menor limitado pelo terreno do pai, e na outra lateral limitado pelo mato (hoje rua de terra aberta pela Prefeitura), (ver fig. 3).

É uma casa com cobertura de 2 águas, colocada em ângulo (no sentido de comprimento maior) entre a servidão e a casa dos pais. Nesta frente, abrindo as duas portas de acesso à

casa: a porta social, mais próxima da lateral da servidão e a de serviço na direção da casa dos pais. A janela da cozinha abre na direção do mato. A do banheiro e de dois quartos abrem/para os fundos ou 'terreiro'. A janela do terceiro quarto e da sala abrem para a servidão. Na frente foi plantada grama e árvores; no terreiro tem terra sem nenhum uso e uma árvore só.

Dada a topografia do terreno, a casa poderia ter tido localizações diversas, mas a escolhida foi a que permitiu dar resposta aos referenciais espaciais próprios do casal. Nas colocações do dono da casa não existem dúvidas: a casa teria / essa posição porque

"Pai merece mais atenção".

Outras condicionantes, no caso o sol, eram também importantes, mas na hora das decisões:

"O sol não dava, só se virasse/
a casa de forma contrária; não
deu".

Pelas possibilidades do terreno e pela localização / da casa no mesmo, o eixo longitudinal fez de divisória entre a 'frente' e os 'fundos' da mesma, mas pelas características da família extensa, na prática o eixo transversal estabeleceu a 'frente' e o 'fundo' nas laterais esquerda e direita, respectivamente, anulando de fato a parte de 'trás' enquanto região / dos 'fundos'. A lateral esquerda tomou o par: frente = social/ e a direita o par fundo = serviço. Este último foi aberto / francamente na direção da casa dos pais; desta forma as áreas/ de serviço de ambas as casas ficaram frente-a-frente.

O caminho entre as duas casas é obrigatório para a / dona-de-casa mais nova; lava a roupa no tanque da sogra, toma/ conta do filho da cunhada (para que esta trabalhe fora), pendu ra a roupa na mesma região dos fundos; as crianças brincam no quintal comum. As únicas portas usadas, as da cozinha, permane

cem sempre abertas. Para Célio, isto acontece porque "tem gente sempre chegando na cozinha". Todas as tarefas domésticas tomam conta desse lugar; é o lugar com efervescência permanente. O intercâmbio é constante. Até nas horas de folga, Célio fica/na cozinha do pai ou a sogra conversa a partir da janela da cozinha com a nora.

Como corroboração de que a família extensa tomou conta da organização espacial - informal, vale o registro de dois depoimentos:

Maria (a dona-de-casa nova), quando interrogada sobre as alterações ou variações que adotaria na possibilidade de se fazer uma nova casa, respondeu:

"Do mesmo jeito, olhando para a família".

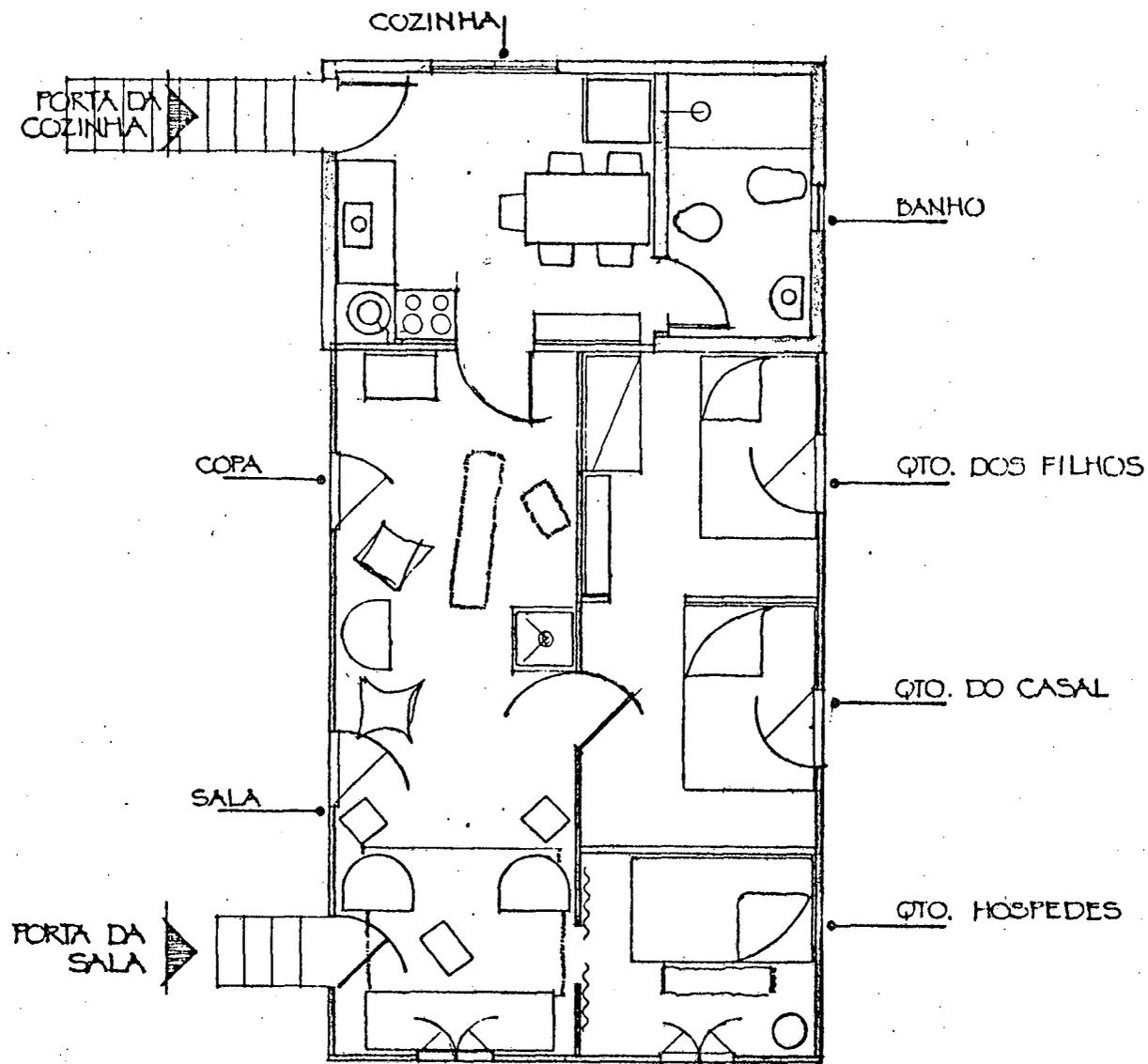
De outro lado, seu sogro (o pai de Célio), consultado sobre eventuais perturbações na sua privacidade decorrentes da / proximidade da família do filho, preocupou-se de colocar as vantagens de tal situação:

"Se precisa, o primeiro a gritar. Está vendo tudo o que acontece; cada vez que está passando, a coisa é diferente".

Assim, a posição da casa ficou em parte referenciada pela casa do pai, mostrando com isso uma relação existente entre a hierarquia familiar e um uso determinado do lote disponível; também ficou definida a casa dos pais como o local de encontro por excelência.

Já o ângulo esquerdo, o do par frente = social, é o local passivo da casa. Tudo é para se ver, para enfeitar: na parte de fora, o jardim arrumadinho; dentro, a sala permanentemente fechada, e a mobília característica - o jogo de estofados. (Ver figura 5).

Pela servidão é por onde pode chegar o desconhecido/



CASA • CELIO •
FIGURA 5

(geralmente o desconhecido é o funcionário da SUCAN* ou algum/vendedor ousado), o recanto da casa sempre está pronto para o inesperado, ele faz parte da convensão social.

Neste esquema de usos, o lugar esquecido é a parte / de trás da casa, nela ventilam e iluminam o banheiro e dois / quartos. Segundo Célio, o 'terreiro' é varrido metodicamente e no verão é o lugar ideal para ficar na sombra da figueira, mas como neste esquema o 'terreiro' não tem vez, Célio "fica mais na casa do pai".

Novos referenciais de localização espacial

A abertura de uma rua de terra posterior à localização da casa relativizou os 'fundos' como referencial espacial. Os fundos estavam caracterizados pela cozinha, pela porta de serviço dando para o quintal, pela janela de correr abrindo para o mato e pelo local destinado ao varal, e principalmente / por ocupar uma localização afastada do acesso público-social / (neste caso, a servidão). Com a abertura da rua, a situação / precedente ficou comprometida e Célio atualmente planeja a reforma que poderia vir a resolver a situação. A cozinha deve / permanecer no mesmo lugar (a relação com a família continua / sendo prioritária), mas modificações no acondicionamento ambiental poderiam vir a resolver o caso.

A situação não foi reconhecida de início: em aparência, a mudança da janela de correr que abria para o mato por / um basculante sobre o balcão da cozinha, abrindo para o quintal, obedeceria a motivos de "vento e chuva", conforme Célio, mas, no decorrer da conversa, os motivos são bem outros:

"A cozinha para a rua não pode, deve ter basculante. Pia sem basculante fica ruim".

* SUCAN: serviço domiciliar; registra os domicílios para proteção contra a malária.

A contradição aparece porque sendo a rua o domínio dos 'estranhos' e a cozinha o lugar privado da casa não deverá ser aberta para os desconhecidos.

Esse novo referencial espacial é de fato relacionado aos estranhos: é um referencial simbólico. Porque, no cotidiano, o uso antigo permanece; pela servidão que fica no caminho/ dos pedestres continua a entrar tanto a família quanto os carros.

Na história da mudança da localização da janela e do tipo de janela estão ocorrendo três níveis de respostas:

- Na mudança da localização da janela está presente o artifício para descaracterizar o local como cozinha e fechar o campo visual.
- Na mudança do 'tipo' de janela de correr por uma basculante/ (basculante é o tipo de janela tradicional Standar usado na grande maioria das cozinhas brasileiras) pareceria que existiriam certas associações (entre forma e uso), onde o significado implícito adquire um valor tão forte para o grupo que exige uma única resposta, neste caso uma forma predeterminada.
- A mudança também leva implícito mecanismos usados pelos pobres em suas construções. Numa primeira etapa pode vir a ser usada com sentido de 'provisoriedade' numa segunda etapa, / ela pode vir a ser mudada pelo tipo indicado no caso. Os mecanismos são flexíveis e as idéias são definidas.

Neste caso, os opostos: privado X público - social / apresentam uma nova conotação. O uso da casa do filho tem um uso mais restrito ao casal; entretanto, a casa dos pais termina por ser o centro aglutinador do grupo familiar.

Casa Ilse - Vargem Alta - município de São Pedro de Alcântara.

"Chega visita e é recebido aí; os parentes do pai do Paraná às vezes são recebidos na porta da sala da frente".

Moradora colona falando sobre a importância de ter sala de visitas.

A paisagem predominante neste local é de morros altos com rios e cascatas. Terra de colonos, em sua grande maioria de ascendência alemã, com duas ou três gerações no Brasil e mesmo na região. Casas semiagrupadas que aparecem dispersas tendo a construção da igreja como um referencial da comunidade.

É uma família numerosa, de onze filhos, sendo que hoje vivem na casa o casal e mais dois filhos jovens. O grupo familiar assim composto trata diariamente da criação, trabalha na roça e num alambique, acumulando uma renda variável de dez a quinze salários mínimos segundo as épocas do ano e a oscilação dos preços dos produtos no mercado.

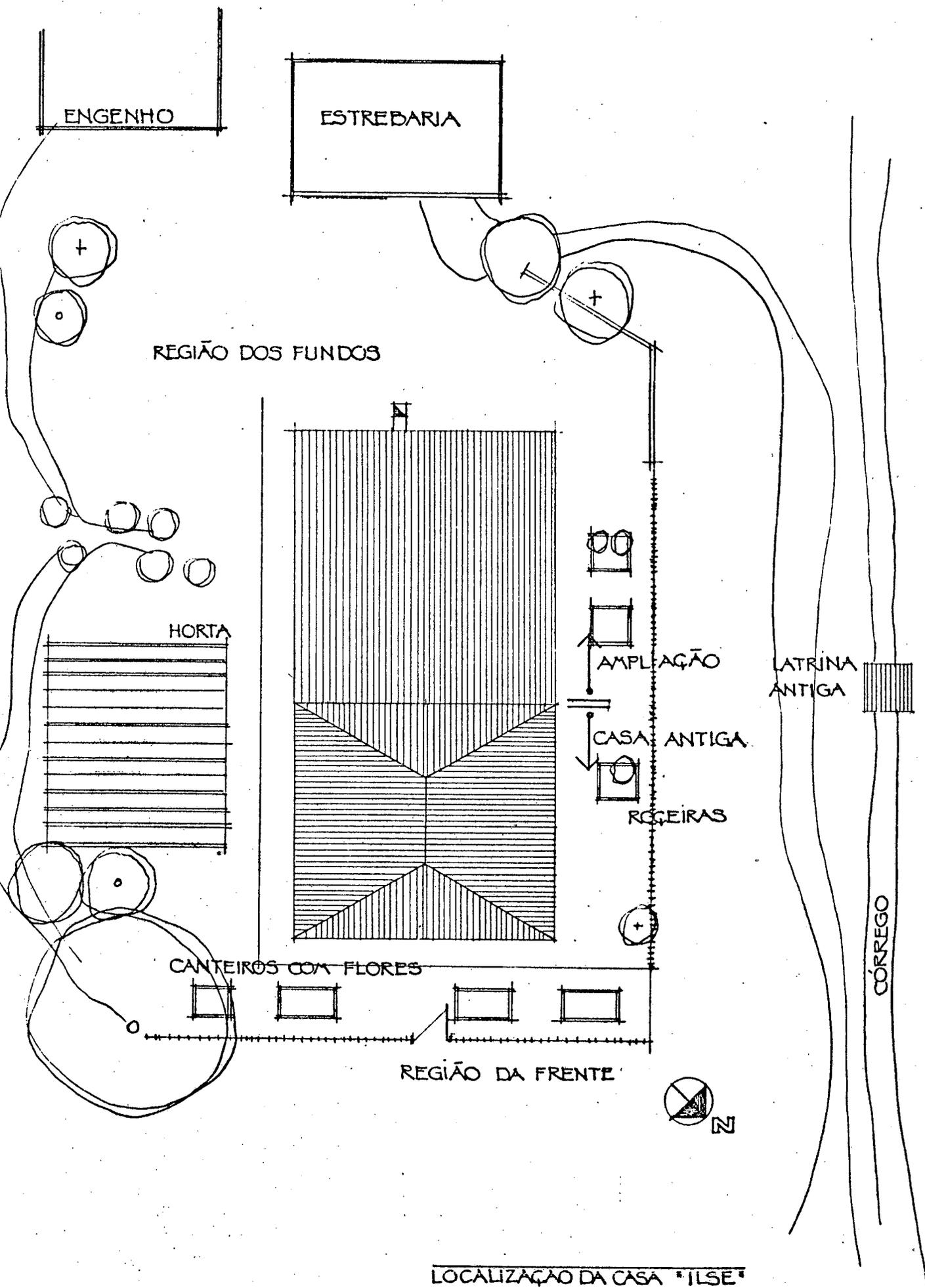
Os referentes espaciais continuam terra adentro.

Faz vinte e seis anos que a família mora no mesmo lugar, treze anos numa casa de madeira, perto do próprio local, o restante na casa atual. A casa, localizada num ponto alto do terreno, aparece num primeiro plano entre outras construções menores tais como o engenho, a pocilga, a estrebaria, o galinheiro e a latrina. Canteiros de flores foram feitos na frente da casa, horta na lateral e uma cerca de madeira que limita a frente e as laterais da mesma. Na distância não aparecem sinais arquitetônicos visíveis da casa, provenientes do telhado, 4 águas, nem de um maior trabalho na fachada que fos

se indicar a frente da mesma. Aliás, pelo plano avançado da construção em relação às construções menores, pela única porta de rua que dá de se ver, a da sala, e pela porteira não existe nenhuma dúvida a respeito de qual é a frente desta casa. (ver fig. 6).

Passos construtivos, a ideação é convidada.

A casa onde hoje eles moram tem uma antigüidade de reforma de quatro anos. Esta foi planejada até com a pintura de uma vez só. Alguns materiais como tijolos ou a telha brasil foram comprados com antecedência à construção; a madeira utilizada o próprio homem tirou do mato; o resto foi comprado na medida do que era necessário - tudo na base de poupanças anteriores. A construção durou de três a quatro meses e foi feita por um lado pelo filho maior que "entende de tudo", e por outro por um construtor das proximidades em troca de uma antiga dívida que tinha com a família pela venda de produtos da lavoura. Uma vez mais os materiais acumulados nos tempos possíveis, junto à mão-de-obra da família e conhecidos se rão os métodos que tornam realidade as construções populares. Entretanto, a planta desta nova construção fora desenhada pelo construtor. A ideação foi obra do casal, principalmente do homem. Não limitando-se este a decidir quais seriam os locais necessários e que distribuição espacial deveriam ter senão / que pontualizando as características dos mesmos quanto ao / grau de acabamento. A construção só deveria ser "bem feita" - nha", os azulejos que revestiram e enfeitaram o fogão à lenha recorreram a "cozinha" e a "varanda" desta casa, não chegaram ao teto só porque a senhora não permitiu. Aliás com a colocação de pisos cerâmicos nestes locais e a cor clara das paredes que segundo o dono de casa a cor clara dá maior luminosidade e sensação de limpeza, poderia-se compor o quadro do /



LOCALIZAÇÃO DA CASA "ILSE"
 FIGURA 6

"bem feitinho" contra o improvisado não desejado. A ideação / dos donos da casa não fica restrita ao fato formal, ela investe-se dos ideais da própria família que, no caso da casa, expressam-se, entre outras coisas, através do nível do acabamento que deverá ser liso para facilitar a limpeza e luminoso para realçar esta ainda mais.

Distribuição espacial versus sexo

A casa original estava formada por dois corpos separados. A casa da 'frente' que por fora era de material e in - ternamente com divisões de madeira; com quatro quartos, sala e cozinha. Tudo de uma boa construção, numa área de 55 m² e a casa 'de trás' (a estrebaria) com um quarto, despensa e uma cozinha grande, de características mais precárias construtivamente, toda de madeira e pilares de tijolos. Fora a latrina .

Nos primeiros anos de estada da família nesta casa, do corpo da frente foram usados um quarto para hóspedes, dois para as mulheres e o restante para o casal (este último era o único que estava orientado para a região de trás). Entretanto a sala fora usada como local de recepção e a cozinha como recriação visual. Três anos depois ficam na casa só duas filhas que passam a ocupar um quarto só, ficando assim o restante / também para hóspedes. Na parte de trás o quarto fora destinado para os homens e como local para tomar banho, inclusive as mulheres. A cozinha, com fogão à lenha, mesa, bancos e máqui - na de costurã passou a ser o local de trabalho e estada durante o dia. Pela descrição da casa da frente esta por um lado / poderia ter alojado os homens em condições menos precárias / que a estrebaria - casa de trás, por outro lado poderia ter sido usado o local cozinha de dentro com alguma das tarefas /

que se desenvolviam atrás. No entanto, a casa da frente foi destinada para o social e o íntimo. Sendo que este último foi dividido por sexos, dando assim para a casa de trás o quarto dos homens junto ao cotidiano da família.

Vemos assim que nos critérios utilizados para a distribuição espacial no que tem a ver com o uso íntimo, vai prevalecer um critério de separação dos sexos em contrapartida/ a locais com características "adequadas". O costume seria nesse caso extensivo também ao grupo familiar:

"Na casa do tio, os rapazes bem na cozinha!"

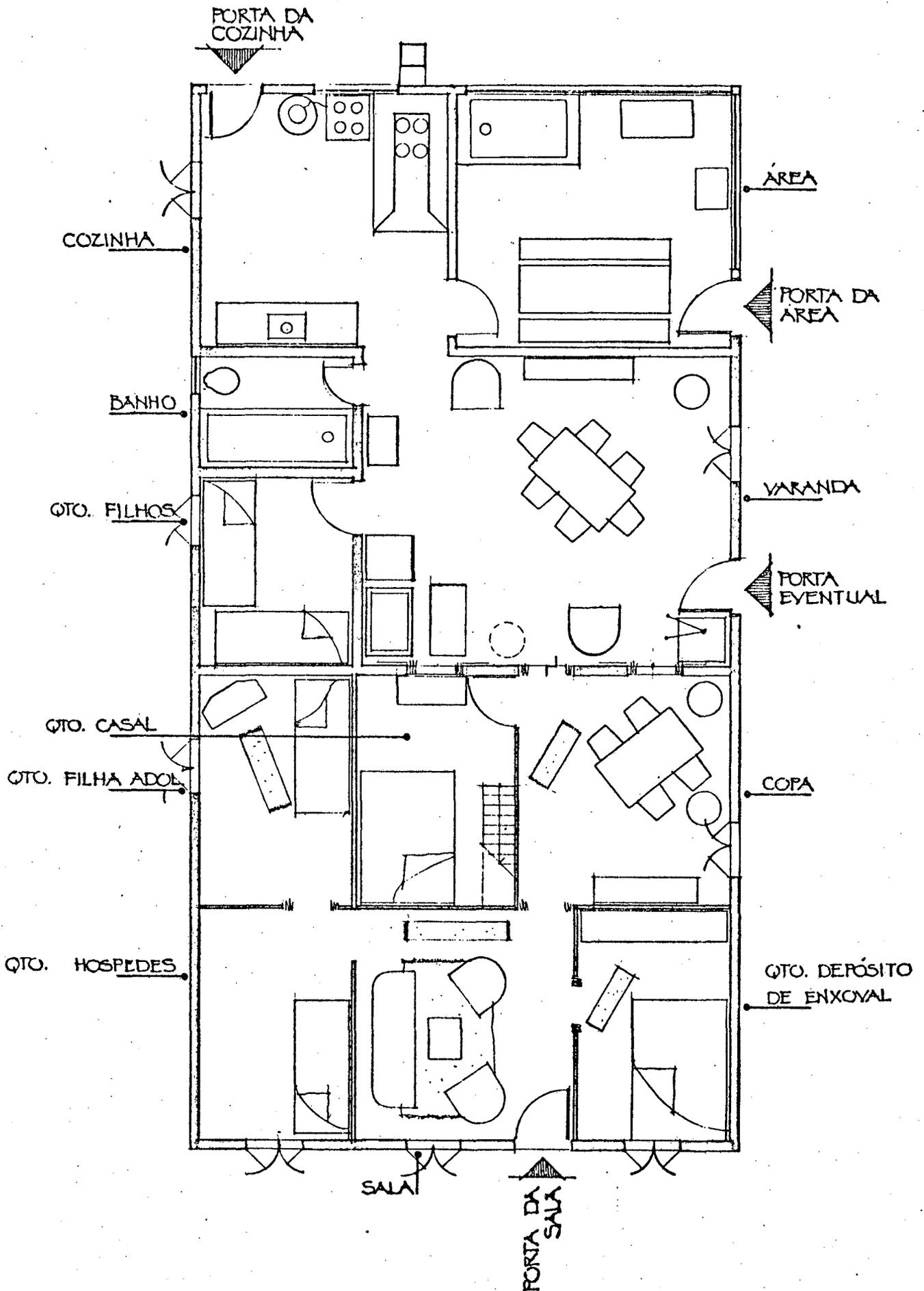
"Na casa do seu Pita, embaixo os pais, no sobrado os filhos de diferentes sexos, mas cada um com seu quarto".

segundo depoimento de uma das filhas.

Na hora da reforma continua a mesma situação, por um lado é feito um quarto novo para os homens, sendo que existem dois livres para hóspedes; e por outro pela nova construção feita a continuação da casa o quarto dos pais fica com a janela dando para a "varanda", ao invés de dar para a rua, tirando assim a iluminação e ventilação direta. Pelo discurso e critérios do chefe da família empregados na nova construção / esse quarto é inadequado. Mas pelo esquema de distribuição espacial por sexos, esse quarto continuaria a funcionar como uma divisória onde ficariam mulheres na parte antiga, homens / na parte nova (ver fig.7).

Os locais substitutos da cozinha de trás.

A construção nova, toda em alvenaria, que como já foi visto fora feita a continuação da casa da frente, consistiu de um quarto, uma "varanda", uma "área de serviço", uma "cozinha" e um banheiro que representou 67 m² de área construí



CASA "ILSE"
 FIGURA 7

da nova e uma área total de 122 m².

Esses três locais, varanda, área de serviço e cozinha, todos nomes dados pelos donos da casa vieram como substitutos desdobrados da cozinha de trás.

A área de serviço foi orientada para o NE para ficar protegida dos ventos e desta forma poder colocar treliça nas paredes laterais exteriores, ao estilo da área da casa / "Bernadette" e da casa "Neusa", deixando assim este local de características semi-fechada, propício como local de trabalho. Esta situação de ventilação permanente foi duplamente aproveitada, pela colocação de uma janela basculante alta na parede/divisória com a varanda.

Por acabamentos recebeu só lajotas cerâmicas como / piso e um tanque grande de cimento feito in situ. Como mobília, uma mesa e dois bancos compridos feitos em casa, um armário velho e uma mesa pequena com panelas encima. Neste local / é onde se fazem todas as refeições da família que em contrapartida a rusticidade da mesa ela recebe toalha de mesa em cada refeição e prévia oração do grupo familiar. Neste local / também é lavada a roupa, preparada a comida, amassado o pão; lavada a louça e as panelas. É um local de aspecto ordenado e limpo, que contrastando com sua imagem austera dada pela ausência de 'jogos' ou de melhores acabamentos construtivos, recebe em latas penduradas das treliças flores da estação para segundo uma das filhas, deixar "mais lindo o local". Esta área diferencia-se das áreas das casas "Bernadette" e "Neusa" na ausência total de fogos (nem de lenha, nem de gás). Entretanto, como local semifechado, quase sem acabamentos de nenhuma natureza 'social', por ser local de trabalho e das refeições diárias, ele à semelhança da casa "Bernadette" e da casa "Neusa" é um local privativo da família. Nesta situação específica ficaria ainda mais valorizado por ser também o local da

oração.

A cozinha recebeu outro acabamento, piso de melhor/qualidade cerâmico, claro, azulejos até uma meia-altura (1,35 m), janela basculante de ferro para os fundos encima do fogão à lenha e janela guilhotina de madeira para a lateral dos canteiros de flores; a conexão entre a cozinha e a varanda foi feita sem a porta e com o vão (segundo o homem da casa) o suficientemente largo "para que a senhora quando está cozinhando e tem visitas possa conversar com as pessoas e/ou para poder ver televisão desde a cozinha quando está trabalhando". Foi acondicionada com um balcão de pia, um fogão a gás com / seu botijão de cobertura enlouçada, e o fogão à lenha, desta vez todo revestido com azulejos que são os mesmos colocados / na parede. Sobre os motivos de tal colocação, a senhora falou que era porque "assim é mais bonito". A cozinha assim é o local destinado para fazer a "bóia"; o fogão à lenha é aceso duas vezes por dia, cedo e de tarde quando voltam da roça. O fogão a gás é usado para casos rápidos: arroz, batatinhas ligeirinhas, mas igualmente com o outro fogão aceso para esquentar a água.

Esta cozinha ficou por um lado ligada diretamente a o exterior pela região de trás, por ela saem e entram quando/vão para a roça ou para fazer qualquer tarefa cotidiana como cuidar dos animais, da horta ou trabalhar no engenho. Esta / porta permanece sempre aberta. Por outro lado ela foi concebida ligada diretamente com a varanda. Por ser o acesso de rua / proveniente da região de trabalho, e pela existência dos 'fogos' ela é intensamente usada, mas este uso é de trânsito ; quando é usado o gás é "só comida rápida", quando é lenha fica cozinhando-se o já preparado na área de serviço, assim, a "gordura" ficou nas mãos dos azulejos, janelas de rua e chaminé. O fogão à lenha, prévia participação do mesmo enfeite /

do entorno, através da colocação dos azulejos, em contrapartida às outras casas estudadas, poderia ter duas razões que explicariam sua presença neste local. A primeira é evitar a passagem instantânea do calor a água fria do tanque (este encontra-se na área de serviço), a segunda ligada à região da serara, nestas regiões as noites de inverno são mais frias. Aceso o fogo, que é todo dia, ficaria quente também a varanda que é o local de estar da família nesta hora. Nesta cozinha existiu um critério masculino na hora da ideação, até agora vimos que a cozinha é o local enquanto domínio da mulher, mas aqui o homem gosta de cozinhar e pensou na conexão visual com a varanda que entre outras coisas está o televisor. Pelos acabamentos deste local e a conexão visual com a varanda pode-se dizer que elas foram ideadas de forma complementárias, sendo / comparáveis às "cozinhas de dentro" ou "copas" das casas anteriores.

A varanda - local de maior dimensão - no esquema / funcional da casa, ocupa um local central, ubicada entre a sala de jantar, o quarto dos homens, o banheiro e a cozinha. A ela abrem as janelas da sala de jantar e a janela do quarto / dos pais, que como vimos antigamente davam para a rua; hoje elas ficam permanentemente abertas enfeitadas com cortinas parecendo quadros; as únicas portas são a que dá mesmo para a rua, que é usada só nos fins-de-semana quando ficam mais tempo na casa e/ou chega mais gente e a que dá para o quarto dos homens; a porta antiga da sala de jantar foi tirada e em seu lugar foi colocada uma cortina recolhida numa lateral, "cortinas em todos lados prá enfeitar".

Este local tem o mesmo acabamento que a cozinha, piso cerâmico e azulejos até 1,35 m de altura, no entender do / homem, como já fora falado, tivesse preferido até o teto porque acha que dá mais sensação de frescura e limpeza. No caso,

a senhora gosta de meia-altura e foi respeitada sua preferência, aliás por este motivo foram pintadas internamente as paredes de branco para conseguir a luminosidade e sensação de limpeza que desejava o dono da casa. Foi mobiliada com um jogo de mesa, (esta colocada inclinada), 6 cadeiras e armário / para guardar louça, tudo em cor amarelo; um jogo de sofá cor laranja, uma geladeira e um freezer (presentes da filha casada da cidade), máquina de costura e televisão, vasos de flores penduradas do forro, enfeites sobre a mesa da copa e flores plásticas; a varanda é usada para guardar louça, armazenar alimentos na geladeira e freezer, costurar nos dias de / chuva que não dá para ir na roça e assistir de tarde televisão diariamente. Semanalmente, quando chega a família e/ou amigos dos filhos, nestas ocasiões é quando a porta da rua permanece aberta. A varanda fica assim caracterizada como local intermediário entre a zona propriamente de trabalho e os locais destinados ao social - visual e íntimos. Ela é o local de lazer/ da família e/ou de trabalho feminino dentro de casa. Esta situação vai ter que ver com as cozinhas de dentro das casas / COHAB'S que trataremos oportunamente.

Questão sanitária, patrimônio do grupo envolvido.

O banheiro é o outro local da construção nova. Ele/ é um local estreitinho, que no sentido de comprimento tem numa lateral uma banheira feita "in situ", e na outra, que fica como corredor, um vaso num extremo e a porta no outro que abre internamente encostando-se na parede. Pelas dimensões do local banheiro que limita de antemão a quantidade de artefatos sanitários, balcão e/ou armários dentro dele e pelas considerações de uma das filhas sobre as vantagens que implicam/ não haver mais necessidade de esquentar água para tomar banho

o banheiro é um local que nesta casa entra por considerações/funcionais primárias tal o caso do chuveiro e do vaso. Questões de outra ordem, como discriminação de locais 'sujos' que devam esconder-se ou eliminação de valas a céu aberto com detritos que atravessam os campos não são situações conflitivas/para os donos da casa nem para o grupo dos arredores. O seguinte texto da entrevista é demonstrativo de tal colocação:

- Com a latrina não tinham moscas ou mal-cheiro?

"Não tinha, água da valinha desembocava no rio. Você viu que tínhamos a latrina acima da valinha, ia tudo sempre correndo".

- Mas não tinham problemas com água para tomar, que estivesse contaminada?

"Não, porque vinha debaixo da terra em mangueiras, vinha lá de cima do mato".

- E se alguém pegava do rio?

"Não, sabem que não é para tomar".

Pelo visto, sujo ou poluído não são valores do grupo, o que /prevalece na questão sanitária são critérios de comodidade.

As salas: convenção para os de fora, bonito para os de dentro.

A sala de jantar é a antiga 'cozinha' de dentro da casa, mobiliada com um jogo de fórmica azul, com mesa, 6 cadeiras e o armário. A mesa colocada uma vez mais inclinada, como na varanda, com enfeites encima dela. Plantas penduradas do forro e colocadas numa estrutura de pé. O uso deste local/não tem mudado, a única mudança é o nome. Continua a ser o local aparentemente só de uso visual, nas palavras do homem: /"aqui tem flores, é bonito, não é usado nem para guardar louças".

A sala, também de construção antiga, com porta e já nela abrindo para a rua, é um local de dimensões médias, ao qual abrem outros locais: os quartos de hóspedes, a sala de

jantar e o quarto da filha através da servidão de um dos quartos de hóspedes (ver figura 7). A sala está mobiliada com um jogo de estofados de tecido claro, que pela excelente aparência já dá de se ver que quase não é usado. Ele encontra-se separado das paredes e colocados frente-a-frente à mesa de centro com tapete embaixo. Da colocação dos móveis poderia-se supor que foi para deixar espaço às inúmeras circulações a que foi solicitado este local. Já a disposição formal de tais móveis dá a impressão de um local preparado para receber os de fora. Nas paredes estão pendurados quadros significativos da família: a fotografia do casamento e quadros religiosos, e nos vários vãos, cortinas leves tomadas numa lateral com laço. No depoimento da senhora, a sala é o local usado para visitas. Entretanto, a frente da casa é onde está localizada a porta da sala. Esta relação marca uma vez mais frente = sala = rua como trinômio referencial sócio-espacial. A citação seguinte de uma das filhas reforça o anterior:

"Chega visita e é recebido aí, os parentes do pai do Paraná às vezes são recebidos / na porta da sala da frente. Se não tivesse essa sala não teria graça nenhuma, gosto de ver o jogo de sofá".

Os parentes do Paraná vêm de uma a duas vezes por ano. Pelo / que se deduz, a periodicidade do uso proposto pelo local (receber gente) não interessa, é mais importante que o uso, a existência do local por se ... algum dia é necessário. Por outro lado a estética é outra variável de peso importante para a existência de tais locais, no caso sala e sala de jantar.

1.5 Casa "Silvestre". Colônia Santana-São José.

A casa "Silvestre"; de acordo com os objetivos deste trabalho, fora considerada somente como reforço de alguns dos aspectos já tratados nos exemplos anteriores.

Quando construíram o Hospital "Colônia Santana" no município de São José, destinado ao atendimento de doentes mentais, também foram construídas casas para médicos com o intuito de fixá-los nas proximidades. Entretanto, em função da desistência dos mesmos, as casas acabaram sendo ocupadas por funcionários de menor nível sócio-econômico. Posteriormente, outros funcionários começaram a invadir as terras da Colônia para construção de suas próprias casas, à revelia do administrador do hospital, que inclusive demoliu algumas. Entretanto, a invasão transformou-se em hábito e hoje é um fato aceito pela administração do hospital.

Neste contexto surge a casa "Silvestre", construída num terreno cedido por parentes, fruto de invasão anterior. Há sete anos atrás ela foi erguida e coberta pelo chefe da casa com a ajuda de familiares num tempo mínimo de construção (três dias). No entanto, sua finalização demorou oito meses, sendo que a pintura exterior e o piso da varanda de fora, não conseguiram acabar até agora.

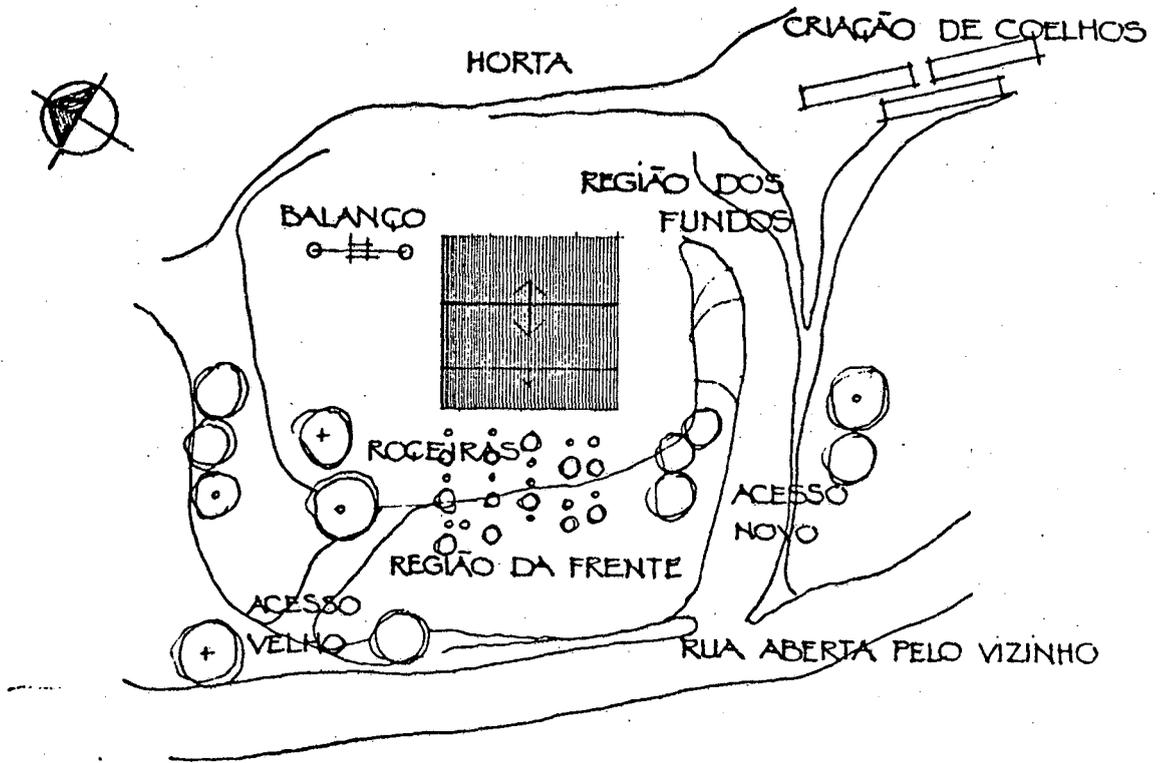
Na época da construção, a família era composta pelo casal e uma criança de alguns meses. Hoje, com três filhos e uma renda média variável de 3 à 6 salários (dependendo das horas extras no próprio hospital ou de bicos como pedreiro), torna-se mais difícil completar a construção, tanto por falta de

dinheiro quanto de tempo.

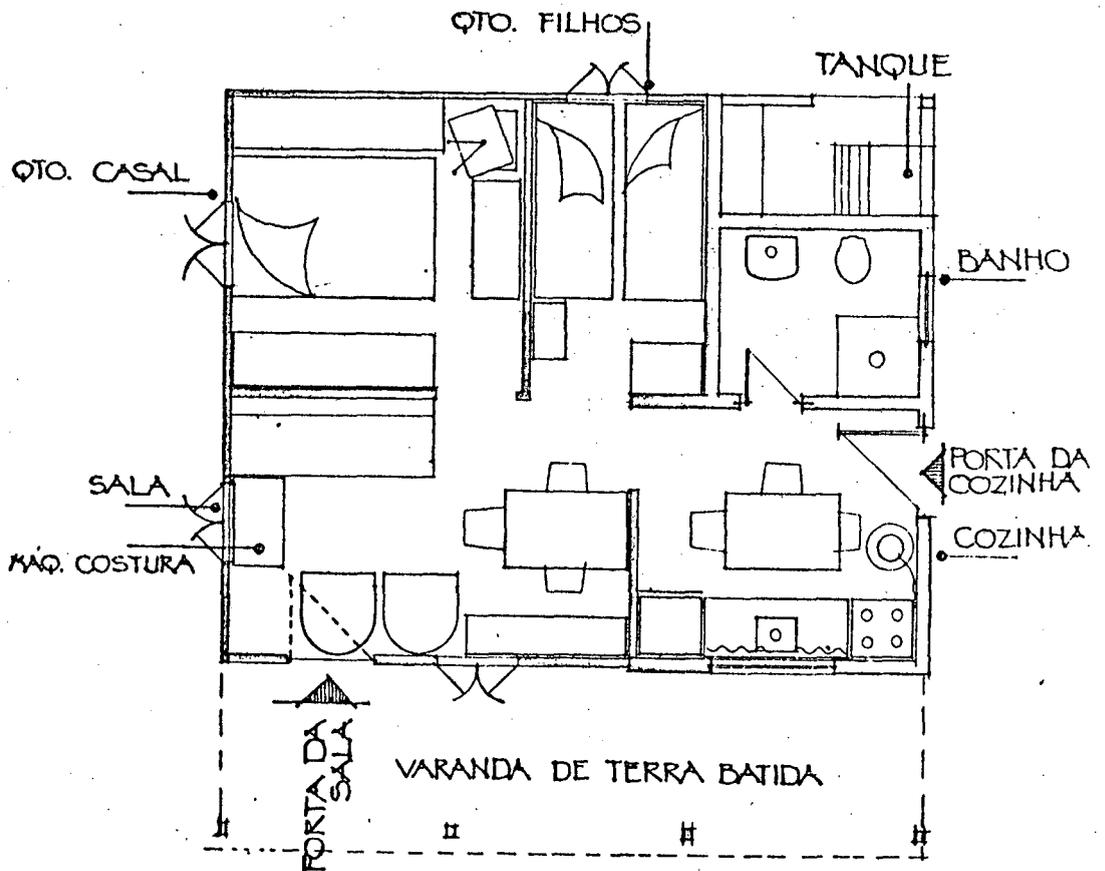
A casa foi feita com base no esforço próprio, comprando materiais aos poucos e tendo como poupança inicial uma pequena herança da mulher. Possui dois quartos, sala, cozinha e banheiro internamente. Na parte externa, fora construída uma varanda na frente, ainda sem piso e um puxadinho aberto numa das laterais onde instalaram um tanque. É uma construção mista, onde quartos e sala foram feitos em madeira e banheiro e cozinha em material, ambos com azulejos e piso cerâmico. O banheiro abre diretamente para a cozinha à semelhança de exemplos anteriores (ver figura 8).

Mobília x Local

Para mobiliar a casa, foram usados os jogos de quarto, sala e copa que o casal possuía anteriormente à construção. Pelo que se observou, particularmente na sala, este local não parecia possuir as medidas adequadas à mobília existente, dando assim um imagem de entupimento, fato observado também em outras casas pesquisadas. A sala era pequena, de forma retangular, com as janelas dando para a lateral e frente da casa; com vãos dividindo o quarto de casal e a cozinha; tendo ademais porta para a rua, observa-se que a mesma apresenta um excesso de aberturas em relação ao tamanho da mesma. Em síntese, esta situação dificulta a organização espacial do local. No entanto, foi mobiliada com um jogo de sofá, um corpo grande e duas poltronas, encostadas nas laterais, trancando assim a porta da sala. Também foi colocado um jogo de copa, constituído de mesa, cadeiras e um armário. A mesa teve que ser



LOCALIZAÇÃO DA CASA "SILVESTRE"
 FIGURA 9



CASA "SILVESTRE"
 FIGURA 8

encostada na divisória com a cozinha e o armário na parede da frente, deixando assim a janela com dificuldade para ser aberta. Entre as poltronas, colocaram uma máquina de costura. Enfim, do ponto de vista visual é uma sala literalmente trancada.

Pelo exemplo supracitado, poderíamos dizer que a móvel usada, traduzida pelos "jogos", independe da área disponível da casa. Pelo visto, o entupimento de certos locais da mesma não representava constrangimento aos moradores.

Quando a porta torna-se símbolo

Na hora da localização da casa no terreno, a fachada frontal fora colocada de frente para o sendeiro por onde chegavam os carros. A porta da sala também foi colocada nesta direção, protegida pela cobertura da varanda e definindo assim o acesso "nobre" à casa. Após dois anos, o vizinho alargou a rua para permitir a passagem do seu carro e este fato possibilitou a abertura de um novo acesso para a casa "Silvestre" (ver figura 9). Agora há um acesso com inclinação menor que facilita a entrada de carros no próprio lote, mas que vem desembocar justamente na região dos fundos, mais precisamente em frente à porta da cozinha (local por onde nós entramos na casa). O antigo acesso à casa, caiu em desuso.

Assim, esta nova situação de acesso para a região dos fundos além do entupimento causado pelos móveis dentro da casa, o qual obrigava a manter trancada a porta da sala, incentivou novamente minha curiosidade sobre a relação entre os usos reais dado às portas e locais e os significados assinala-

dos aos mesmos. Se a porta da sala não era usada, porque ela deveria existir? A resposta, como sempre, foi categórica:

"Chega uma visita, ou parentes, colegas da gente e entram pela porta da sala. A gente mais conhecida pela cozinha".

(Dono da casa "Silvestre")

Uma vez mais, o discurso do informante entra em contradição "aparente" com o hábito do dia-a-dia, onde a porta da cozinha é a única utilizada.

Domínios x Sexo

Esta casa, apesar de ser pequena para as necessidades da família pesquisada, tem os domínios espaciais claramente delimitados. O homem fica na rua, seja tratando da horta ou jogando dominó com os colegas na varanda. Entretanto, a mulher permanece na cozinha, único local da casa enfeitado com cortinas na janela e que ela considera o local mais gostoso. Assim, em suas próprias palavras:

"Eu faço e o que eu fiz fica feito . Sinto que é meu, ninguém faz comida; é meu".

1.6 Casa "Nicolau". Colônia Santana - São José.

Esta casa fora escolhida para ser usada comparativamente, dada a disparidade dos usos propostos especialmente em relação às outras casas já tratadas. Nestes termos, será desenvolvida oportunamente no capítulo 3. Assim, cabe aqui somente a apresentação dos dados gerais.

A família que nela mora é composta pelo casal, duas filhas de 13 e 15 anos, um menino de 7 anos e um caçula de 7 meses. A renda familiar equivale a 10 salários mínimos provenientes do trabalho de ambos no hospital.

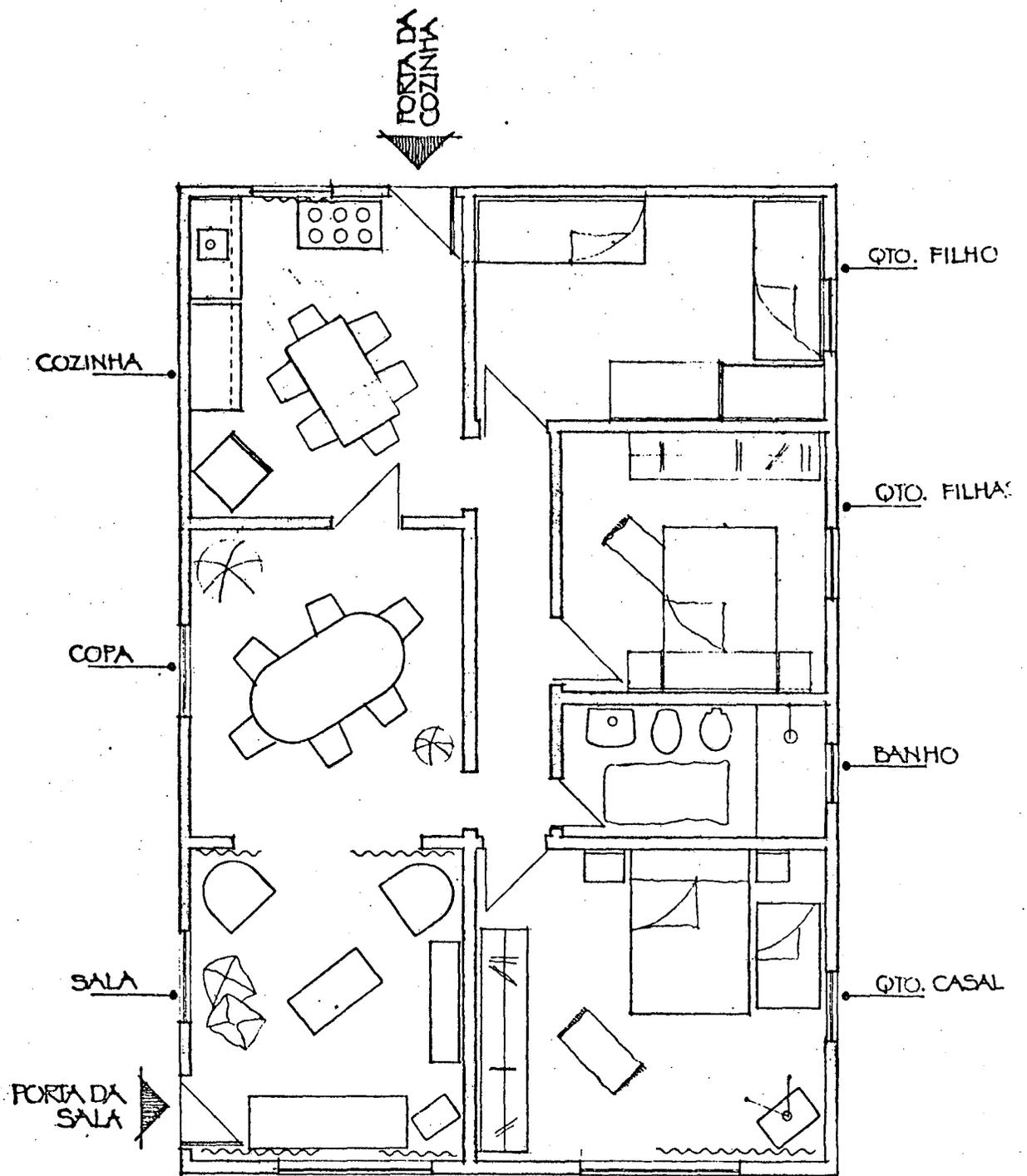
A casa, encontra-se nas terras do hospital em condições semelhantes à casa "Silvestre". Entretanto, por ter sido construída num período administrativo mais permissivo, teve a oportunidade de ser feita em etapas, demorando ao todo 1 ano e 4 meses. A planta da casa foi ideada por um engenheiro da cidade, desconhecido aos informantes, porque esta lhes fora entregue em troca de favor "político", não ocorrendo o mesmo com o planejamento econômico. O planejamento econômico feito pelo dono da casa, consistiu na venda de um carro; prestações nas lojas de materiais de construção; pagamentos mensais ao pedreiro e servente, ao invés de semanal como habitualmente se faz. Além disto, houve uma interrupção de 6 meses entre a primeira etapa: alicerce da casa, paredes, madeiramento de cima e cobertura; e a segunda etapa: reboco, forro, taco, aberturas, azulejos, piso e pintura interna. A pintura da parte externa foi feita com a família já instalada na casa. Neste planejamento, o impulso inicial foi a venda do carro e a concretização aconteceu com 13º salário e adiantamento de férias .

No final, ficaram com uma casa de três quartos, sala e copa conjugadas, cozinha e banheiro no interior da mesma (ver figura 10). Para uma família como a de Nicolau com 4 filhos e uma renda média mensal de 10 salários, uma casa de material com 96m² de área coberta, ar e sol pelas quatro frentes, é um ideal que muitos pretenderiam alcançar. No entanto, para isto tornar-se verdadeiro, no caso relatado, a dona da casa considera que deveria começar-se por:

- . Localizar a casa novamente no lote;
- . Retirar o corredor que a casa possui internamente;
- . Construir uma cozinha maior;
- . Construir uma copa menor;
- . Retirar o banheiro do local onde está e localizá-lo no fundo, próximo à cozinha;
- . Retirar a porta da cozinha que conecta com a copa e fechar este vão.

Pela quantidade de mudanças que deveriam ser feitas nesta casa, percebe-se o grau de descontentamento existente. As razões mais próximas e que explicam esta desconformidade, baseiam-se em que a ideação, enquanto concepção espacial, corresponderia à outro destinatário social. A título de exemplo, vou me referir ao primeiro ponto supracitado, deixando os restantes para desenvolver no capítulo 3.

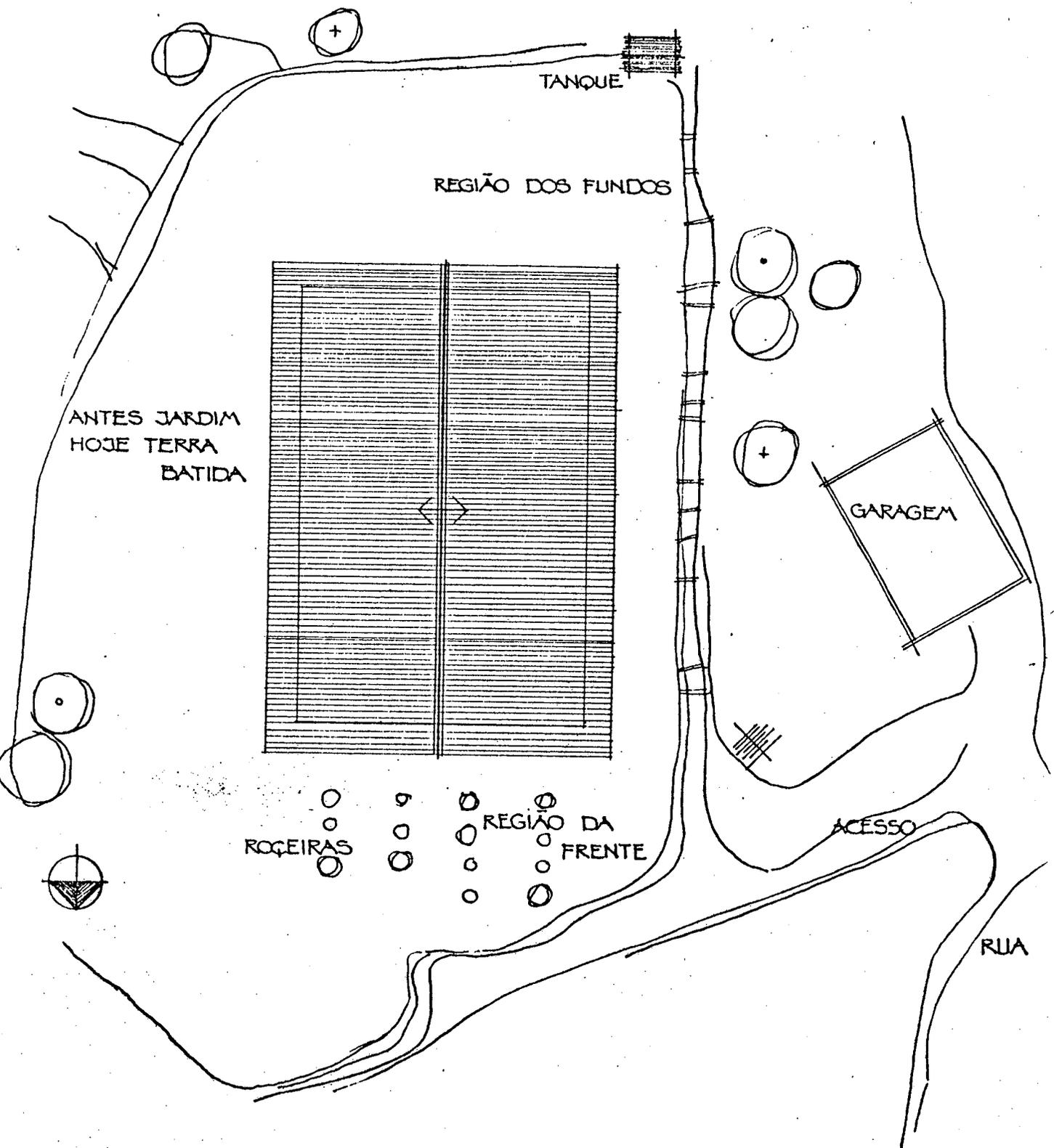
A casa foi localizada pelos próprios donos, com sérias dificuldades de leitura de plantas, inclusive por parte do pedreiro contratado (situação corriqueira na região). Este, orientou a porta da sala na direção oposta ao acesso de rua, sendo feito um tratamento exterior de embelezamento da frente,



CASA "NICOLAU"
FIGURA 10

com grama e uma carreira de rosas, privilegiando assim a frente opcional através do jardim. Esta localização escolhida, porta da sala na direção oposta à rua, contraria as localizações estudadas anteriormente (ver figura 11). Acontece que se esta casa tivesse sido localizada de maneira inversa, com a porta da sala voltada para a rua, a porta da cozinha também daria para o acesso principal, definindo de fato uma nova região dos fundos, contrariando também a relação frente-fundo.

Vemos assim, que este esquema de planta não correspondia as características do terreno em relação as ruas próximas e aos referenciais sócio-espaciais da família pesquisada. Corolário: três anos depois, tempo da pesquisa, fora tirada a grama, ficando apenas a terra, passando a receber o nome de terreiro ao invés de jardim. Este, era varrido diariamente pelo dono da casa, tarefa comum para a manutenção dos terreiros.



LOCALIZAÇÃO DA CASA "NICOLAU"
 FIGURA 11

2.

Casas COHAB'S

Como já foi adiantado na Introdução, na pesquisa de campo foi perfilando-se mais nitidamente os paralelos do modus vivendi das casas COHAB'S com as casas 'rurais'. Primeiro com o sentimento daquelas fases ainda muito intuitivas, onde aparecem sinais formais junto a palavras-chaves e imagens cortadas, porém globalizantes, logo já com aquele material farto que na hora do processamento dos dados e codificação dos mesmos voltam a aparecer os mesmos sintomas, as mesmas imagens desta vez possíveis de ser apreendidos e apresentados em sua dimensão real, porém sem pretensões de serem conclusivas, mas bem de caráter exploratório, tipo: porta aberta para a pesquisa e de utilidade enquanto diagnóstico para aqueles que em representação do homem do povo, determinam, analisam, imaginam, executam e ficam com a consciência tranqüila do "fiz tudo o que estava ao meu alcance", "a realidade não te permite", "o econômico é o que direciona". Os argumentos nunca acabam, de ordem técnica, de ordem política, entretanto, o homem do povo ao lado deles, mas sem ser visto, planeja, constrói, vive, desmancha, idealiza, planeja, constrói, vive...

2.1. A dinâmica operacional da COHAB - S.C.

Conjuntamente à pesquisa de campo das casas financiadas pelo BNH* para baixa renda, na época nas casas do Conjunto Monte Verde em Saco Grande, foram feitas entrevistas informais com profissionais da COHAB/S.C. As informações seguintes correspondem a dados fornecidos na época; elas servem ao leitor/para uma visão sucinta dos caminhos por onde transitam os projetos que logo serão as casas COHAB'S conhecidas por todos. Por ter acontecido mudanças no desenrolar do trabalho, estes dados foram considerados só como complemento do mesmo, considerando-se que sua atualização ou aprofundamento não mudariam as linhas levantadas no trabalho geral.

A COHAB atualmente é constituída por três diretorias a Diretoria Técnica, a Administrativa e Financeira e a de Operações Imobiliárias (ex Planejamento).

A Diretoria Técnica é formada pelas áreas de Projeto, Análise de Projeto (caso os projetos sejam elaborados fora da Instituição), Fiscalização de Obras e Divisão de Avaliação/ e Topografia.

A COHAB é parte de um processo que se inicia na fase da demanda habitacional, sendo tal processo concluído em parte quando o usuário beneficiado toma posse da moradia.

A demanda habitacional é pesquisada e também manipulada por diferentes agentes. Num primeiro caso, quando o trabalho é feito pela COHAB, a pesquisa é realizada em todos aque -

* O BNH foi extinto pelo decreto-lei que instituiu o Plano Cruzado II em novembro de 1986.

les municípios do Estado que possuem a densidade populacional/necessária para a viabilidade da construção e, em especial, na Grande Florianópolis, onde se mantém cadastro permanente.

O trabalho preliminar da pesquisa é realizado junto/ aos órgãos públicos, tais como Prefeituras, dependências do IBGE, do IPUF, etc., para efeito de se ter um estudo sumário do município. As informações requeridas aportam dados de: infraestrutura, equipamentos, economia da região, densidade populacional, ocupação, etc. Paralelamente, é realizada a pesquisa / de campo para se obter um perfil sócio-econômico do futuro usuário em potencial, incluindo as expectativas de tais usuários no tocante à preferência do lugar para morar, equipamentos necessários, etc. Estas pesquisas irão determinar os locais que necessitem atenção especial por parte da Instituição e o padrão que será oferecido em face da renda do usuário em potencial.

Num segundo caso, quanto a outras situações possíveis, trata-se da "necessidade" como fruto de promessas políticas, tal o caso das Prefeituras que colocam na sua plataforma/ a construção de novas moradias para assegurar seu eleitorado e terminam exigindo da COHAB a satisfação de tal necessidade.

Num terceiro caso, o agente envolvido refere-se às construtoras que, dado seus fins lucrativos, interessam-se em pesquisar os locais onde exista necessidade habitacional, pesquisando também os possíveis terrenos edificáveis e encaminham as propostas definidas para a COHAB. Em síntese, o processo é muito heterogêneo.

Uma vez aceita a demanda habitacional, inicia-se outra etapa. A procura do terreno, que já vimos, pode ser tratada junto com a demanda (como é o caso das construtoras) ou por doação dos lotes no caso das Prefeituras, mas em qualquer si -

tuação é feita uma vistoria a cargo dos profissionais da COHAB, da Divisão de Terras e Topografia.

O sistema empregado é o de avaliação de vários terrenos possíveis antes de se determinar se fazem levantamentos topográficos que irão influenciar na avaliação do custo. Pode-se realizar levantamentos planialtimétricos do terreno, mas não é condição necessária para a preparação do laudo de avaliação, / sendo, às vezes, apresentado depois de realizada a operação. Com todo o material necessário para a construção, começa a etapa do Projeto propriamente dito.

A etapa do projeto, para efeito de compreensão, poderia ser dividida em: estudos necessários do terreno e estudos/necessários da população em potencial.

Os estudos necessários do terreno, tais como estudos topográficos (levantamento dos acidentes, arborização existente, mata virgem, etc.), estudos planialtimétricos (cotas de nível), sondagens (constatação do tipo de solo para efeito de se projetar as fundações adequadas, permeabilidade do mesmo, etc), margens de rios, cachoeiras, quando existem, redes de eletrificação, lugares não edificáveis e tudo o que o profissional considere necessário para esta etapa de planejamento.

Apesar das previsões dos profissionais da COHAB, o / fato (entre outros) de que o terreno seja "indicado" acarreta para os técnicos problemas de difícil resolução e transtornos futuros, como o caso de terrenos alagáveis, onde se faz necessário implantar obras complementares que encarecem os empreendimentos e raras vezes resolvem corretamente os problemas.

Atualmente, nesta etapa do Processo, é taxativo que o arquiteto encarregado do planejamento veja o terreno, seja antes ou durante a elaboração do Projeto. Antigamente, dados os / problemas comuns das repartições públicas, falta de viaturas / suficientes, distâncias consideráveis que exigiam o deslocamen

to de profissionais, entre outros, não ocorriam visitas ao local e as informações necessárias do terreno eram fornecidas / por outros profissionais da Divisão que tivessem tido a necessidade de conhecê-lo ou de passar pelo menos no local escolhido.

Na etapa do estudo da demanda habitacional são levantadas as expectativas e necessidades das famílias interessadas nas ofertas habitacionais da COHAB, só que estas informações/ sofrem diversas alterações no seu caminho.

Uma vez processados, os dados levantados são encaminhados aos setores financeiros e de planejamento, sendo que , neste último, tais dados são empregados na etapa do projeto físico. Infelizmente, o estudo das necessidades da população pode permanecer engavetado como resultado da atomização das diferentes Divisões da Instituição, ou ser utilizado, mas logo freado por razões de inviabilidade econômica.

Segundo o profissional entrevistado, existiria uma / certa liberdade para se fazer projetos diferentes, mas sempre amarrados ao fator econômico. Como condicionantes negativos , citou as medidas dos lotes, que necessariamente devem ser pequenos, argumentando que se eles excedem do teto máximo estipulados para esse item, termina não sendo viável para o usuário a que vai ser destinado (renda: 0 a 5 salários mínimos).

Na época da entrevista, segundo o depoimento do técnico, o BNH estava atendendo à faixa de 0 a 3 salários mínimos - PROMORAR - e não estava liberando verbas para a faixa de 3 a 5 salários. A orientação podia ser sintetizada em: PARA IGUAL/ RECURSO MAIOR QUANTIDADE DE CASAS, dado que com tal filosofia, estava-se atendendo à população mais carente e também à mais / numerosa. Isto tem dado como resultado, a nível físico, "casas" até de 20 m².

Voltando às possibilidades que o profissional teria de mudar alguma coisa a nível de projeto, ele falou que, na realidade, como tudo está em função da capacidade que o usuário tem de pagar, a liberdade do profissional é uma "liberdade tolhida". Para testemunhar tais afirmativas, o arquiteto pesquisado faz referências aos levantamentos sócio-econômicos que a COHAB faz. Neles, dentre outros itens, é pesquisada a quantidade de integrantes da família, a quantidade de filhos mas, na hora da distribuição, as casas não são entregues em correspondência com as necessidades de tal família e sim com a capacidade que o usuário tem para pagar.

Em relação a novas opções construtivas que poderiam contribuir para satisfazer melhor as necessidades e expectativas dos usuários, o profissional mostrou-se pessimista, argumentando que existem diversas propostas desenvolvidas por pessoal da casa, ou mesmo por outros profissionais ou firmas construtoras, a saber: casas de placas de concreto, casas de blocos de concreto, casas com paredes de lajotas coloniais com tubulações entre elas e enchimento de concreto, todas com cobertura de telhas de fibrocimento, mas que, todas elas, depois de analisadas, terminaram iguais ou mais caras que as empregadas convencionalmente (alvenaria), dada a necessidade de se contratar mão-de-obra mais especializada.

Quanto ao uso de outros materiais, tanto no caso da madeira para construção de casas quanto da telha cerâmica para coberturas (considerando que tais materiais formam parte das soluções construtivas empregadas pela grande maioria da população pobre em S.C.), a política do BNH tem sido a de não considerar a madeira como material viável, argumentando que a durabilidade não acompanharia os financiamentos, que são de trinta anos. Nos últimos tempos, o BNH começou a mudar de filosofia, tentando se adequar à realidade, ou seja, a soluções mais ma -

leáveis. Paradoxalmente, hoje a madeira usada - madeira de qualidade - é ruim e cara, devido à devastação ambiental sofrida/nos últimos tempos. No caso da cobertura, a telha empregada é a de fibrocimento, ao invés da telha cerâmica. Esta solução / não guarda identificação com a tradição do lugar, não se serve dos materiais que o Estado possui e, em termos de isolamento / térmico barato, a telha cerâmica reúne melhores condições *. No entanto, existe um consenso dentro da COHAB que o emprego da telha Brasilitte requer menos madeira para as estruturas do telhado.

É importante ressaltar que em termos comparativos com COHAB'S de outros Estados, as casas produzidas pela COHAB-S.C. eram consideradas pelo profissional as melhores do país, tanto em acabamento quanto em tamanho (42 e 48 m²); as causas apontadas seriam um menor lucro das empresas ligado a uma mão-de-o - bra mais barata. Conforme já salientado, em contrapartida, as casas produzidas nos últimos anos anteriores à pesquisa, eram dirigidas para uma faixa de renda ainda mais baixa, remoção de favela, de uma qualidade e tamanho muito inferiores ao analisado. Casas com o piso todo de alisado de cimento, sem portas internas, sem forro e com cobertura de telhas de fibrocimento.

O custo da moradia, para efeito de cálculo para a COHAB é dado por: mão-de-obra, materiais, valor do lote e gastos de administração da COHAB e BNH.

Com os m² de áreas construídas, os acabamentos e materiais empregados pode-se obter o valor da moradia, que para

* Na época pesquisada, existiam olarias que, por falta de as-sistência de crédito, estavam fechando e que poderiam ser fornecedoras permanentes de tais empreendimentos.

o mês de agosto de 1985 era:

- Casa de 48 m²
- m²: Cr\$ 534.552,00 ----- 48 m²: Cr\$ 25.658.496,00

Paredes de alvenaria, esquadrias de ferro, cobertura de telhas de fibrocimento, forro de pinho, piso de quartos e sala de taco, piso de banheiro e cozinha de alisado de cimento , pintura - caiação.

- Casa de 42 m²
- m²: Cr\$ 544.413,00 ----- 42 m²: Cr\$ 22.865.356,00

Com o mesmo equipamento hidrossanitário e elétrico que a de 48 m².

- casa de 36 m²
- m²: Cr\$ 468.419,00 ----- 36 m²: Cr\$ 16.863.084,00

Dois quartos, sala e cozinha integradas, equipamentos similares.

- Casa de 30 m²
- m²: Cr\$ 406.313,00 ----- 30 m²: Cr\$ 12.189.090,00

- Casa de 27 m²
- m²: Cr\$ 358.912,00 ----- 27 m²: Cr\$ 10.419.624,00

- Casa de 20 m²
- m²: Cr\$ 429.000,00 ----- 20 m²: Cr\$ 8.580.000,00

- Casa embrião de 15 m²
- m²: Cr\$ 487.000,00 ----- 15 m²: Cr\$ 7.305.000,00

Como veremos nos pontos seguintes, as casas COHAB'S/ originais sofrem, em geral, num período relativamente curto ,

modificações que chegam a duplicar sua área (m²) coberta e, às vezes, a triplicá-la com áreas semicobertas (área barata, por exemplo, abrigos de carros, puchado, edículas, etc.). As construções são financiadas para esta faixa de renda em trinta a - nos. De um estudo comparativo entre o valor do m² - COHAB e do m² - por conta própria relativos aos tempos de financiamento: BNH - 30 anos; conta própria - 1 a 10 anos aproximadamente, po - deria-se explicar, em parte, a rejeição a este tipo de finan - ciamento que sentem os usuários COHAB'S removidos de favelas , onde, além da mudança para casas de mínimas dimensões, somam - se as prestações eternas.

"Nos tiraram de lá para fazer estrada e nos colocaram numa casinha que é um cubí - culo. Lá o terreno era grande, a casa/ era de madeira, era própria, aqui tem que pagar até morrer".

depoimento de removido a PROMORAR (Passo do Gado).

Pareceria que não ocorre tal qual com os financiamen - tos tradicionais, 3 a 5 salários, onde através de reformas e acréscimos no tempo conseguem dar conta das necessidades mate - riais da família sem que a prestação signifique um peso desme - dido. Se bem que na época, comentava-se o aumento da inadim - plência e procura de assessoramento legal à ASMUTH* do setor / pesquisado. Em todo caso, esta investigação, por certo necessá - ria, foge ao trabalho atual para ser pesquisada num trabalho / posterior.

* Associação de Mutuários da habitação.

Do exposto até aqui, pelos estudos feitos dos municípios, das áreas e dos futuros usuários, a COHAB teria um quadro suficientemente completo para permitir um bom planejamento. O que fica suspeito é a análise das variáveis que se pesquisam e o destino que lhe é imposto a esta informação. Pareceria que tudo funciona em compartimentos isolados, onde não se consegue - por diferentes motivos - fechar os elementos elaborados, resultantes de esforços diversos num produto unitário.

Não esquecer também que existe uma presença imperativa das diretrizes do BNH, onde o que conta, até para sua sobrevivência (dado como o sistema está implantado) é o "GRAU DE / COMPROMISSO ECONÔMICO QUE O USUÁRIO EM POTENCIAL POSSA ASSUMIR".

2.2. MODELOS ORIGINAIS

Dos programas habitacionais estudados no Aglomerado Urbano de Florianópolis (AUF) - municípios de Biguaçu, Palhoça e São José - construídos pelo SFH para baixa renda: PROFILURB, PROMORAR,* Programa tradicional - 3 a 5 salários, INOCOOP-S.C., foram escolhidos para desenvolvimento deste ponto, uma casa do Conjunto Monte Verde em Saco Grande que pertence ao Programa/tradicional, e uma casa em Forquilhas do programa PROFILURB / destinado a famílias mais carentes ou de renda não regular.

O programa PROFILURB especificamente no empreendimento habitacional da COHAB - S.C. em Forquilha, não corresponde com o tradicional. Foi alterado, devido a que ele não foi

* PROFILURB: Programa de Financiamento de Lotes Urbanizados.

* PROMORAR: Programa de erradicação da sub-habitação.

entregue às famílias destinadas e sim para outras desapropriadas como causa da construção da via expressa em 1979. Por tal motivo, nos lotes urbanizados e com unidades sanitárias prontas, como é entregue neste programa, foram feitas casas-embrião de 26 m² e 36 m², respectivamente, para esta situação em particular.

No caso do programa PROMORAR, na localidade de Passo do Gado, no bairro Procasa, não será desenvolvido nenhum exemplo em particular, utilizando a informação obtida só como complemento da informação geral. A decisão é devida a que as casas geminadas, com fachada única a cada duas casas, de lotes menores, e casas de uma porta só, "casa de forneiro, de passariño, uma porta só" - colocação de uma moradora do PROMORAR - acarretam novas considerações, como: conflitos entre as duas casas de construção precária (intensificando ainda mais a fofoca) ou exacerbação da necessidade de diferenciação, no caso através do uso da cor - diferente nas meias fachadas - solução adotada pelos moradores como referencial da propriedade particular: "a azul é minha", colocação comum dos moradores. Por este e por outros exemplos considera-se que o programa PROMORAR deveria ser tratado à parte. Entretanto, as casas do programa / PROFILURB, no caso específico de Forquilha, guardam mais similitude com as casas tradicionais e com as casas rurais estudadas.

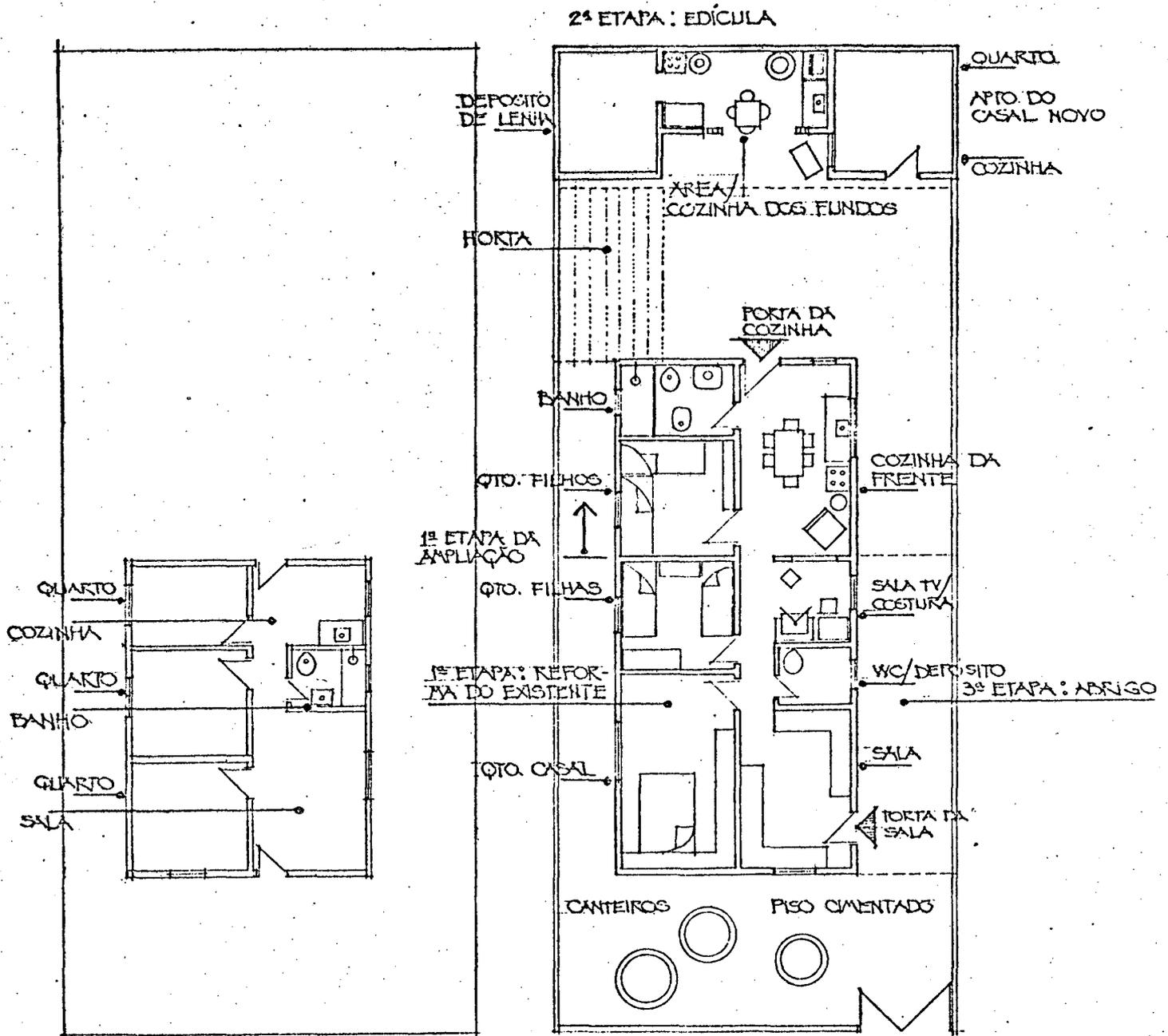
Para a escolha das casas a desenvolver em profundidade - tabela anexa - teve-se em consideração as mais completas/ em termos de: tempo de moradia na casa, grau de reforma e origem dos moradores enquanto situação de moradia anterior.

| Programa construtivo | Localidade pesquisada | Nº integrantes da família | Construção original X reforma | Execução autoconstrução encomenda mista | Localização anterior de moradia |
|----------------------|-----------------------|---------------------------|-------------------------------|---|---------------------------------|
| PROFILURB | | | | | |
| | Forquilha | 9 | original | - | favela |
| " | " | 8 | reforma | autoconstrução | favela |
| " | " | 3 | reforma | autoconstrução | sítio |
| PROMORAR | | | | | |
| | Passo do Gado | 10 | reforma | autoconstrução | favela |
| " | " | 2 | reforma | encomenda | periferia |
| baixa renda | | | | | |
| 3 a 5 salários | Sao Grande | 2 | reforma | encomenda | periferia |
| " | " | 9 | reforma | mista | bairro central |
| " | " | 3 | reforma | autoconstrução | bairro central |
| " | " | 3 | reforma | encomenda | periférico |
| " | " | 5 | original | - | bairro central |
| " | " | 3 | original | - | bairro central |
| | Forquilha | 4 | reforma | mista | periferia |

FINANCIAMENTO TRADICIONAL - CONJUNTO MONTE VERDE

As casas planejadas para o Conjunto Monte Verde com um tempo de construção (na época da pesquisa) de cinco anos, eram de material, com dois ou três quartos (dependendo do núcleo familiar), sala, cozinha, banheiro e o tanque fora. Com uma área construída de 42 ou 48 m² conforme o número de quartos (ver fig.12). A planta arquitetônica de forma retangular, dividida internamente em duas faixas de uso (orientadas no sentido das laterais maiores); numa das faixas, localizam-se os quartos, na outra, começando da frente para trás, situam-se a sala, o banheiro e a cozinha. Exteriormente, a cobertura é a duas águas com a cumeeira como linha divisória das faixas su-
pracitadas (quartos e o restante). A casa foi localizada no lote, separada das divisas e da frente. Na de dois quartos está previsto e sugerido o nascimento do terceiro na mesma faixa dos outros, abrindo para a cozinha. Internamente, todos os locais ficam divididos por portas; as portas de rua abrem para frente e para trás do lote, partes que correspondem com as laterais menores da casa. Nas janelas dos quartos e sala, de alumínio - orgulho dos moradores - foi usado o sistema de correr e não foram colocadas venezianas; as da cozinha e banheiro são janelas tipo max-ar. Nos acabamentos internos, com forro horizontal de madeira, com piso de taco na sala e quartos, alisado de cimento na cozinha e banheiro e sem azulejo nestes locais. Reboco liso por dentro e por fora; telhas de fibrocimento na cobertura. A casa é entregue pintada, mas sem tratamento exterior referente a divisa ou ajardinamento.

Em termos de projeto arquitetônico, o alinhamento das duas portas de rua, da frente e dos fundos, e a abertura das portas internas a essa mesma faixa, sugeririam que por parte do projetista existiriam certas premissas que diriam respei



CASA " COHAB " ORIGINAL
FIGURA 12

CASA REFORMADA
FIGURA 13

to à organização de funções e distribuição racional de área/ (m²). Internamente, o ordenamento da circulação, condensado / nesse corredor de fato onde dão todas as portas, permitiu organizar bolsões laterais, no caso da sala e cozinha, que não fossem invadidos pela circulação. Para o local banheiro, que abre a esta circulação - corredor -, poderia se supor que foram consideradas premissas como não abrir diretamente para a cozinha ou sala, evitando visuais ou odores incômodos. Também imaginasse que a necessidade de reduzir os custos da casa deve ter pesado na hora da localização do banheiro, concentrando desta maneira os pontos de abastecimento e despejo das águas para conseguir reduzir os recorridos de tubulação correspondentes. Externamente, a localização da casa no lote permite, no caso de se possuir um carro, construir, numa das laterais, o acesso e abrigo do mesmo.

Tendo uma rápida idéia do projeto arquitetônico e de suas terminações construtivas, vamos ver o que aconteceu numa das casas desse conjunto nestes cinco anos.

Recriação da casa COHAB

"A COHAB já teria que ter tudo pronto, deveria pesquisar pessoa por / pessoa o que necessita".

Moradora do Conjunto Monte Verde , referindo-se às necessidades dos usuários.

Esta casa, como já foi especificado, pertence ao conjunto habitacional Monte Verde. A família, proprietária, com / financiamento ainda a pagar, são os primeiros e únicos moradores da casa. Vieram morar nela depois de sofrer - a casa original - uma reforma planejada e financiada por eles mesmos. Na época, a família era composta pelo casal e sete filhos, vindos/

de um bairro mais central, Saco dos Limões, onde moravam numa casinha de madeira que, segundo a senhora, "o sonho era uma casa de material", por isso fizeram a inscrição para as casas da COHAB, mas hoje, em termos de bairros para moradia, Saco dos Limões não guarda relação com Saco Grande. As lembranças vão dirigidas fundamentalmente à menor distância ao centro da cidade e aos equipamentos de serviços que Saco dos Limões tinha. A família 'COHAB', que recebeu uma casa de três quartos com 48m² de área, incrementou seu imóvel no decorrer de cinco anos com 70 m² a mais da área inicial (ver fig. 13). Entre outros motivos que levaram a fazer tal empreendimento, foram as características numéricas da família (casal mais sete filhos) na hora da entrega das chaves. Tudo foi feito na base do esforço próprio, aplicando as poupanças provenientes do trabalho do casal. Na primeira etapa foi encomendada a construção de 30m², que demorou seis meses corridos. Feita esta primeira etapa, segundo a senhora, permitiu tomar posse da casa, só que agora com 78m², passando de uma relação de 5,50m² por pessoa a 8,60m² por pessoa. Nas justificativas de reforma a senhora perguntou: "você já imaginou família de nove pessoas numa cozinha?"

Primeira etapa construtiva

A primeira etapa da reforma consistiu em aumentar o quarto do casal, onde o jogo de quarto: cama, armário, mesas / de cabeceira, penteadeira e berço não podiam de jeito nenhum / entrar. Assim sendo, foi feita uma demolição das paredes internas de dois quartos, ficando uma área só destinada ao casal. O terceiro quarto ficou sendo o segundo imediatamente posterior ao quarto dos pais e nele foram alojadas as meninas, sendo mobiliado com um beliche encostado numa lateral, uma cama simples debaixo da janela e o armário na parede onde encosta a porta. Neste quarto, a menina de catorze anos faz as tarefas

da escola e fica com suas amiguinhas. O terceiro quarto (dos/meninos) foi construído e, desta maneira, a família de nove pessoas ficou distribuída novamente em três quartos, mas esta/vez com a distribuição de área (m²) ao estilo do casal. A sala, enquanto localização e área, não foi alterada, mas a localizaçã_o da porta de rua não foi bem aceita e teve que ser mudada / para a lateral, em seu lugar foi colocada a janela. Motivos... pelo discurso da informante: "A COHAB não deveria fazer porta/na frente; parece venda". Este local foi mobiliado com jogo de sofá encostado nas paredes com peças curvas para os cantos, com mesa de centro, quadros de paisagem, relógio de parede, equipa_mento de som, vaso com flores penduradas do forro, cortinas na janela. Ele é usado pelos filhos adolescentes para sentar-se / com os amigos e ouvir música, ou pelas crianças pequenas, in - clusive as vizinhas que circulam livremente por toda a casa. O banheiro original, que cumpria pela localização equidistante / aos demais locais da casa e pela abertura a um espaço de tran - sição (o pequeno hall), requisitos 'satisfatórios', não foram/feito neles os acabamentos tradicionais: piso cerâmico e azule_jos e foi destinado como local de depósito, sapateiro da famí - lia, WC de emergência; na prática, um armário de material com vaso dentro. A cozinha, comumente local de limpeza, preparo e cozimento de alimentos, transformou-se numa sala de costura pa - ra a dona-de-casa e sala de televisão para a família, logo a - brir uma janela maior para a rua, uma para a cozinha nova e de - ixar o vão livre com este local. Neste local, que foi também / entregue com alisado de cimento, igual ao banheiro, foi coloca_ do piso cerâmico. A partir deste limite foram construídos 30m² novos da primeira etapa: a cozinha, um quarto e um banheiro. O banheiro todo equipado: vaso, bidê, lavatório de pé, box, piso cerâmico e azulejo até o teto (o box pertencia a uma etapa pos - terior), abre diretamente sem local de transição para a cozi -

nha nova. O quarto novo (abrindo para a cozinha), como já foi visto, foi destinado para os homens; ele é usado fundamentalmente para dormir.

A cozinha, desta maneira, ficou no meio de tudo, com portas e janelas abrindo para ela. Porta do quarto dos homens, porta do banheiro, porta da rua, circulação que vem das salas e resto dos quartos, janela da sala de costura e televisão e janela da própria cozinha. Atualmente, esta cozinha encontra-se mobiliada com jogo de fórmica de cor vermelha, mesa de centro com seis cadeiras, dois armários encostados nas paredes, balcão de pia, fogão e geladeira novas (esta última colocada inclinada num canto), quadros, piso cerâmico e azulejos. Nela tomam o café / da manhã e as refeições no inverno, o resto "fora para ter limpo; pela gordura". Sim, fora porque assim que eles acabaram de fazer a primeira etapa, já começaram a fazer a segunda; desta/vez uma construção feita por eles na parte de trás do quintal/ (conhecidas pelo nome de edícula), limitando com as divisas / dos lotes vizinhos coberta por uma meia-água de telha Eternit. A construção foi feita com características simples: sem forro, por piso, alisado de cimento, sem reboco nas paredes e com tijolos furados, fazendo, às vezes, de janelas. Nessa área de trás, foram construídos na parte central dois locais: um aberto e outro semi-aberto. O local aberto, pela localização e uso dado, fazendo às vezes de ante-cozinha; nele tem uma mesa com/ uma máquina de fazer massa (este local constitui-se de fato no lugar de preparo da comida e/ou varanda para a cozinha). No local semi-aberto, sem portas, e no lugar de janelas, tijolos furados, foram localizados encostados nas paredes o fogão a gás, que era o da cozinha de dentro, a máquina de lavar, o tanque, o balcão de pia e o fogão à lenha. No centro do local uma mesa de dimensões pequenas de construção caseira e quatro cadeiras/ diferentes em modelo e cor. Pela quantidade de peças no local/

e as atividades desenvolvidas, lavado de roupas, preparo e cozimento de alimentos, lavado de louças e panelas e as refeições principais, o local é extremamente pequeno.

Na lateral esquerda localiza-se o depósito de lenha abrindo diretamente para a cozinha. Na lateral direita foi construído um apartamento independente, quarto e cozinha que serve como alojamento do filho casado (casal novo e sem filhos). Esta unidade mínima com porta para a rua é iluminada e ventilada por uma janela basculante dando para a ante-cozinha da família. O banheiro usado é o da casa dos pais.

Uma das laterais do telhado foi prolongada fazendo, às vezes, de varanda - a porta da sala abre para esta área - e também como abrigo de carro. Em volta da casa foi tudo calçado e feitos alguns canteiros, que tinham flores, muro nas divisas e grade na frente. Entre a edícula e a casa da frente, numa lateral, tem uma plantação de chuchu com material empilhado embaixo, que por um lado, se assemelha a uma imagem camponesa e, por outro, fica claro que em cada m e em todos os mm^2 de área, alguma coisa foi mexida, acomodada ou restaurada.

Recapitulando, até agora foi feita a descrição da casa tal qual foi entregue pela COHAB com um parecer sobre as possíveis premissas arquitetônicas tidas em conta pelo projetista e a descrição das reformas e acréscimos feitos pelos proprietários com algumas alusões aos motivos que levaram ao empreendimento. Entretanto, poderíamos concluir que ainda o nível de compreensão é de uma mera descrição e o que está interessando/ aos fins de trabalho, uma vez feito o registro da observação, é ver além desta; isto significa dar um passo à frente das explicações familiares dos usuários (argumentos válidos que, junto das observações do pesquisador, constituem a matéria-prima deste trabalho).

Casa original entregue pela COHAB: área 48 m²

01 sala
01 cozinha
01 banheiro
03 quartos

REFORMAS E ACRÉSCIMOS

1ª etapa: 30 m²

Reformas:

quarto casal
porta da frente X lateral
janela lateral X frente
janela lateral X frente
cozinha X sala TV - costura

2ª etapa: 40 m²

construção
nova:

depósito de lenha
cozinha
antecozinha
apto. quarto
cozinha
abrigo de carro

Casa atual (7 anos depois): 118 m²

01 sala
01 cozinha de dentro
01 banheiro
03 quartos
01 sala de costura - TV
01 depósito e WC

01 depósito de lenha
01 antecozinha
01 ap. quarto
cozinha
01 abrigo de carro - varanda

muros em volta, grades, tudo calçado.

A cozinha do sítio no novo lar

Antes da família instalar-se na nova casa de 'material', já estava pronta a cozinha reformada. Grande o suficiente para uma família composta por nove pessoas. Com piso cerâmico e azulejos que dariam facilmente para se limpar. Tinha-se, dessa maneira, superado a pequena cozinha original que faz lembrar as kitchnets dos monoambientes metropolitanos, e contruído a cozinha 'adequada' para satisfazer as necessidades primárias do grupo familiar. O primeiro desejo da dona-de-casa estava realizado: "você já imaginou família de nove pessoas numa cozinha?" Mas pela descrição anterior à primeira etapa construtiva sucedeu-se uma segunda etapa construtiva, onde acabou saindo outra cozinha. Quais seriam agora os motivos para tal necessidade? Pelo depoimento, a 'gordura' é inimiga da 'limpeza'. (Em contraposição a cozinha de trás recebeu alisado de cimento e chapisco que, comparados ao piso cerâmico e azulejos da cozinha de dentro, são difíceis de limpar). O que terminou acontecendo foi que tudo começou a ser feito lá, inclusive as refeições diárias, exceto o café da manhã ou refeições em dias muito frios (situação pouco comum nesta região). Pelo visto, os motivos iam além da gordura. Foi construído na nova cozinha um fogão à lenha e um depósito para armazenar a madeira, usada como combustível, sinal de que nos desejos também estavam o sabor das comidas, dado que o argumento que fogão à lenha é feito para aproveitar a lenha do sítio, na situação deste conjunto habitacional não é pertinente. Foi instalada a máquina de lavar roupa e o tanque, quer dizer que junto ao preparo das comidas também ocuparia-se da lavagem da roupa.

Como também vimos anteriormente foi construída uma ante-cozinha para o preparo das massas e pão (esta dando diretamente aberto para o pátio). Quando economicamente deu para comprar o 'jogo' de fórmica - mesa, cadeiras e armário -, a gela-

deira e o fogão novo para a cozinha de 'dentro', a cozinha de 'trás' foi mobiliada com os móveis velhos da cozinha da frente, ou seja, que os motivos explicitados sobre a necessidade de uma cozinha maior e facilidade na limpeza cederam lugar para a duplicidade das cozinhas, com papéis diferenciados a nível social e espacial.

- À cozinha de dentro foi assinalado o papel social para os de fora. Cozinha para se ver, local público dentro de casa, limpa a toda hora, com acabamentos cerâmicos adequados às circunstâncias, com jogo de móveis completo com circulação em volta da mesa e geladeira colocada de canto, que requerem uma maior disponibilidade de área (m^2), onde numa cozinha pequena como a original ou a de trás seria impossível de se ter. Existe até / quadros nas paredes. A cenografia está montada como expressão/ da convenção social do grupo dentro da própria casa. Assim, este local - cozinha - passa a estar preparado para ser frequentado pelas pessoas menos conhecidas da família ou inclusive, se necessário, por estranhos.

- À cozinha de fora foi assinalado o lugar da família, cozinha para se viver, local íntimo, onde é permitida a gordura, a centralização de tarefas em detrimento da área (m^2) necessária, e prioridade aos hábitos que dizem de gostos da comida e de lembranças de épocas passadas. Pouco estão ligando pelos móveis / diferentes e velhos; o que interessa é ter onde se sentar ou / comer; para os da família, vizinhos ou amigos íntimos, não é necessária tanta cerimônia.

Da comparação das mesmas podem-se enunciar as seguintes relações:

| | | |
|----------------|---|---------------|
| cozinha dentro | X | cozinha fora |
| limpa | X | suja |
| bonita | X | feia |
| móveis novos | X | móveis velhos |
| semi-público | X | privada |

Transições entre dois mundos: público e privado

Depois do vizinho da esquina, eles foram os primeiros a mudar a localização da porta da frente para a lateral / (tanto neste conjunto, como o de Forquilha, foram bem poucas as casas que ficaram com porta na frente). A nova localização foi escolhida porque no parecer da dona-de-casa: "porta da sala na frente parece venda". Esta comparação não é só motivada por um problema formal: parece venda, parece casa, parece clínica, etc..., a colocação está significando outras as associações, no qual o aspecto formal é uma manifestação.

Como já vimos, nas casas rurais, a porta da sala -- frente - é a intermediação entre o mundo dos estranhos e o / mundo privado. A porta, por mais que seja usada em excepcionais ocasiões, é o elemento físico-limite de troca simbólica/ entre os de fora e os de dentro. Em geral, as casas ficam localizadas com uma perspectiva (distância do observador) suficiente que proteja os visuais dentro da casa. Para isso, são situadas no alto, ou são curvos os caminhos que aproximam-se a elas ou no caso de grandes extensões de terra, as cercas / que limitam os jardins ao redor da casa contribuem também para o controle visual e para a delimitação desse espaço doméstico. Sempre que possível, é um chegar, um aproximar-se até / onde o espaço não é mais público, não é da rua, onde ele começa a ter dono.

Vemos que existem dois elementos que dizem respeito a esta questão, os visuais permitidos e as transições espaciais, ambas como intermediadoras entre esses dois opostos supracitados:

público x privado

A pergunta que cabe é: como se faz essa intermediação nas casas COHAB'S?

Tanto no loteamento Monte Verde como no de Forquilha ou Passo do Gado, os lotes são localizados no esquema/ espinha de peixe; a rua quase sempre reta age como coletora / da frente dos mesmos. Um transeunte olhando para a frente deles, com intervalos de 10 ou 12 mts conforme o lote, pode dominar em poucos segundos os interiores de ditas casas (caso a porta esteja ainda colocada na frente da mesma). Principalmente de noite quando as casas encontram-se iluminadas e as diferentes situações espaciais vão batendo na retina do espectador. Casas pesquisadas que não conseguiram trocar a localização da porta têm encontrado soluções alternativas, tais como "trancar" a porta da frente com objetos domésticos - máquina/ de costura, sofá, etc. Pelos depoimentos existem vários argumentos a respeito:

"Para que a criança não fuja e porque todo mundo vê".

"Fica frente à rua, todo mundo olha, também muita poeira".

"Bate o vento sul, entra chuva".

"As pessoas olham para dentro, janela na frente fica mais bonitinha".

Observa-se nos mesmos que há uma constante: a reclamação da invasão visual pelos estranhos. E a essa localização frontal/ da porta, somam-se os recuos obrigatórios do alinhamento do logradouro estabelecido pelo plano diretor da cidade que dificulta ainda mais o aproveitamento do lote em função dos hábitos sócio-espaciais de seus moradores (antigamente as construções na cidade podiam chegar até a divisa com a calçada, conseguindo um maior aproveitamento do terreno. Os acessos de rua - acesso social - eram localizados nas laterais através de varandas intermediárias entre o espaço exterior e interior ; conseguindo mediatizar o espaço exterior - rua - com espaço /

interior - casa. Voltando então ao parecer inicial da moradora sobre:

"Porta da sala na frente parece venda"

vemos que a associação não era só um problema formal, mas o resultado de juntar nesse exemplo a localização da porta com a função que abrigava referindo a um plano simbólico. A venda é necessariamente de uso público e sendo possível fica de boca para a rua, o mais francamente aberta ao público. Essa é a imagem que ela deve conseguir; um convite ao: entre! Entretanto, pelo anteriormente exposto, a casa é o mundo privado, e / se relaciona com a rua através de mediações e não de boca para a rua; a colocação da janela no lugar da porta não é um mero aproveitamento do material existente ou simples recurso estético, concebida para iluminação e ventilação dos locais primordialmente; cumprem outras funções segundo as localizações. No que tem a ver com este exemplo, colocadas na fachada frontal - janela X porta - estas servem de mediação invertendo a relação:

invasão visual: fora X dentro
para controle visual: dentro X fora.

Já não é mais o transeunte quem controla; agora é o morador / que domina a situação. A janela deixa a imagem cortada e/ou / em caso de uso de cerramento ou cortinas o morador pode até interromper o visual exterior.

A família extensa nos lotes magros das COHAB'S

Vimos nas casas do sítio que a família extensa agia em termos de suporte familiar, seja abrigando temporariamente os novos casais ou cedendo terras para a construção de casas, e até referenciando a localização e organização do espaço disponível para as novas construções. Também foram consideradas / (cf. Woortmann - 1982) as características da família brasileira sobre:

"quem casa. quer casa".

e. que essa "casa", muitas vezes limita-se pelo menos a cumprir dois princípios básicos para que ela seja considerada como tal: ter cozinha e acesso independente. Que possibilidades têm a família brasileira de continuar com essas mesmas redes/ de apoio e cumprir os requisitos primários da "casa", nas casas COHAB'S?

Essas redes de apoio que estabelecem-se no sítio , na periferia e em particular nas casas COHAB'S são comprometidas pelas dimensões reduzidas dos lotes. No caso estudado, uma das poucas possibilidades para abrigar um filho casado (independentemente) é construindo no fundo do lote - edícula - , ou crescendo a casa para trás, ou no local destinado para varanda ou abrigo de carro. Neste exemplo, vimos que o aparta-mento - quarto e cozinha - foi feito na edícula. Entretanto , esse apartamento minúsculo, de iluminação e ventilação imprópria destinado ao casal novo, representa insatisfação para a dona-de-casa mais velha. pareceria uma contradição com a idéia original de ajuda familiar, mas o que acontece é que uma / vez que a dona-de-casa consegue recriar seus hábitos: mudança da porta para a lateral com varanda conseguindo a mediação / com a rua, cozinha de dentro como local semi-público, construção da cozinha de fora como local privado, a construção do banheiro grande permitindo transformar o original em depósito , vê-se na obrigação de compartilhar interna e externamente a casa. Dentro, usando o mesmo banheiro e fora transformando de fato a varanda - trecho de uso obrigatório - numa servidão / dentro de casa.

Esta nova situação reverte em invasão por parte da família mais nova, no espaço destinado à mediação com a rua e o mundo doméstico da família da dona-de-casa (ver fig. 13).

Casa Terezinha - Forquilha

Programa PROFILURB

"Favela não tem rua direita,
beco sem saída, cheiro de
patentes, isto é ótimo.
Para quem morava em lugar ruim,
a gente saiu do inferno
e viemos para o céu".

Moradora removida do morro da Caixa para
o Conjunto Forquilha

A COHAB-S.C. tinha planejado para a localidade de Forquilha - município de São José - mesclar diferentes propostas habitacionais. Casas de um e dois quartos e casas-em-brião para dar diferentes opções de financiamento através dos programas tradicionais do BNH. Mas como o governo do Estado necessitava desapropriar terras para a construção da via expressa (1979), negociou com a COHAB o traslado de 67 famílias do "morro da Caixa - Continente" para o novo conjunto. Com este acerto ficaram misturados os programas construtivos e financeiros: Programa tradicional do BNH e o PROFILURB (com as mudanças já explicitadas anteriormente) no mesmo empreendimento, passando a diferenciar-se as 67 casas das restantes pelo agrupamento físico, pela menor área construída e pelo menor acabamento interno e externo. Entretanto, nos casos em que os moradores conseguiram reformar, essas diferenças têm diminuído e atualmente existe uma variedade de passos que vão de casas em estado original até casas de melhor nível que as tradicionais de 3 a 5 salários no mesmo conjunto habitacional.

A casa escolhida é uma das tantas que foram metamorfoseadas e sem destacar-se do resto pela sua 'beleza', destaca-se por sua individualidade. Do modelo original só lembranças longínquas. O núcleo familiar que mora nela cresceu entre

a favela - 11 anos e a COHAB - 7 anos -; a filha maior representa a soma das duas experiências. Aliás, os integrantes do casal, Terezinha e Josalino, são oriundos da região rural. Em termos laborais, a senhora já trabalhou quando solteira como doméstica, e nos primeiros anos de casada fazendo lavações para fora e hoje fica tomando conta da casa. No caso do chefe de família, trabalhou na roça, depois como servente de pedreiro (ofício característico do migrante da zona rural), atualmente como carpinteiro naval. No entanto, ter este ofício, é um assalariado mal remunerado e por isso pretende se tornar independente, só que, para isto, necessita máquinas e espaço no fundo da casa. Espaço não tem, só mudando-se, coisa que a senhora / não quer, mas tendo necessidade de vender, encontram um empecilho: "casa COHAB não tem valor para vender, não gostam da casa encima da outra, só pelo nome COHAB". No caso, a casa original de dimensões mínimas e construção precária, pelas melhoras e crescimento feito pelos usuários deveria se valorizar, mas pelo estigma que existiria dos conjuntos habitacionais COHAB'S perderia valor na hora da venda.

OS CAMINHOS DA MUDANÇA

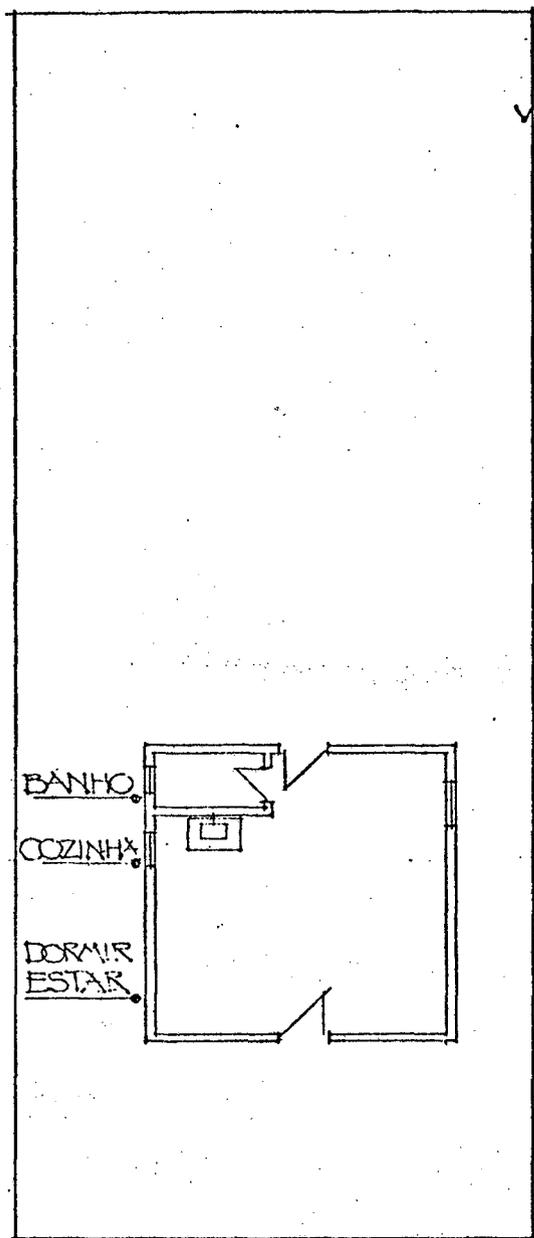
- As poupanças iniciais
- O papel da família

Quando foram trasladados para o Conjunto Forquilha, a família era composta pelo casal e cinco filhos, entre um e dez anos de idade; hoje, com a chegada de mais um filho, são oito pessoas morando dentro de casa.

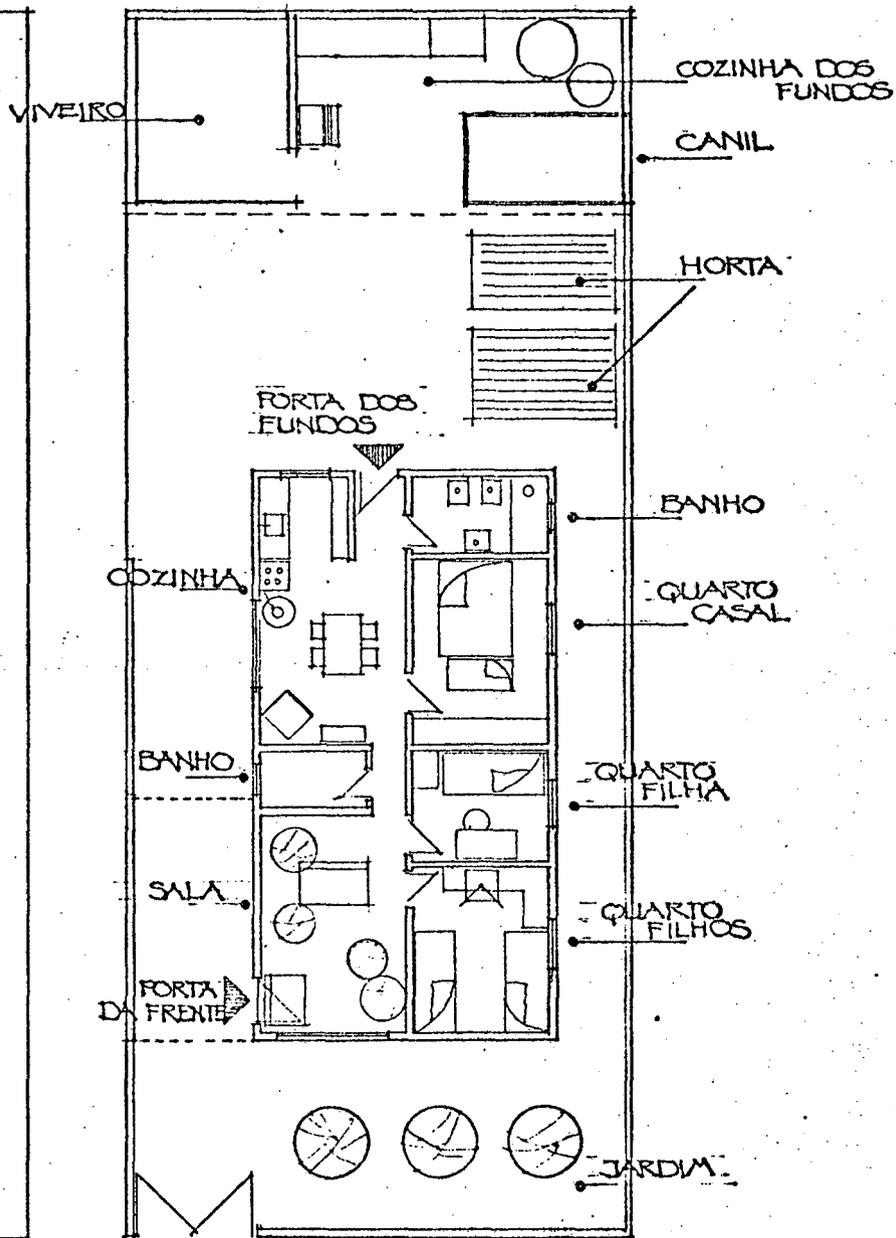
Proprietários, com financiamento a pagar, são os / destinatários originais do programa; alguns vizinhos são os mesmos que tinham na 'favelinha' do morro da Caixa e ainda / não conseguiram reformar suas casas.

A casa-embrião consistia numa construção de 36 m² de uma casca de uma futura casa com chapéu de telha cerâmica. Paredes perimetrais rebocadas só por fora e chapiscadas por dentro, um banheiro com vaso, pia e chuveiro sem azulejos e com piso de alisado de cimento; um balcão de pia, que está encostado na parede interna do banheiro, com reboco liso na parte superior no lugar de azulejos. O resto é um local único, sem divisões, onde dá de se ver a estrutura do telhado, a caixa / de água na parte superior do banheiro e todas as janelas, portas e uma divisão no piso, que para a direita é de alisado de cimento (previsão de área de trabalho) e para a esquerda taco (previsão de quartos). A casa-embrião foi localizada separada das divisas e da linha do logradouro sem nenhuma cerca nem muros em volta (ver figura 14).

O casal, quando morava na favela, tinha conseguido/comprar a prestações um terreno no bairro de Fátima (perife - ria de Florianópolis) para futura construção de uma casa, mas ainda não tinha dado para comprar os materiais quando foram o brigados a sair da 'favelinha'. A casa de madeira da faveli - nha, desmançada, "não dava de aproveitar nada", segundo a senhora (as casas das favelas são feitas geralmente com sobras de madeiras, podendo dificilmente ser reaproveitadas). Então, optaram por trasladar-se para o conjunto de Forquilha, que era a opção oficial. Moram durante seis meses na casa-embrião e finalmente decidem vender o terreno que, junto a poupanças/ anteriores, deu para a compra de materiais e início da refor - ma. Esta, via autoconstrução, é feita pelo chefe da família , um irmão e um cunhado durante os fins de semana, demorando um ano para acabar. A participação da senhora foi na escolha dos materiais, entretanto a construção e decisões foram tudo por conta do marido, pedindo ajuda ao cunhado na hora de elaborar a reforma.



PROFILURB - CASA ORIGINAL
FIGURA 14



CASA REFORMADA
FIGURA 15

Uma vez mais verificamos certas etapas que se repetem no planejamento caseiro para a construção ou reforma da casa própria. Desta vez o capital inicial - motor de arranque destas construções - é dado pela poupança proveniente da venda de um terreno. Resolvida a compra dos materiais resta a mão-de-obra e a família, deixando de descansar nos fins de semana, será a executora. Esses mesmos construtores-família são também os que colaboram na ideação da reforma. Excetuando a participação na escolha dos materiais por parte da mulher, o resto é uma tarefa exclusivamente masculina.

O embrião cresce.

Da casa com chapéu, banheiro, balcão de cozinha, porta na frente e atrás, pouca coisa ficou igual. Hoje em dia, para entrar nela só esperando na cerca de fora. Foram feitos muros nas divisas e na frente, limitando, dessa maneira, a propriedade. No recuo regulamentário, jardim com flores e árvores de porte médio alinhadas na frente. Ao invés da porta / que tinha na fachada frontal, passou a ter um janelão de ferro basculante, que, para o visitante, passou a ser o cartão de visita porque de fora já dá de se ver que dentro tem sala e com muitas folhagens. Segundo a senhora, não colocaram a janela original (que foi tirada da lateral para colocar a porta da frente) porque "assim fica mais enfeitado". A porta da sala foi colocada na lateral protegida pelo abrigo de carro - acréscimo também feito por eles. Dentro, uma vez feitas as divisões internas, dois quartos e sala, foi colocado nesta última carpet de cor verde com um jogo de sofá (uma das poltronas estava encostada na porta da sala) e folhagens por todos os cantos - penduradas e em suportes de pé. Com as folhagens e o carpet, tudo era verde. Quando a gente entra sente que é um ambiente mimetizado, poderia-se chamar 'a sala verde'(fig. 15).

O quarto da frente, destinado para os quatro rapazes, foi mobiliado com dois beliches, prateleiras e o televisor, dando uma imagem de estreitinho. Quando a senhora foi interrogada sobre a localização do televisor no quarto ao invés da sala, ela respondeu: "já esteve; me estragam as folhagens".

Vemos assim que a família removida limita sua 'propriedade' através de muros e cercas e embeleza a fachada com jardim e janelão diferente. No entanto, pelo discurso da entrevistada, a uniformidade de casas COHAB's serve para evitar invejas e fofocas, prática como já vimos em outros exemplos temidas pelo grupo pesquisado. Mas pelo tratamento dado à fachada, esta foi usada como instrumento de mediação pública. Mudadas as peças do jogo social, porta para a lateral e mudança da fachada, cuida-se internamente da vida privada, mas preparando também dentro de casa o local de encontro social na possibilidade de vir a acontecer a chegada de alguma visita especial; isto é pouco frequente, sendo demonstrado pelo sofá encostado na porta da sala. Esta novamente cumpre nesta casa dupla função: por um lado como local social e também como prazer estético da família que, nesse caso específico, é mais / concentrado no casal (nos fins de semana eles sentam-se no sofá e durante a semana a senhora é a dona da 'sala verde'). O quarto contíguo da adolescente, mobiliado com uma cama de solteiro, máquina de costura e mesa, é usado para costurar e passar roupa e também é o seu local de estudo. O quarto do casal (já construção inteiramente nova) foi mobiliado com cama, penteadeira, o berço onde dorme o caçula de um ano e meio e um armário de parede a parede para guardar a roupa toda da família (situação incômoda declarada pela senhora).

No local contíguo construíram o banheiro completo, box, vaso, bidê, lavatório, azulejos e piso cerâmico coloridos. Segundo a senhora, como ele é grande, pretendem abrir

uma porta para o quarto de casal para que fique como suíte. O banheiro "é fabuloso; o anterior era muito pequeno", só que reconhecem que cometeram um erro: "banheiro dando para a cozinha não faria nunca mais pelo cheiro". Por este motivo entre a porta do banheiro e o local da cozinha propriamente de trabalho - fogão/balcão de cozinha, levantaram uma parede divisória. Assim, o local cozinha de boas dimensões, com piso cerâmico e azulejos até uma meia altura, ficou delimitado espacialmente por um ambiente exposto e outro mais protegido. O primeiro foi mobiliado com uma cristaleira encostada numa das paredes, mesa e cadeiras no centro do local (a mesa com centro/ de mesa) e geladeira colocada de canto. Entre as três paredes foi feito o local próprio de trabalho, o fogão com seu botijão de gás, o balcão de pia e prateleiras com jogos de vasilhames e vasos pequenos com flores e toalhinhas para enfeitar. Na lateral uma janela basculante maior que as convencionais, colocadas em cozinhas, porque a senhora gosta de cozinha bem iluminada. Nesta são feitas as refeições da família (durante/ a semana sem o chefe da casa e a filha maior que almoça fora) e as tarefas de aulas dos meninos. Na hora do café, este foi servido nessa mesa - prévia desculpa por ser casa de pobre - acompanhado com fatias de pão feito na cozinha de trás.

Domínios privativos dentro de casa

Na região dos fundos, encostada nas divisas, foi construída uma casa de mesmo nível de acabamentos que a casa do conjunto Monte Verde, mas com algumas funções diferentes, um viveiro, um canil e uma área semi-aberta onde a senhora lava roupa, cuida dos passarinhos e das plantas, cozinha o feijão, faz a janta e assa no forno de barro. Todos estes trabalhos são feitos pela manhã ou no período da tarde, porque de

tardinha é o cantinho do marido:

"É no viveiro onde se junta com os amigos.
É a salinha de concentração deles, só esse papo para amigos".

Vemos assim que num período a região dos fundos é usada quase que com exclusividade pela dona-de-casa nas tarefas domésticas, e é essa mesma região que o homem usará em outro período do dia, mas esta vez como local de lazer. Entretanto, dentro de casa vimos que os domínios também existem. A filha adolescente, que trabalha de dia e estuda à noite, concentra todas as suas atividades no seu quarto durante as horas ou os dias que fica em casa. No caso dos homens, ficam por um lado 'limitados' pela mãe a seu quarto (pelas bagunças) mas também fazem um uso mais descontraído do resto da casa.

3. Análises Comparativas

3.1. Casas isoladas

Planejamento econômico, etapas construtivas e ideação.

Pelo tratado no capítulo 1, a construção enquanto etapa 'acabada' é uma operação que vai demorar anos, mas que / não assusta os interessados porque já existem 'regras' não escritas mas conhecidas por todos.

Com o material acumulado aos poucos, como costumam / fazer, o corpo principal da casa estará pronto num prazo de / quinze dias para começar a ser habitada. Isto nos casos tradicionais, porque, no caso das invasões, três dias já é um tempo suficiente para a cobertura vir a existir.

Toda esta etapa é uma tarefa propriamente masculina, seja por parte dos familiares ou do pessoal contratado informalmente - prática também constatada por Dinah Guimaraens e Lauro Cavalcanti (1984) numa favela do Rio de Janeiro. Esta / prática popular tem sistematizado etapas que encontram-se aos olhos de todos. São as famosas casas mistas não por opção como poderiam ser as casas de classe média, mas por necessidade. Na

primeira etapa é construído o corpo inicial em madeira (quartos, sala e cozinha temporária). Na segunda etapa, ligada a uma melhor situação econômica, é construída de material, desta vez para englobar o banheiro e a cozinha. Dentro dessas etapas são costumeiros os anexos sucessivos; em geral, áreas de serviço, como também transformação do corpo de madeira inicial em alvenaria, que representa um ideal almejado por muitos.

O momento difícil da construção é o início - capital inicial - e os caminhos são vários, desde a compra de uma casa usada de madeira, que deverá ser desmanchada e trasladada para o lote do interessado, a venda de um carro, os materiais comprados aos poucos, uma herança de família, todos podem ser caminhos possíveis; nunca empréstimos aos Bancos, ou dinheiro proveniente da família. No caso do Banco, os motivos são óbvios, empréstimos ao setor informal é de devolução 'duvidosa' (para os banqueiros). No caso da família, a pobreza é a mesma: o apoio dela toma outros rumos, como o caso da mão-de-obra na própria construção. Toda essa estratégia que implica a acumulação prévia do material, nas construções das casas em etapas, na contratação do pessoal informal ou mão-de-obra familiar que permite uma considerável redução dos custos da obra, já foi visto também por outros pesquisadores. Segundo Fausto Neto, em Belo Horizonte, "Começando apenas com um cômodo, a casa é gradativamente ampliada pela adição de outros cômodos, e assim ela pode crescer juntamente com o ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico" (1978:135). Guimaraens e Cavalcanti, no Rio de Janeiro, através destes versos feitos por um entrevistado, reafirmam tal idéia:

"Com o passar dos anos nasceram mais filhos
E o nosso barraco também cresceu.
Ele que tinha apenas dois cômodos, hoje /
tem cinco

"Dois quartos, banheiro, cozinha e uma sala
nha.

O suficiente para quem nada tinha".

(1984:37).

Mas ambas as pesquisas diferem da realizada em Florianópolis, nas etapas construtivas. Como já foi supracitado, existem duas etapas definidas, o resto é complementar. A primeira, quartos, sala e cozinha temporária; a segunda, área de serviço e quando é possível também o banheiro. Todos esses passos econômicos e construtivos vão acompanhados paralelamente de um discurso ideológico no referente ao grau de acabamento ou coisa pronta que se deseja, entrando, às vezes, em contradição com a provisoriedade que muitas vezes reveste o próprio processo. Poderia se pressupor que a provisoriedade é um meio, nunca um fim; a tarefa pronta, bem acabada, é o almejado.

"Vou comprando aos poucos. Junto o material para começar tudo junto, tudo direito, se não começa e nunca acaba.

Ela quer que seja tudo certo e organizado!"

depoimento de Antônio (casa Neusa).

Se o planejamento econômico e a execução ou encomenda da construção é uma tarefa comumente feita pelo chefe da família, a ideação geralmente é mais uma tarefa do casal. Internamente à casa a mulher tem voz mais ativa, mas sempre acompanhando as possibilidades reais de cada situação e as sugestões do construtor da ocasião. As soluções técnicas são repetidas; os materiais empregados convencionais consegue-se em qualquer loja de construção da periferia.

Espaço exterior

- Critérios para localização da casa no terreno
- Referentes espaciais exteriores à casa.

Pelas casas estudadas até agora poderia se supor que preexiste a ideação das casas e posterior localização das mesmas no terreno, a relação espacial - frente X fundo - caracterizados pelos seus traços específicos:

| | | | |
|--------|-------------------------------------|-------|---|
| frente | porta da sala jardim porteira | fundo | porta da cozinha terreiro tanque varal galinheiro horta latrina |
|--------|-------------------------------------|-------|---|

Esta relação não guardaria correspondência diretamente com os aspectos físicos do terreno - plano, acidentado, dimensões - e sim com a rua que fosse em relação a outros acessos, reconhecida de caráter mais pública. Esta condição, por um lado, vai simbolizar o mundo dos estranhos e, por outro, vai referenciar os locais externos e internos da casa que servem / de transição entre o mundo público da rua e o mundo privado da casa, porém da família. Portanto, a frente da casa é o local / que serve de mediação e, como tal, fica preparado para tal e - vento.

Esta convenção sócio-espacial - frente X fundo - exige, para sua existência, no mínimo duas portas: a da sala ou frente e a da cozinha ou fundos, mas tal exigência não é condição suficiente também de uso. A tabela seguinte é ilustrativa / de tal colocação:

| Casa | porta de rua | loc. int. | loc. ext. | situação cotid. | uso |
|------|--------------|-----------|-----------|----------------------------|--------|
| 1ª | 1 | área | fundos | aberta | íntimo |
| | 1 | sala | frente | fechada | social |
| 2ª | 1 | área | fundos | aberta | íntimo |
| | 1 | sala | frente | fechada | social |
| 3ª | 1 | cozinha | fundos | aberta | íntimo |
| | 1 | sala | frente | fechada | social |
| 4ª | 1 | cozinha | fundos | aberta | íntimo |
| | 1 | área | lateral | aberta p/ limpeza do local | |
| | 1 | varanda | lateral | aberta aos fins-de-semana | |
| | 1 | sala | frente | fechada | social |
| 5ª | 1 | cozinha | fundos | aberta | íntimo |
| | 1 | sala | frente | trancada por móveis | |
| 6ª | 1 | cozinha | fundos | aberta | íntimo |
| | 1 | sala | frente | fechada | social |

O uso das portas da rua está definido pela localização relativa das mesmas, que implica um uso e frequência determinada por esta. No caso específico da porta da sala, esta faz, às vezes, de representação formal como referencial para os que chegam e de identificação dos que moram. No intuito de querer testar / sua 'necessidade' foi sugerido para alguns dos moradores a anulação da mesma, deixando só a da cozinha, ao que um deles falou:

"Pega mal, é obrigado a fazer".

Esta colocação contribui para corroborar a convenção

porta fundo: íntimo: aberta
porta frente: social: fechada

A porta da sala é orientada para a rua e sempre localizada (nestes casos de planta retangular) numa das laterais /

maiores, tal qual foi visto na "Casa Neusa", "Casa Bernadette", "Casa Célio", "Casa Ilse" antes da reforma, na "Casa Silvestre" e na "Casa Nicolau". A porta da cozinha (quando o terreno permite) é localizada na lateral menor da casa. Este esquema é válido para as casas que encontram-se na primeira ou única etapa construtiva, como o caso da "Casa Silvestre" e da "Casa Nicolau", porque as que atravessam uma 2ª etapa e constroem o tradicional puchado - "casa Neusa", pelos motivos já vistos, a porta é localizada numa das laterais maiores. Onde não existe/ espaço "suficiente" à divisa, a porta também é localizada na lateral maior ("Casa Bernadette" e "Casa Célio") mas, em qualquer dos dois casos, as regiões frente X fundo ficam suficientemente caracterizadas para demonstrar que se existe o lado informal, bagunçado do dia-a-dia, também está presente o outro / caracterizado pela ordem, pela preocupação estética para os outros. Quando os 'fundos' não conseguem a localização espacial/ adequada, as famílias sofrem a violação da privacidade, tal o caso "Casa Neusa" com a estória do varal, "casa Célio" com a cozinha da janela para a nova rua, ou a "casa Silvestre", com a porta da cozinha para o novo acesso.

Esta concepção espacial que implica a delimitação de áreas não observáveis ou protegidas dos estranhos é esclarecedora no trabalho de Thomas Gregor (1982) a propósito da concepção espacial da aldeia e das casas dos índios Mehináku. Gregor demonstra que se estes são adeptos de uma vida social altamente pública, também o são para uma vida privada em termos espaciais. Segundo o autor, "áreas que são visíveis e audíveis podem tornar-se o cenário das atividades da 'região de trás', com privacidade/ garantida pela convenção mais que pelas paredes e portas" e o aspecto formal desta região de trás ou quintal, "...é a informalidade. Ao contrário, da área da frente, que é varrida e capinada com regularidade..." (1982:93). À semelhança do tema /

tratado das casas isoladas, no caso dos índios Mehináku, o quintal é a localização espacial da privacidade, revestida de traços informais que socialmente "...reune aqueles cujas relações são íntimas e separa aqueles que são socialmente distantes" / (1982:95).

Espaço interior

Assim como foram vistos os critérios empregados no tratamento do espaço exterior, da mesma maneira podem ser vistos para o interior. Estes critérios de diferentes ordens, funcionais, estéticos, econômicos, construtivos e ideológicos são os que dão as pautas para a ideação do espaço geral - partido/arquitetônico - e também para cada local em particular. Nesta/etapa já preexiste também o uso futuro de cada um.

Basicamente, o esquema de planta característica que corresponde ao interior da Ilha e na Grande Florianópolis - área continental - está constituída na primeira ou única etapa/pela zona íntima - 2 ou 3 quartos - a zona social - sala, e a zona de trabalho - cozinha. Na segunda etapa é construída a cozinha e o banheiro, ficando então a cozinha anterior como copa ou sala de TV ou cozinha de dentro, ou como tudo junto. Os / quartos abrem diretamente para a sala e copa, sem corredor. Este esquema de planta leva implícito uma concepção de privacidade que é característico deste grupo social, cf. também foi ressaltado por Guimaraens e Cavalcanti (1984:57). O controle vi-sual da zona íntima poderá ser dado através de cortinas ou portas, quando necessário, tal o caso de ter filhas adolescentes/ou casais jovens dentro de casa (mas esta situação última, que pertenceria à categoria da família extensa, não tem vez; ela é vista só como etapa transitória na emancipação dos novos casais, como já foi bem explicado por Woortmann (1982). As casas /

não estão preparadas para isso e, pelo contrário, é o melhor / momento para enxergar os domínios privativos dos integrantes / do casal: a mulher espacialmente na cozinha; o homem espacialmente como ditador de normas. A privacidade em termos espaciais-visuais é uma questão que tem relação com sexo e idade. Ela, como tal, pode chegar a ser um fator de organização espacial - como já foi visto na "Casa Bernadette".

A sala e a cozinha (da primeira etapa) sintetizam os dois momentos espaciais característicos das famílias rurais: o momento social materializado na sala e o momento da convivência familiar materializado na cozinha, mas a sala não fica restrita ao momento social (para os de fora), ela também é de uso visual - "o bonito, o que é gostoso ver", ficando como prazer/estético da família. Depois da 2ª etapa tanto a sala como a copa servem de locais mediadores entre a zona íntima e a zona / de trabalho, por exemplo: casa Bernadette, casa Ilse, Casa Célio. A sala faz, às vezes, de corredor das casas de classe média, só que este tem como concepção espacial o local fechado / ou semi-fechado. Entretanto, estas têm como concepção espacial o espaço aberto, onde a transição está dada pelo recorrido e pelo acondicionamento ambiental diferenciado das zonas que separa, mas não necessariamente pela barreira visual, como nos casos do corredor das casas de classe média.

A cozinha da primeira etapa vira copa, e vai sair o puchado, coroação de uma prática antiga. Por um lado como o local do "fogo", espaço semi-dentro - semi-fora, e por outro como domínio da mulher e/ou do cotidiano. Segundo Lemos (1978) , vemos ora a cozinha dentro de casa, outras vezes no quintal ou então no meio do caminho, em puxado encostado à casa, mas com francas aberturas para o interior. E também duas cozinhas, uma dentro e outra fora da casa, no quintal" (1978:197).

O mesmo autor diz que as razões que determinaram a exteriorização do local cozinha deve-se que "para o Brasil os portugueses trouxeram suas cozinhas, seus fogões ou portáteis ou fixos...E também, suas chaminés sulistas, elegantes e senhoris. Trouxeram hábitos e costumes culinários que, aos poucos, se foram diluindo na mistura de culturas processadas na Colônia... mas, / logo nos trópicos, o português esqueceu-se da 'chaminé grande; que lembrava o frio europeu e passou a cozinhar com a fumaça / solta e daí uma justificativa para a posição quase que ao ar livre do fogão brasileiro"... (1978:31). Pelos estudos históricos feitos por Lemos das zonas de serviço nas casas brasileiras, o local cozinha tem 'saído' e 'entrado', como também tem entrado e misturado-se os costumes dos colonizadores e dos nativos, mas o clima teria sido uma variável determinante na exteriorização do local.

O banheiro dentro de casa vai sempre na segunda etapa. Ele não é considerado 'imprescindível' para se começar a morar, caso em que o terreno seja muito pequeno e os 'visuais' não controláveis - caso "Bernadette", quando o mato virou rua; ou nas favelas, pela proximidade entre barracos (cf. Guimarães e Cavalcanti). Os motivos para trazer dentro de casa são mais de ordem prática, caso eliminar as águas e o quarto destinado/ ao banho, não são de poluição ou de pudor. E como ele pertence construtivamente a uma fase mais cara (tubulações, pisos e azulejos) sai só na 2ª etapa. Todos os informantes questionados / sobre a porta do banheiro dando para a cozinha responderam o mesmo: não é higiênico, dá cheiro, mas o fato de que continuasse a usar mostra por um lado a economia de área (sai um hall, poupa-se m²), mas também uma relação diferente com o conceito/ 'higiene' da classe média.

Tabela da etapa de construção do Bo. e da localização da porta do mesmo

| Casa | Banheiro | Etapa constru. | Localização da porta |
|------------|-----------|----------------|----------------------|
| Neusa | planejado | 3ª | área |
| Bernadette | X | 2ª | cozinha |
| Célio | X | 2ª | cozinha |
| Ilse | X | 2ª | varanda |
| Silvestre | X | 1ª e única | cozinha |
| Nicolau | X | 1ª e única | corredor |

Tanto na "casa Silvestre" como na "casa Nicolau", onde o banheiro saiu na primeira etapa, deve-se entre outras coisas às condições de ocupação do lote, que ambas são por invasão. Esta forma de ocupação leva implícita a rapidez na colocação da cobertura, dado que uma vez conseguida existem muitas dificuldades para proceder à erradicação, cf. também foi visto por Barbosa Brandão (1983). Poderia-se supor que na hora da ideação / da casa foram concebidas todas as funções que alojaria o teto/ de uma vez só. Quanto à localização da porta do banheiro, a única casa onde esta dá para o corredor, ficando o banheiro entre os quartos - zona íntima - é justamente na casa não planejada pelo grupo em questão - que será melhor desenvolvido nas tabelas de distribuição de áreas (m²).

Na escolha dos materiais de acabamentos, um dos critérios mais utilizados é o que se refere à praticidade dos mesmos. Não se admite aqueles que não aparentem limpeza adequada. Um dos fatores que o pessoal argumenta para a preferência de casas de material X madeira é justamente a questão de limpeza: "as paredes de madeira têm divisões, as sarrafiadas todas, de material tudo lisinho..." Até as flores de plástico dentro de casa são parte dessa lógica:

"... é só limpar e duram mais".

No caso das cores preferidas para dentro de casa, a cor branca é a escolhida pela luminosidade, mas também pela "sensação de limpeza", e assim por diante. O que interessa é a limpeza, não por razões de saúde, mas como um valor do grupo; este valor / vai condicionar os critérios de escolha e localização dos materiais.

- A limpeza dos pobres X o luxo dos ricos -.

Estes mesmos acabamentos são usados com fins de diferenciação/ do espaço social e, portanto, colocados na 'ordem' correspon - dente. Os de melhor qualidade e mais bonito acabamento, na sala e copa, em ordem decrescente, cozinha dentro, cozinha fora/ ou área; na medida em que o local é de caráter mais íntimo, ele também tem um acondicionamento ambiental mais informal e não só nos materiais usados, mas também na mobília colocada. Os locais sociais, formalmente mobiliados com jogos de estofados/ e fórmica, os locais informais com peças soltas (artesanais) e, por vezes, velhas.

Móveis novos - jogo X móveis velhos - avulsos

Pode-se considerar patrimônio cultural do grupo estu dado o jogo de estofados de plástico com mesa de centro e o jogo de mesa e cadeiras de fórmica colorida. Este hábito mobiliário, 'o jogo', não só expressa as características sociais do / local em questão, pois ele por si mesmo tem-se convertido num padrão de medida na hora de ideação das casas, deixando para / um segundo plano o padrão de medida humano pelo:

"eu quero que entre um jogo..."

(depoimento típico)

O hábito de que seja essa mobília e não outra está relacionado com a disponibilidade econômica dos interessados, que impreterivelmente devem comprar sua mobília nas cadeias de lojas mais populares pelos preços mais em conta, e por sua vez mais padronizadas. Termina ocorrendo que na hora de comprar, os jogos / nas lojas são apresentados fazendo de conta das salas dos futuros compradores. Por isso, compra-se o jogo e também a disposição espacial que vestiram os locais destinados visualmente para os de fora. Entretanto, todas as casas pesquisadas durante / dois anos, das que já tinham área de serviço, nenhuma jamais teve 'jogo' por mobília.

Este referencial em parte também é compreendido porque vimos que é pelos enxovais e jogos de móveis que iniciam o planejamento da futura casa. Eles existem antes da materialização espacial da própria casa. Um dos contratempos que este padrão espacial produz (tanto nas casas rurais, como nas casas / COHAB'S tratadas) é uma imagem característica de local entupido. Dado que área (m^2) justamente é o que não sobra na casa / dos pobres, pela repetição da cena nas diferentes casas pesquisadas, pareceria que é preferível tal entupimento a não ter os jogos característicos. Em termos visuais eles são os referenciais sociais de dentro de casa.

Estudo comparativo da distribuição de área (m^2) em função de zonas prioritárias para o grupo estudado.

- Zona íntima
- Zona social
- Zona de serviço e permanência cotidiana.

Foram consideradas em cada zona os locais que os moradores destinam para a função principal. Zona íntima: locais / de descanso, no caso, os quartos. Zona social: sala e copa ;

esta última quando cumpre essa função. Zona de serviço e permanência cotidiana: todos aqueles locais considerados pelos moradores que são destinados ao trabalho doméstico e/ou de permanência cotidiana da família.

Tabelas de Zonificação de "usos"

Tabela 1 - Casa Neusa

| Zona | Local | Área (m ²) | Área (m ²) | % |
|--------------|-----------|---------------------------|---------------------------|-----|
| serv./cotid. | área | 4,56 | - | - |
| | cozinha | 9,045 | - | - |
| | q. múlt. | 4,59 | - | - |
| | | | 18.195 | 42 |
| íntimo | q. casal | 9,052 | - | - |
| | q. crian. | 5,10 | - | - |
| | | | 14.152 | 33 |
| social | sala | 10,55 | - | - |
| | | | 10,55 | 25 |
| Total | | 42,90 | 42,90 | 100 |

Considerando que o percentual da zona social foi incrementado erroneamente na hora da execução, pela não sincronização entre o material disponível na obra e as dimensões dos locais desejados, em termos de área bruta (m²), a menor área da zona social - 25% - em relação à da zona de serviço - 42% - indicaria que área (m²) não seria uma variável ao serviço das zonas mais "nobres". No caso do percentual da zona íntima - 33% - este é um valor um tanto alto (relativo), dado que a família

está composta por quatro pessoas, das quais duas são crianças, mas tal distribuição da área (m²) obedece ao hábito de que muitas das famílias colocam o berço do caçula no quarto do casal, geralmente nos primeiros dois anos de vida, descartando com isso uma possível supervalorização do local íntimo expressado na maior área (m²).

Tabela 2 - casa Bernadette

| Zona | Local | Área (m ²) | Área (m ²) | % |
|--------------|----------|---------------------------|---------------------------|-----|
| serv./cotid. | área | 12 | - | - |
| | cozinha | 18 | - | - |
| | despensa | 2 | - | - |
| | banheiro | 3 | - | - |
| | | | | 35 |
| íntimo | q. casal | 7 | - | - |
| | q. filha | 6 | - | - |
| | q. casal | 7 | - | - |
| | | | 20 | 26 |
| social | copa | 11 | - | - |
| | sala | 11 | - | - |
| | | | 22 | 29 |
| total | | 77 | 77 | 100 |

Nesta casa a área da zona íntima em relação à quantidade de pessoas, cinco adultos e uma criança, é mínima, sobretudo tendo em conta a presença na casa de dois casais (se bem que esta situação é temporária; ela pode chegar a se estender/de dois a três anos, no mínimo). No caso da zona social, depois de construída a segunda etapa, ficou composta pela sala e

copa - antiga cozinha-. Este local, separado da nova cozinha / por um desnível de piso e um vão sem porta, foi integrado visualmente de fato à sala por ser um lugar único sem divisões e com um mesmo tratamento na mobília e enfeites, e em termos de uso por ser ambos usados como locais de transição entre a zona íntima e a zona de serviço e permanência da família. Apesar / disso, no porcentual geral da casa, a zona social (29%) é bem menor que a da família (45%).

Tabela 3 - Casa Célio

| Zona | Local | Área (m ²) | Área (m ²) | % |
|--------------|------------|---------------------------|---------------------------|-----|
| serv./cotid. | cozinha | 9 | - | - |
| | copa | 13 | - | - |
| | banheiro | 3 | - | - |
| | | | 25 | 49 |
| íntimo | q. casal | 7 | - | - |
| | q. crianç. | 7 | - | - |
| | q. hósped. | 6 | - | - |
| | | | 20 | 39 |
| | sala | 6 | - | - |
| | | | 6 | 12 |
| Total | | 51 | 51 | 100 |

A Casa Célio está quase pronta. Com a primeira e segunda etapas foram concluídas a zona íntima (quartos), a zona/social (sala) e a zona de serviço e da família (Bo., cozinha e copa - usada como sala de televisão); só está faltando uma terceira etapa (planejada), a da área de serviço onde vai ter o

fogão è lenha e o tanque, entre outras coisas; desta maneira / terá duas cozinhas: a de dentro e a de fora e, com isto tudo , a zona privilegiada continua a ser ainda mais o local de serviço e da família.

A Casa Célio, habitada por uma família nuclear - casal mais dois filhos, com um programa de necessidades - três / quartos, banheiro dentro, cozinha, copa, sala e área (planejada) e uma relação de áreas - zona de serviço/cotidiano (49%) , íntima (39%) e social (12%), pode-se considerar uma casa-tipo/ da região pesquisada.

Tabela 4 - Casa Ilse

| Zona | Local | Área (m ²) | Área (m ²) | % |
|--------------|-----------|---------------------------|---------------------------|-----|
| constr. nova | área | 55 | - | - |
| " | cozinha | 13 | - | - |
| " | varanda | 25 | - | - |
| velha | s. jantar | 10 | - | - |
| " | banheiro | 4 | - | - |
| serv./cotid. | | | 67 | 57 |
| | velha | q. casal | 10 | - |
| | nova | q. homens | 7 | - |
| | velha | q. filha | 7 | - |
| | " | q. hósped. | 8 | - |
| | " | q. hósped. | 8 | - |
| íntimo | | | 40 | 33 |
| | velha | sala | 12 | - |
| social | | | 12 | 10 |
| Total | | 119 | 119 | 100 |

Esta casa que originalmente contava com 55 m² do corpo central mais a estrebaria que, por uso, também era parte da casa, na hora do acréscimo duplicou sua área (m²) justamente / na zona de serviço juntamente com os locais de permanência da família.

Pelo visto anteriormente, esta casa não guardaria relação entre a quantidade de quartos (cinco) e a quantidade de pessoas / (cinco, na hora da reforma), mas pela distribuição espacial / por sexos e pela existência de quartos-depósitos, costumes comuns da localidade pesquisada, justifica-se tal situação. No entanto, a zona de serviço e cotidiano da família é consideravelmente maior se comparada com a zona íntima e a zona social.

Tabela 5 - Casa Silvestre

| Zona | Local | Área (m ²) | Área (m ²) | % |
|--------------|------------|---------------------------|---------------------------|-----|
| serv./cotid. | cozinha | 8 | - | - |
| | banheiro | 4 | - | - |
| | puchado | 1 | - | - |
| | varanda | 5 | - | - |
| | | | | 18 |
| íntimo | q. casal | 10 | - | - |
| | q. crianç. | 5 | - | - |
| | | | 15 | 35 |
| social | sala/copa | 10 | - | - |
| | | 43 | 43 | 100 |

A sala desta casa, pela localização 'relativa' da porta e do próprio local em si e pelo jogo de sofá com que está mobiliada, poderia se deduzir que foi ideada com fins soci-

ais, mas pela presença da máquina de costura, pela poltrona en costada na porta da sala (deixando este acesso trancado), pelo jogo de copa que não permite abrir uma das folhas da janela , tal espaço social, como ele é entendido pelo grupo, torna - se de uso duvidoso. Ele, além de ser um local 'entupido', também/ serve para o trabalho feminino. Pela localização interna e externa e pela mobília convencional, é considerado - na tabela - para a zona social. De todos os modos, a relação porcentual en tre zonas continuaria a ser a mesma: a social em último lugar. Para efeitos de cálculo de área (m²), a varanda e o puchado fo ram considerados como metade da área (m²). A varanda por ter / só cobertura, piso de chão batido e sem fechamentos laterais ; no caso do puchado, pela mesma situação.

Tabela 6 - Casa Nicolau

| Zona | Local | Área (m ²) | Área (m ²) | % |
|--------------|------------|---------------------------|---------------------------|------------|
| serv./cotid. | cozinha | 14 | - | - |
| | banheiro | 6 | - | - |
| | | | 20 | 24 |
| íntimo | q. casal | 15 | - | - |
| | q. meninas | 12 | - | - |
| | q. meninos | 11 | - | - |
| | | | 38 | 45 |
| social | sala | 13 | - | - |
| | copa | 13 | - | - |
| | | | 26 | 31 |
| Total | | 84 | 84 | 100 |

Poderia-se intitular esta casa como "casa pela negativa"; a zona da família e trabalho, contrariamente às anteriores, é a de menor área (m²) em termos relativos; a zona íntima também é comparativamente maior em relação às outras casas. Segundo a informante, desde a localização errada da frente da casa, da existência do corredor interno separando as três zonas/da casa que ela não gosta, e pela área (m²) mal distribuída, esta casa não é representativa da família que mora nela.

Tabela 7 - Casas rurais

| | Casa | % serviço cotidi. | % íntimo | % social |
|----------------|------------|-------------------------|-------------|-------------|
| 1 ^a | Neusa | 42 | 33 | 25 |
| 2 ^a | Bernadette | 45 | 26 | 29 |
| 3 ^a | Célio | 49 | 39 | 12 |
| 4 ^a | Ilse | 57 | 33 | 10 |
| 5 ^a | Silvestre | 42 | 35 | 23 |
| 6 ^a | Nicolau | 24 | 45 | 31 |
| % | média | 43,16 | 35,16 | 21,66 |

Pelos percentuais médios da Tabela (7), a zona de serviço da família em relação às outras zonas - íntima e social - destaca-se em termos de área (m²), mas pelos percentuais/parciais da própria tabela (7) as cinco primeiras casas não guardam similitude com a sexta casa, pelo contrário, estes valores mostram-se encontrados.

Elementos que caracterizam a diferença da sexta casa.

A sexta casa, pela forma como foi concebida, tem as três zonas consideradas, serviço-cotidiano, íntima e social /

perfeitamente diferenciadas espacialmente. A zona social (sala e copa, nesta casa) ficam isoladas dos quartos e Bo. através / de um corredor que, entre outras coisas, faz de transição entre as três zonas. Esta solução arquitetônica do corredor permite aos moradores movimentarem-se sem serem vistos desde a zona social, conservando com isso sua 'intimidade', seja esta de roupas informais ou de neuroses pessoais, ou simplesmente para não participar do que está acontecendo no resto da casa. Esse mesmo corredor também beneficia a mulher em situações de chegada de visitas não esperadas, podendo esta passar de um local / de trabalho, como a cozinha, para um local íntimo - quartos - aos efeitos de trocar-se de roupa sem ser vista. Por sua vez, as salas ficam isoladas da cozinha por uma parede interna, conectadas por uma porta que não foi colocada precisamente pela possibilidade de nenhum fogão à lenha vir a sujar a casa; a porta, nesse caso, é destinada a servir os convidados em caso / de festas ou jantares, mas sem que estes possam enxergar a desordem ou informalidade da cozinha. Nas outras casas, as salas faziam-se, às vezes, de espaço social, e de transição entre a zona íntima e a zona de serviço, eliminando, dessa maneira, o corredor enquanto área (m²) e mostrando outro conceito de privacidade em contraposição à privacidade da casa de classe média. No caso das casas estudadas sem corredor, estas baseiam / sua privacidade, quando necessária, nas diferenças de sexos ou idade, como já foi explicitado anteriormente. O conceito de / privacidade espacial não é para os membros da família nem para os que podem vir a frequentar as suas casas, daí o espaço aberto. Entretanto, como bem coloca Carlos Lemos, "a marca da boa situação social é a casa com menor superposição possível de funções" (1978:18).

Vemos então que a zona social da casa Nicolau (sexta), pelo isolamento em relação às outras zonas - íntima e de serviço - e

considerando o porcentual da área relativa (m^2), é uma zona em oposição às zonas sociais das casas anteriores.

A zona íntima, em termos porcentuais, é a mais valorizada e é no quarto de casal onde a diferença aparece mais gritante comparando com as áreas (m^2) dos outros quartos de casais.

| q. casal | 1ª | 2ª | 3ª | 4ª | 5ª | 6ª |
|-------------------|-------|----|----|----|----|-----|
| Área (m^2) | 9.052 | 7 | 7 | 10 | 10 | 15* |

Na primeira casa vimos que o quarto foi planejado / com área (m^2) suficiente para comportar o jogo de quarto e o berço, na quarta casa era no quarto de casal onde encontrava - se a escada para ascender ao sótão, na quinta o quarto de ca - sal também era de televisão (por certo, hábito que já tinham / na casa anterior), vemos então que cada uma das situações su - praticadas exigiam um espaço mais folgado que nas casas "Berna - dette" ou "Célio", onde os quartos só são utilizados para dor - mir e com cama necessariamente encostada numa lateral, mas pela comparação, pode-se apreciar que a sexta casa disparou compara - tivamente em termos de área.

No caso da zona de trabalho, esta é vista em termos / do trabalho específico e com periodicidade de uso interrompido e só é usado pela família nas horas das refeições (caso sejam / feitas nesse recinto), ou como local de refeições da empregada. O valor porcentual corresponde corretamente à função assinala - da.

Pelos depoimentos negativos dos donos da casa Nico - lau e pelo exposto até aqui, esta casa é a mostra clássica da transposição cultural de um grupo social para outro, onde não

só se diferencia a faixa de renda, mas os conceitos básicos de viver numa casa. A explicação já foi vista: a casa chegou aos interessados pela política, tivesse dado o mesmo que os interessados a tivessem comprado no supermercado mais próximo. Já nas cinco primeiras casas da Tabela 7, estas guardam entre si uma relação de porcentuais similares entre as diferentes zonas de uso. Pelos valores da tabela correspondente à zona social e do visto até agora poderia-se dizer que a valorização do social nestas casas está dado pela localização preferencial em termos de visuais externos e internamente à mesma, pela utilização de materiais mais nobres e de melhor acabamento, pela mobília - jogos, tapetes, quadros de família - e disposição particular destes no local; mas em nenhum caso por uma utilização maior da área disponível (m²). Poderia-se afirmar que a zona social é necessária em termos de existência espacial, mas não de uso real. A zona íntima pelo percentual da Tabela 7 e pelo uso que tem - quartos de tamanho reduzido utilizados basicamente para dormir, reforçaria um conceito de família, onde a prioridade é pelo uso coletivo em detrimento do individual. Já pelos valores referentes à zona de serviço, tudo indicaria que preexistiria na hora da ideação uma lógica embasada no trabalho doméstico e no encontro familiar, que tenderia a valorizar em termos de uso tais espaços. Isto se traduziria numa maior área para a zona de trabalho em detrimento do social e da zona íntima, valorizando também com isto um dos papéis centrais da família nuclear, a mulher, levantado por Woortmann (1982) enquanto "dona de casa", administradora e reprodutora da força de trabalho e esta afirmativa se reforça a nível de domínios nos depoimentos de uma das informantes, a propósito do local cozinha:

"Eu faço e o que fiz fica feito.
Sinto que é meu, ninguém faz comida.
É meu".

Maria (casa Silvestre)

O outro tanto acontece no plano das preferências dos locais da casa

"depois da igreja, a casa toda.
Para ficar, mais na cozinha".

dona de "Casa Bernadette"

e estas colocações de domínios, de identificação com certos locais a nível afetivo, no caso a cozinha, onde a permanência cotidiana é prolongada e a maior produção é feita pela mulher, teriam sido estudados por Ekambi-Schmidt (1974) sobre locais da casa a nível da percepção que a autora denomina de funcionalidade afetiva dos espaços do habitat.

A propósito do local cozinha, diz-se que no caso de um espaço que é supostamente prático-funcional, a diferença a favor da funcionalidade pura do mesmo não é muito grande. Os resultados das investigações mostraram que existe por parte da mulher a dupla percepção da cozinha: a nível prático-funcional e a nível de funcionalidade afetiva.

3.2. Casas COHAB'S

Considerações sobre a semelhança entre as casas COHAB'S reformadas e as casas do sítio.

- Estratégia construtiva
- O processo de ideação
- Hábitos comuns

Características específicas das Casas COHAB'S.

- Padronização versus estigma das COHAB'S.

A estratégia utilizada para reformar o existente ou construir novos locais nas casas COHAB'S, à semelhança das casas isoladas, é estruturada por uma seqüência de passos perfeitamente articulados, que dependendo dos recursos econômicos e humanos disponíveis na hora, podem vir a ser intercalados de diferentes maneiras. Esta característica é a que imprime no processo a flexibilidade necessária sendo que, sem ela, esta população de baixa renda não teria condições de construir. Basicamente ela é composta pelos seguintes passos:

- capital inicial
- construção por etapas (tempos construtivos)
- mão-de-obra barata

O capital inicial, dependendo das situações particulares, pode-se obter de maneiras diferentes: pela acumulação progressiva do material construtivo (empilhado nos cantos, uma imagem típica das regiões pesquisadas), pela venda de um lote comprado a prestações ou venda de um carro ou uma moto, ou mesmo, como vimos, nas casas isoladas, com a compra de materiais usados ou casa de madeira para se reaproveitar. Nas casas isoladas, o capital inicial é decisivo para que o processo venha a acontecer. Nas casas COHAB'S poderia-se considerar que a própria casa COHAB original já é o motor de arranque do processo como um todo. Ela é o primeiro capital inicial, desde onde o morador pode vir a planejar e articular os tempos de sua estratégia, sendo isto uma vantagem em termos econômicos para o morador, na época de reformas, e desvantagens quando prontas, dado que ficará com uma dívida prolongada a pagar. Este ângulo da análise não foi explorado e poderia ser matéria de estudo posterior.

Como vimos nas casas isoladas, por serem estas ideadas pelos próprios moradores conjuntamente com amigos ou familiares, existe a possibilidade de prever, já na ideação das casas, as

etapas construtivas contemplando assim suas 'necessidades' / primárias em relação também a suas possibilidades econômicas. Saem, desta maneira, zonas prontas, íntima e social e zonas mutáveis, como cozinha, que vão ser durante o tempo que venha a ser necessário o habitat adequado à família que nela mora . Não acontece o mesmo com as casas COHAB'S, onde o usuário começa a idear a partir da casa original estar pronta. As 'necessidades' primárias são vistas então deste outro ângulo, e, sendo possível a cirurgia, começa-se pelos muros divisórios / como delimitação da propriedade, mudanças de aberturas, como controle da privacidade e reformas de cozinha interna, como incorporação gradual dos hábitos característicos do grupo, na nova casa. Na próxima etapa, a construção será da zona informal ou mundo doméstico. Não conseguindo sair juntas por razões econômicas dá-se resposta espacial primeiro à necessidade social para vir depois a satisfazer a vida privada, tanto nas casas isoladas como nas reformas das COHAB'S.

A terceira engrenagem desta estratégia é a mão-de-obra barata. Ela pode vir a ser não remunerada ou semi-remunerada. No primeiro caso refere-se à autoconstrução, onde a família cumpre um papel decisivo trabalhando nos fins-de-semana. No segundo caso, é a mão-de-obra de colegas de serviço ou vizinhos que executam a construção também nos fins-de-semana oo complemento salarial (bicos). Da articulação destes passos vai sair o tempo que venha a ter finalmente a construção como produto acabado.

Entretanto, a ideação, que segundo os momentos construtivos é decidida pelo casal e/ou pelos construtores do caso, estará presente no decorrer de todo o processo. Desde: a decisão da ordem em que são executadas as etapas construtivas as características que deverão ter os espaços construídos novos ou reformados, até na hora da escolha dos acabamentos e mobílias dos locais. O processo de ideação pressupõe como se

deve viver numa casa em família ou individualmente, como se viver em relação a outras casas próximas, como conciliar dois mundos, público e privado, que ficam separados simplesmente / por uma porta.

Em síntese, toda decisão ou escolha por simples ou complexa que venha a ser, tem por trás pressupostos que dizem respeito aos códigos, às convenções sociais do grupo em questão. É em situações economicamente adversas que dá de se ver até onde estes pressupostos são decisivos na estratégia popular. Nas casas do programa PROFILURB (0 a 3 salários mínimos) o fato dos moradores terem destinado dinheiro de seu minguado salário para delimitação do lote ou mudança da porta da fachada frontal para a lateral mostra a importância que para eles tem o cumprimento de certas regras que dizem do seu universo/ social.

Sendo assim, na estratégia popular, o processo de ideação representa a argamassa para as construções. Valendo-se de pressupostos ideológicos, de critérios técnicos, estéticos e funcionais segundo a situação particular, a ideiação dará / resposta às solicitações diversas que esta faixa populacional tem que enfrentar.

Espaço exterior

Pelas dimensões maiores dos lotes rurais, e/ou a baixa densidade habitacional, quase sempre as casas no meio / rural podem vir a ser recoráveis. Isto quer dizer que não existem barreiras que interrompam os visuais do contorno todo da casa. Assim, cada uma ou todas simultaneamente podem vir a ser fachada(s) frontal(is) ou fachada(s) traseira(s). Todas 'rostos' ou todas 'costas', no entanto vimos que são as sinala dos significados de antemão a cada uma criando nas casas rosto e costas.

Aparece então:

fachada frontal ----- frente da casa
 fachada traseira ----- fundos da casa
 fachada lateral direita
 fachada lateral esquerda

As laterais, segundo o caso em particular, acompanham algumas das anteriores enquanto aparência e região de uso. Vimos também que nas casas COHAB'S - zona urbana - por estarem estas localizadas em lotes pequenos, regulares, com regulamentos municipais a cumprir, são localizadas perpendiculares às ruas coletoras e, no preciso momento de fazer-se a 'marcação' da futura casa no terreno fica também definida a fachada frontal - social - porta da sala. Pela argumentação feita sobre os casos estudados, as famílias das casas COHAB'S não aceitam um dos elementos da relação - porta da sala na frente - e procedem na maioria dos casos à mudança para a lateral. Nesta operação mudar-se-ia a porta e também a fachada principal, mas termina acontecendo que a mudança é só em termos de acesso / social porque, em termos estéticos, para os de fora, a fachada frontal continua a se destacar de outras fachadas da casa. Tanto pode ser através de colocação de revestimento, como pedras, cerâmicos, pinturas ou trocas de janelas originais por outras mais trabalhadas. O que acontece nas casas COHAB'S é que exteriormente deve-se dar dupla resposta: por um lado resolver os termos da relação vida privada X vida pública; definida essa relação com as intermediações do caso, deve-se dar resposta à padronização que as casas COHAB'S estão sujeitas. Deve ficar claro para os estranhos quem mora dentro dela.

A fachada frontal nas casas COHAB'S, como nas casas rurais, é aquela que faz de intermediação entre o mundo / público da rua e o mundo privado da casa, referenciando por um lado o local semipúblico - sala dentro de casa, aliás, nas

casas COHAB'S ela também age como elemento de identificação/ da família que nela mora em relação a outras casas do próprio Conjunto. Sem chegar a generalização alguma poderia-se considerar a necessidade de diferenciação, o emergir da padronização, uma preocupação mais de ordem masculina que feminina. O homem é o que mais se manifestou em torno da padronização e / ou de uma irmã de sangue nestes conjuntos: o estigma das / COHAB'S. No caso da primeira, segundo depoimento de um morador do Conjunto Monte Verde:

"As casas iguais parecem um pombal,
não sabe onde é branco e onde é preto".

e essa preocupação de falta de identidade materializada a nível espacial fundamentalmente na fachada não morre na casa , ela estende-se até os limites do próprio bairro; também existe a necessidade de diferenciar-se a nível de ruas:

"Até hoje continuamos com a denominação de
quadra X lote como cemitério,
como quem procura um defunto".

mesmo morador do conjunto Monte Verde.

Entretanto, quando foi a vez da mulher falar sobre a padronização das casas COHAB'S, a ótica sobre o assunto mudou. Ela / prefere:

"Segundo o que fosse dentro".

Nas colocações procedentes do homem, a preocupação/ prioritária é a diferenciação com os outros; "pombal" neste / caso é sinônimo de padronização, de repetição e essa característica homogeneizadora não permite diferenciar-se entre núcleos familiares "não sabe onde é branco ou onde é preto", com a colocação seguinte ainda fica mais acentuada a necessidade/ da localização diferenciada no espaço físico-social, esta vez dentro do próprio Conjunto Habitacional, e a rua onde morava/ a família diferenciava-se das outras, em dois elementos que faziam às vezes de separação (contraste com as outras ruas) e de identificação dos moradores da rua. Tinham colocado na en-

trada da rua uma placa com nome para identificar e, no fim da rua, um jardim com flores e bancos para se sentar. Isto mostra que quando possível, o domínio estende-se e o habitat não acaba na cerca da casa, não basta diferenciar-se com o tratamento desta, também é necessário localizar-se espacialmente / na unidade maior que é o bairro e a sinalização e o tratamento do verde da rua servem para tal identificação. Feita a identificação do morador com sua rua, esta deve diferenciar-se das outras no tratamento e na denominação; deve ter alma, aí então recebe um nome.

Pela colocação feminina, os critérios empregados / são bem diferentes. O prioritário já não é a diferenciação entre os mundos privados

casa ≠ casa

a preocupação é com seu próprio mundo, onde ela é dona e senhora do território familiar. Sem ser as relações seguintes / excludentes de seus opostos, elas continuam a ocupar nas famílias pesquisadas uma posição prioritária:

| | |
|---------------------|-------------------|
| mulher = casa | homem = rua |
| mulher: casa ≠ casa | homem: casa ≠ rua |
| | casa ≠ casa |
| | rua ≠ bairro |

mas a padronização vista a partir de outro ângulo, tanto homem quanto mulher coincidem. Como fora colocado em diversas oportunidades deste trabalho, a fofoca é como a pimenta: saborosa e irritante. E muito dos critérios empregados nas construções, o afastamento das divisas, a não colocação de portas e janelas de boca para o vizinho, morar longe de servidões, preferir casa da frente a rua principal para não ter vizinhos próximos e infinitudes de outras situações levantadas no decorrer desta pesquisa mostram que estas situações foram geradas em grande proporção pela FOFUCA.

Conhecendo o quadro, dá para compreender:

"É bom tudo igual, para que um não fale do outro".

Terezinha - Forquilha - PROFILURB

assim considerada a padronização, a nível do discurso, é empregada como paliativo contra a fofoca e a inveja. A forma é atrelada ao social, a igualdade é usada em função de evitar o conflito.

A padronização, dada pela repetição indefinida do modelo, no caso a casa COHAB, cria de fato o estilo COHAB. Este estilo implica certas características que dizem da localização da casa no lote, da tecnologia, dos materiais empregados, dos acabamentos, do esquema de planta, entre outros que juntos vão dar por um lado o padrão da casa COHAB, fator possível de ser usado como diferenciador de renda X estigma:

"Bem de vida não mora na COHAB".

Morador do Conjunto Monte Verde, caracterizando os que querem subir na vida e moram nas casas COHAB'S.

Ou como no caso de Terezinha - (PROFILURB):

"Casa COHAB não tem valor para vender, não gostam da casa encima da outra só pelo nome COHAB".

Por outro lado vai se criar o hábito visual, a apropriação da forma pelo usuário, que gera para alguns deles colocações deste teor:

"Para mudar vai gastar uma grana.
Se o estilo foi feito, fica assim;
mudam a porta, da frente para a lateral,
colocam janelas mais grandes, saem da padronização, é feio".

Morador do Conjunto Forquilha, Programa Habitacional, falando sobre padronização.

Este mesmo morador virou a situação e fiquei sendo a entrevistada:

"Já me falaram, vais morar na COHAB?
 Você o que acha, é feio?
 Tem diferença de outros bairros?"

As colocações precedentes pertencem a nível do discurso por - que a moradora do Programa PROFILURB mudou tudo recriando assim suas próprias convenções X casa COHAB. No caso do morador - Forquilha Programa Tradicional, este não mudou, nem pretende mudar nada da frente, aceitando o status quo, mas dentro de sua estratégia construtiva até piscina vai sair:

"que aqui ninguém tem".

Hábitos comuns

Tal qual vimos na casa COHAB, a cozinha original fo ra substituída por duas cozinhas. Uma localizada no corpo / central da casa, a 'cozinha de dentro'; e a outra localizada/nos fundos do lote, a 'cozinha de trás'. A cozinha de dentro foi construída com dimensões folgadas, um bom acabamento, mobiliada formalmente: é o local lindo e sempre limpo. Cotidianamente é usada para tarefas 'limpas' como preparo do café ou para as refeições, nunca para preparo de comidas ou lavado de louça e também é o local das tarefas de aulas das crianças e esporadicamente por alguma festa de aniversário ou chegada de algum parente. A cozinha dos fundos é um local pequeno, mal a cabado e de característica semi-fechada, onde é colocado geralmente um fogão à lenha e forno de barro. A mobília é forma da por restos de móveis velhos e diferentes. Esta cozinha é localizada junto a outras dependências onde desenvolvem-se atividades de trabalho masculino de caráter informal ou de lazer para os homens, até de unidades transitórias de moradias/para recém-casados. Quanto à sua localização de fundos, conforme alguns depoimentos, existe a vontade de que esta venha

a ser construída no corpo central da casa, mas supõe-se que elas sejam colocadas nas divisas formando a conhecida edícula para um amplo aproveitamento das paredes, seja para delimitar a região de trás, como para separar-se de visuais de vizinhos indiscretos, evitando assim uma das situações corriqueiras de conflitos, as fofocas via visual.

Nela realiza-se as tarefas de manutenção da família, lavado / de roupa e preparo de comidas principais. Quando existem práticas paralelas que exigem maior área, as refeições são trasladadas para a cozinha de dentro.

Tendo em conta as características dos locais supracitados poderíamos estabelecer as seguintes relações:

| | | |
|----------------|---|-----------------------------|
| cozinha dentro | X | cozinha fora |
| pronta | X | sem terminar ou mal acabada |
| limpa | X | suja |
| linda | X | feia |
| jogo | X | móveis avulsos |

Um dos termos da relação, a cozinha de dentro, tem aparentemente um uso ambíguo em contraposição à cozinha de trás. Este local não pode ser analisado separadamente da sala e da cozinha dos fundos. Ele é um local-chave. A sala é localizada em termos espaciais na região da frente e preparada visualmente para receber os de fora, os estranhos. A cozinha de trás é o local de trabalho, a fábrica que nunca pára, sobretudo nas famílias numerosas, o reino da informalidade, onde tudo é permitido. Os amigos, vizinhos e parentes entram e saem/sem ser convidados. Tanto na sala como na cozinha de trás, o jogo social é perfeitamente definido:

| | | |
|-----------|---|----------|
| frente | X | fundo |
| público | X | privado |
| formal | X | informal |
| estranhos | X | amigos |

Entretanto por todas as situações particulares como:

frio --- necessidade de local fechado

festas esporádicas --- locais formalmente acondicionados

tarefas das crianças --- mesa que deverá ser limpa

costura --- espaço necessário para a tarefa feminina dentro de casa.

existe a necessidade de um local complementar de área disponível para a família dentro de casa que supra a sala (como, já foi explicado a sala para a família tem só um uso visual) e é também o limite visual da casa para os estranhos, protegendo / assim das miradas desnecessárias (a cozinha de trás).

A contradição a resolver espacialmente do lado externo era a separação entre o mundo público da rua e o mundo privado da casa. Internamente traslada-se esta contradição, dado que nas casas também podem entrar os estranhos, e a sala é o local que assumirá esse termo da contradição, ficando a cozinha dos fundos como o local privado. Entre estes locais / que abrigam significados antagônicos existem pontes espaciais, o local 'cozinha de dentro', na casa COHAB, é um deles. Pela sua denominação 'cozinha' pertence ao mundo privado da vida familiar, mas pelo papel que deve cumprir ocupa uma posição semi-privada dentro da casa. A cozinha de dentro da casa / COHAB é comparável à cozinha ou copa da casa do sítio. Entretanto, a cozinha de fora da casa COHAB é comparável à área ou cozinha de trás da casa do sítio.

Sendo casas COHAB'S não reformadas, a cozinha kitchenet supre espacialmente em termos de uso as duas supracitadas. Misturam-se, desta maneira, às tarefas de preparação de alimentos, frituras, lavado de louças com conversas informais de amigos. Tudo, dentro de um entupimento espacial característico. Assim a imagem é: numa lateral a geladeira, o balcão de pia com armário suspenso e o fogão a gás. No canto, o botijão

de gás; na outra lateral uma mesa retangular pequena encostada na parede com dois ou três bancos ao redor; na parede que encosta a porta de rua, um prato ou pano pintado à mão e algum outro enfeite. Eletrodomésticos, mesa, bancos e armários em cor vermelha, os carpetes combinando de cor, piso e parede de alisado de cimento (o acondicionamento desta cozinha pertence a uma casa não reformada do Conjunto Monte Verde, mas excetuando a cor ou as combinações entre eles, é uma amostra fiel das outras).

Em qualquer das situações a porta da cozinha continua a ser a porta de entrada e de saída da família e amigos; como no sítio ela permanece aberta, com os chinelos de dedo ou sapatos esperando o regresso de seus donos.

Hábitos interrompidos ou reforçados

A região dos fundos da casa COHAB é como vimos, a zona privada da família, o local de trabalho por excelência, que pode vir a ser interrompido ou reforçado seu uso, dependendo do relacionamento com a vizinhança. Casas em lotes de esquina, onde os fundos de uma delas fica frente-a-frente com a lateral da outra, em situações de relacionamento ruim, podem ser motivo para a mudança de hábitos que mais falam dos próprios moradores, tal o exemplo de uma das casas do Conjunto Monte Verde, onde as donas-de-casa não trabalham fora e as janelas de uma da lateral viram imensos 'olhos' para os fundos de outra casa. Corolário: a porta da cozinha que comumente permanece aberta, que é a entrada e saída de tudo o que acontece nessa casa, fica fechada. A porta usada passa a ser a da sala que, para este tempo de discórdia, já tinha sido mudada para a lateral. O novo fundo-frente está dado na região da frente, com janela, jardim e fachada trabalhada; na região

fundo-lateral, o tanque e a horta. Fechar a porta da cozinha resolve o problema de invasão visual, mas não resolve a inveja. Como esta é poderosa, deve-se evitar; os remédios são caseiros e ao alcance de todos, os resultados estão à vista. A trás da porta da cozinha colocam-se dois pezinhos de arruda / em cruz (a arruda é colhida da própria horta; sinal de que o pessoal fica preparado) e no centro da mesa um vaso com a / planta 'comigo ninguém pode' que, segundo esta entrevistada e algumas outras, asseguram que quando tem olho grande dentro / de casa, elas choram. Fora, na lateral, espada de São Jorge / para proteger a casa. Existe a situação inversa, que é a do bom relacionamento entre a vizinhança. No mesmo bairro entre três casas vizinhas foram colocadas nas divisas laterais do fundo do quintal porteiras. Elas podem ser usadas pelos adultos em caso de doença e pelas crianças livremente. Vemos então que o uso da casa, das portas de rua, dos visuais escolhidos vão estar em função do relacionamento com a vizinhança, sendo que com o conhecimento devido da privacidade necessária entre casas, podem-se evitar localizações inadequadas. Como vimos, até as plantas podem vir a ser usadas no intuito de atenuar invejas e conflitos.

"O cantinho da gente, arrumado
pela própria gente".

Moradora do conjunto Forquilha falando
da casa ideal.

Estudando as casas COHAB'S vemos que quando existem reformas, sejam estas via autoconstrução ou por encomenda, implicam para seus moradores um processo de ideação que se reverte em envolvimento emocional com o imóvel. As casas COHAB'S podem encontrar-se em estado original ou reformadas, sendo / que estas últimas sofrem cirurgias menores, como mudança de

uma porta até cirurgias maiores, como construção de novos locais e/ou reformas dos existentes. Pelo exemplo da mudança / da porta, a envergadura da construção não é parâmetro para medir a importância que esta tem para seus ocupantes. No entanto, é característico que até onde o lote permita, existam hábitos recriados.

Na hora da ideação da reforma, já existem os pressupostos sobre os usos de cada local. O uso deles está em função de:

- a posição que ocupam espacialmente dentro da casa e em relação aos referentes espaciais frente - fundo.

- pelo acondicionamento dos mesmos: a nível de acabamento / construtivo e mobília usada, que serão instrumentos diferenciadores dos espaços sociais dentro do próprio mundo privado. Sendo assim, o uso independe do tamanho dos mesmos conforme o caso das cozinhas kitchnets COHAB'S versus salas (folgadas e sem uso), ou no caso das cozinhas de trás COHAB versus a cozinha de dentro. No caso específico das casas não reformadas, a diferença de uso com as outras é que nesta não se consegue / ter um uso pleno dos locais e isto termina produzindo insatisfação no morador, reforçando assim o sonho dourado de todos / eles: as reformas que virão a fazer! O código usado para então dar nome aos locais está dado pela função que nele se desenvolve, mas prioritariamente em função dos frequentadores / do mesmo.

A padronização das casas COHAB'S como questão específica não é uma problemática-chave a nível do discurso para os moradores (se bem que existem casos altamente conscientizados como exemplo o do "pombal"), porque na grande maioria dos casos é na realidade que todas as casas terminam sendo reformadas e mudando seu visual. Este reforça mais uma vez a casa COHAB à semelhança da casa rural enquanto representação de casa como um processo.

Os diferentes domínios que dão para se especificar/nas casas COHAB'S podem ser enunciados segundo a ordem em que eles foram sendo construídos ou recriados pelos próprios moradores. Explicando assim o significado que envolve cada um e a prioridade que ele tem para as famílias tratadas. O primeiro/sintoma foi a delimitação da casa em volta, através de cercas ou muros.

"que os vizinhos e as pessoas saibam:
essas aqui têm dono".

Moradora PROMORAR/Passo do Gado.

O segundo foi a mudança da porta da frente para a lateral

"Porta da sala na frente parece venda".

Moradora do Conjunto Monte Verde.

Internamente foram feitos os cantinhos individuais, tais como o viveiro para o homem como lazer, a cozinha de trás pela permanência prolongada e a sala das folhagens como uso visual da mulher, um dos quartos, privativo da filha adolescente.

Quando ficam claros os domínios da casa, os da rua têm que ficar também em ordem, então aparecem nomes para a rua, placas/de sinalização, até um jardim comum.

A necessidade de separação do mundo dos estranhos existe também internamente entre os membros da própria família. No caso o sexo atua como uma variável de organização espacial.

Hábito espalhado

As sandálias de dedo na rua é um hábito popular que trata dos domínios público e privado. A explicação corriqueira diz que é devido à limpeza. Acontece que a limpeza pelo / que se tem falado neste trabalho é uma questão valorativa do grupo (a cozinha de dentro versus a cozinha de fora é um exem

plo demonstrativo). É uma voz de ordem estabelecida pelo próprio grupo; sendo que a família que se estime deve ser partícipe da mesma. A título ilustrativo, numa das casas pesquisadas em Forquilha, já aconteceu umas duas ou três vezes, com pessoal do sítio que veio à sua casa deixar as sandálias fora, na porteira. Evidentemente, a explicação de que seria uma razão só prática de não levar sujeira para dentro de casa não tem cabimento neste exemplo. No caso o hábito reveste-se simbolicamente através da relação

limpo x sujo :: privado x público

e as sandálias deixadas do lado de fora da porteira delimitam a divisória entre esses dois mundos supracitados.

4.

Marco Teórico

4.1. - Esclarecimentos preliminares:

A aparição deste capítulo como fechamento da tese é proposital: diz respeito às dificuldades para encontrar marcos teóricos adequados que permitam referenciar a análise e o desenvolvimento da pesquisa e também visa tentar materializar no próprio corpo/escrito do trabalho a realidade do que foi o desenrolar da própria pesquisa.

Tal como fora adiantado na "Introdução", concretizar as diferentes etapas da tese não foi tarefa fácil, bem como a possibilidade de contar com o apoio teórico adequado. Pelo contrário, foi um permanente reformular dos meus próprios parâmetros e os academicamente consagrados para estruturar e desenvolver um trabalho desta natureza.

Ao mesmo tempo que compreendia e que devia aceitar em / mim mesma a realidade das lacunas, de espaços teoricamente não / preenchidos na questão do espaço que ligassem o marco mais geral , "o macro" com as particularidades de realidades concretas e tangíveis aos usuários dos espaços de habitação, devia também aceitar /

que minha tese não poderia ser um trabalho nos moldes tradicionais, onde existe sempre um referencial teórico inicial que ordena e explicita as formulações que logo, no corpo da pesquisa, são apresentadas. Tal linearidade, do geral ao particular, do teórico descendo para a verificação prática, não se cumpre aqui. E o desenvolvimento, a metodologia que está implícita, obviamente também não.

Isto não implica dizer que não houve um referencial teórico prévio conhecido. Ele esteve sempre presente, conjunção dos / saberes próprios à minha disciplina de graduação: arquitetura, a - crescidos da informação coletada ao longo do Mestrado em Ciências Sociais, especificamente da pesquisa bibliográfica feita a propósito desta tese. Considero, porém, que não foi possível encontrar / um marco referencial básico de apoio que considerasse a multiplicidade de variáveis que entram conjuntamente em jogo quando procuramos pelas motivações individuais e sociais para determinadas organizações ou uso do espaço, no geral, e de habitação, neste caso / em particular.

Um referencial do material de base mais geral, o que deu o "macro" marco teórico, consta no item 4.2. deste capítulo.

Houve alguns trabalhos particulares de alguns autores, ou ainda partes de algumas pesquisas às quais tive acesso, que coincidiram ou se aproximavam mais especificamente dos meus interesses, das intuições que eu tinha do encaminhamento que deveria ter meu / trabalho, dos elementos que tinha interesse em estudar, das relações que acreditava ser importante estabelecer. Esses trabalhos foram quase sempre estudos de casos, situados no nível "micro". Vale esclarecer, chegando ao fim desta tese, que não considero que existam necessariamente correspondência teórica e metodológica entre / os autores do primeiro e do segundo grupo. Nesse sentido, boa parte das lacunas permanecem.

Um referencial de alguns dos autores dos quais tive apoio principal consta no item 4.3.

Finalmente, ou melhor, paralelamente, questões que dizem respeito à Metodologia. Vale repetir que a parte do trabalho de / campo, as entrevistas, não foram o final, a parte complementar da pesquisa. Pelo contrário, consciente que era das dificuldades teóricas existentes na área, parti desde o início para o trabalho prático, com a intensão explícita de utilizar como subsídios para / orientar e selecionar minhas leituras, os produzidos que ia coletando nas entrevistas, numa espécie de "feel-back" permanente entre a prática e a teoria.

4.2. - Referencial teórico sobre o Urbano

Nos últimos anos tem-se acentuado as diferenças de concepção e metodologia entre as diferentes correntes do planejamento urbano, e ainda do próprio acordo e acepção sobre que estatuto tem as disciplinas que lidam com o urbano. Internamente, um dos motivos tem sido importantes revisões a que foram submetidos os pressupostos da sociologia urbana, feitos por estudiosos como, por exemplo, Manuel Castells (1976, 1978, 1979, 1983). Pelas colocações / feitas nas suas pesquisas, tem acarretado uma tomada de posição de todos que lidam com disciplinas situadas dentro das áreas das questões urbanas. Isto se deve, fundamentalmente, a que Castells tem realizado um histórico de todas as escolas e correntes notáveis desenvolvidas nas Ciências Sociais a partir do séc. XVIII, qualificando-as pelos seus conteúdos ideológicos.

Castells identifica-se claramente dentro de uma perspectiva materialista-histórica rigorosa. Desde ali critica a própria/sociologia urbana como uma deturpação mistificadora da ciência sociológica. Ele diz que a "sociologia urbana" encobre por trás do "urbano" a problemática de fundo que padecem todas as grandes aglomerações: serem o cenário da luta de classes, lugar físico de despejo a que são submetidos os despossuídos na atual etapa de concentração capitalista. O "urbano" esconde o "social", verdadeira e

real problemática.

Para o autor, uma tal apresentação da questão urbana como objeto autônomo com especificidade própria para a pesquisa, trazido ou convertido em matéria "técnica" de uma série de disciplinas, que na sua condição de origem ocultam as causas dos problemas urbanos, não faz outra coisa que continuar com o objetivo de esconder a luta de classes, de ocultar as reais relações de dominação / de uns sobre outros. É a materialização, nessa área, da concepção / marxista do discurso ideológico das classes dominantes que impede / tornar aparentes as relações sociais na sua verdadeira dimensão.

A preocupação de Castells e o objetivo declarado nas / suas pesquisas orienta-se para trabalhar dentro dessa área que considera de dominância ideológica: "... dizer que a sociologia é ideológica não quer dizer abandonar todo intento de ciência social, mas partir dessa consideração, avançando elementos susceptíveis de se desenvolver teoricamente no interior desse campo definido ideologicamente, rejeitando a definição tradicional institucional de uma / tal teoria, e aportando em particular uma definição embasada no materialismo histórico..." (1976:8).

Com esse marco , o tratamento do urbano será para esse autor, previsivelmente, o de ser antes que mais nada o cenário / da luta de classes, produto histórico do desenvolvimento das forças produtivas, condicionadas por determinadas relações sociais da produção. De novo, aparece aqui, como em tantos outros autores i-dentificados nesta tendência, a recorrência ao determinismo econômico, mesmo que Castells declaradamente tente evitá-lo.

Como consequência, e por uma questão elementar de coerência teórica, e particularmente a diferentes situações urbanas, os aspectos culturais identificatórios próprios a um povo determinado não podem ter lugar nesses textos. Os únicos casos concretos a nível "micro" que são tratados correspondem àqueles que podem ser enquadrados dentro da teoria que lhe serve de suporte: movimentos so

ciais urbanos, condições de habitabilidade nos novos bairros de mo radias de "interesse social", políticas do Estado a respeito de fa velas, etc.

Em outros termos, seus objetos de estudo são sempre ca - sos passíveis de serem generalizados, de serem considerados como , em casos particulares, exemplos que validam uma teoria ou concepção mais abrangente e geral que sintetizam uma regularidade e que/ permitem a possibilidade de enunciar leis.

As características individualizáveis que diferenciam os diversos fenômenos urbanos, como produtos de diversas orientações/ culturais, não são tratadas por Castells, mesmo que reconheça que/ "... resultaria errado negar demasiado precipitadamente toda in - fluência das condições espaciais" (1978:25).

Ainda mais, fazendo referência a um estudo de J. O. Ra - tel sobre a importância das relações de parentesco, coloca que "... esse trabalho coloca a questão verdadeiramente fundamental da es - trutura espacial das relações sociais". (1978:30). Conclui que mes - mo que ninguém questione a correspondência entre espaço e evolução social, não há clareza sobre a maneira em que uma estrutura social determinada contribui para a constituição do espaço.

Castells é seguramente o autor contemporâneo mais desta - cado dentro da corrente que, usando uma classificação de Ruben Oli - ven, considera o fato urbano como uma "variável dependente", isto/ é, o urbano, e mais especificamente a cidade, seria um fator que / não tem por si mesmo capacidade de se auto-explicar por não ser / uma entidade total mas apenas objetivação de relações corresponden - tes a um nível mais geral de abrangência, dentro do qual o fato / "cidade" se insere. Nesta linha teórica as formações urbanas são / vistas como produto de processos históricos, resultados de múlti - plas causas com variado grau de determinação econômica, política , social. Tanto as conformações urbanas quanto as rurais podem ser vistas como manifestações de determinadas relações sociais.

Seguindo essa optica, R. Oliven (1980) coloca que é incorreto se referir a "cidade" correspondendo falar de diferentes tipos de cidades distribuídos no tempo e no espaço.

Ainda autores clássicos como Marx e Weber (cf. Oliven, 1980) enquadram-se nesta perspectiva porque, mesmo que tenham diferenças teóricas, ambos têm coincidido em caracterizar as cidades da civilização ocidental como lugares de mercado.

Weber colocou que em diferentes épocas e civilizações os homens sempre construíram as suas moradias em assentamentos coletivos relativamente fechados, mas que o distintivo no ocidente tem / sido o fato de existir uma comunidade urbana no sentido pleno da / palavra e como fenômeno extenso. Sua caracterização da cidade é / feita a partir da elaboração de um conceito que recupera a constatação de uma série de circunstâncias ou condições necessárias para a existência e desenvolvimento do urbano. Weber concebe a cidade / como uma comunidade com um alto grau de autonomia no nível tanto / objetivo como subjetivo: a nível objetivo essa autonomia concretiza-se na existência de mercado, fortificações, exército, tribunais e direito ao menos parcialmente próprios; e no nível subjetivo manifesta-se numa série de lealdades.

O autor considera que a cidade é condição prévia necessária para a aparição do capitalismo, mas que é a partir de estas estabelecidas relações especificamente capitalistas que as cidades intensificam seu desenvolvimento e crescimento. E é nesse de vir que entra o fato de não conceber a cidade como uma totalidade: as conseqüências políticas da expansão do capitalismo na Europa ocidental manifestou-se na progressiva perda de independência das / comunidades que foram aos poucos se incorporando aos novos Estados Nacionais. "... Assim, elas deixam de proporcionar a base da experiência social total que caracterizara a 'associação de comunidades', dando lugar, pela sua vez, a uma estrutura social que vai / muito além da área urbana e deixando portanto de se constituir nu

ma unidade relevante para a análise sociológica..."(Cf.Oliven,1980:16).

No caso de Marx, quando analisa as cidades da Europa ocidental da época moderna, coloca que "... a cidade é um mercado, na medida que ela contém a população exigida pelo aparelho produtivo e o 'exército de reserva' que a burguesia requer a fim de comprimir os salários bem como de dispor de um 'volante' de mão-de-obra. Mercado de bens e de dinheiro (dos capitais), a cidade torna-se / também o mercado de trabalho (da mão-de-obra)..."(Cf.Oliven,1980:17).

A cidade capitalista expressa para Marx as contradições/fundamentais da alienação do homem: "... a cidade é o resultado da concentração da população, dos instrumentos da produção, do capital, dos prazeres e das necessidades, entanto que o campo coloca em evidência o fato oposto, o isolamento e a dispersão... Essa subordinação faz dos habitantes animais de cidade ou de campo, tão/limitados uns quanto os outros, e faz renascer todos os dias a oposição dos interesses entre as duas partes..." (Cf. Oliven 1980:17).

Essa diferença entre o urbano e o rural é o suporte básico que orienta a corrente mais significativa dentre os que consideram a cidade como uma "variável independente", geradora de uma particular "cultura urbana" com atribuições específicas que variam em função de condicionamentos ecológicos até atingir o outro extremo / da escala, o rural pleno.

Os teóricos e seguidores desta corrente situam-se fundamentalmente através das formulações da chamada "Escola de Chicago" da qual autores como Robert Ezra, Louis Wirth ou Robert Redfield / foram as figuras mais representativas, (cf. Oliven, 1980).

L. Wirth chega a construir uma teoria sociológica e sócio-psicológica do urbanismo com o objetivo de explicitar a vida / social através da cidade. Os argumentos por ele utilizados baseiam-se em considerar que a partir do estabelecimento da cidade apareceria uma cultura própria, de onde proviria a influência que a cidade teria sobre os modos de vida. A cultura urbana se caracteriza

ria pela aparição de "... papéis sociais altamente fragmentados , predominância dos contatos secundários por sobre os primários, relações sociais transitórias e com fins instrumentais, inexistência de um controle social direto, diversidade e fugacidade dos envolvimentos sociais, afrouxamento dos laços familiares e competição individualista..." (1980 :21). Enuncia ainda uma constante para verificar sua teoria a partir de utilizar as variáveis tamanho, densidade, permanência e heterogeneidade: quanto mais densamente habitada, quanto mais heterogênea em sua composição comunitária, mas acentuadas serão as características associadas à existência de "cultura urbana".

Esta concepção do fato urbano como uma variável independente tem recebido variadas críticas, principalmente pelo caráter/a-histórico de seus pressupostos: o modelo é referido pretensamente a uma cidade genérica, entanto que os elementos que entram em consideração são aqueles particulares à cidade industrial.

Os fatores considerados nesta perspectiva são fundamentalmente ecológicos: tamanho e densidade, postergando a análise do histórico-social. R. Oliven diz que desenvolver este modelo de análise do urbano, que constrói para o estudo da cidade conceitos sobre "cultura urbana" e "personalidade urbana" contribui para " ... desviar as discussões de um nível concreto da sociedade global para um nível mais neutro e vago dos problemas urbanos..."(1980 :23).

Uma das críticas mais importantes a ter em conta das formuladas por R. Oliven para a Escola de Chicago é a de que, apesar da difusão cultural a nível mundial, o fato de existirem sociedades desenvolvidas e sociedades subdesenvolvidas já se constitui em motivo mais que suficiente para colocar diferenças significativas/entre diferentes sociedades. Mais particularmente por considerar /na "teoria da cultura urbana" a configuração ecológica como determinante para deduzir as características sócio-culturais não fica /espaço para considerar os contrastes entre as diferentes formações

culturais nacionais.

Pretendendo atender às diferenças entre os diversos assentamentos particulares a cada formação cultural é que se orientam as preocupações de um pesquisador como Amos Rapaport. Sem chegar a compartilhar totalmente com os pressupostos dos integrantes da Escola de Chicago, com todo seus textos cita com frequência / seus teóricos principais, especialmente Robert Redfield.

A proposta que encaminham os escritos de Rapaport tem / por objetivo tentar relacionar teoricamente num trabalho interdisciplinar os objetos-ambiente construídos pelo homem para o desenvolvimento da sua vida individual e social, com as formas, as relações e a organização dessa vida na sociedade.

Rapaport não tem uma "teoria" no sentido mais geral entendida como uma formulação da qual possam ser derivadas hipóteses para serem testadas. Preocupado em ligar a problemática do social / com o espacial, provavelmente em consequência sua dupla condição / de arquiteto e antropólogo, propõe um esquema referencial que permita ligar, articular os dois campos disciplinares através de incorporar teorias e hipóteses formuladas desde a antropologia, a psicologia social, a etologia, a sociologia, a geografia humana, etc. , como variáveis que com diferente peso relativo entrem na determinação das características que possam ser particulares à formação do habitat próprio de cada cultura.

Nas suas palavras, trata-se de "... estudos do homem no seu meio-ambiente..." na tentativa de sistematizar teoricamente / "... a mútua inter-relação entre os indivíduos e o meio ambiente / construído". E especifica logo qual é a relação que pretende nessa espécie de arquitetura antropológica: "... esta disciplina distingue-se do desenho tradicional em que faz ressaltar o papel do homem, incluindo as dimensões sociais e psicológicas, e - ademais - / em tentar uma formulação sistemática. Mesmo que fundamenta seu conhecimento do homem em estudos precedentes das ciências sociais -

sociológicas e psicológicas - se diferencia delas em que acentua a importância do meio-ambiente físico e cultural..." (1978:15).

Crítico do monismo dos determinantes físicos e tecnológicos, Rapaport procura identificar e isolar em termos de variáveis/ o multicausal do fenômeno construído. Seu trabalho é necessariamente comparativo e de verificação empírica antes que dedutivo. Para/ tanto trabalha com um grande número de assentamentos urbanos pertencentes às mais diversas culturas e nas mais diversas localizações, acrescentados dos resultados de pesquisas empreendidas pelas diferentes disciplinas. Segundo o autor, esses resultados não são "... isolados, mas se interpenetram e se sintetizam mutuamente. / As interconexões não são explícitas, desde que os diferentes conhecimentos produzidos têm sido consignados diferentemente e são amplamente variados em conceitos, natureza, metodologia e orientações. Ao relacioná-los com um único problema será possível descobrir até onde são mutuamente iluminadores ou contraditórios, e assim poderemos dar um primeiro passo para a criação de um marco conceitual que contemple o meio-ambiente construído como fato global" (1978:19).

4.3. Propostas alternativas:

Se por um lado o esquema de trabalho que propunha Rapaport parecia ser o adequado, desde que pretendia contemplar e ter em conta o maior número de variáveis com os seus pesos relativos / aos efeitos de determinações espaciais, ficava claro ao mesmo tempo a altíssima complexidade de tentar aplicar um tal modelo, sem nenhuma prática anterior específica, e com o baixo nível de informações disponíveis à minha altura, no contexto no qual devia trabalhar.

A proposta de Rapaport terminaria por ficar como um guia ou como um modelo referencial de controle à distância do qual deveria estar ciente da impossibilidade material de fazer uma aproxima

ção medianamente rigorosa.

Encontrei em outros autores propostas metodológicas mais simples e diretas, viáveis na minha realidade e que poderiam também ser adequadas ao referencial se eu conseguisse superar algumas das que considero suas principais limitações, na ótica do meu interesse na pesquisa.

Um desses autores é Thomas Gregor, autor de um trabalho/etnográfico sobre os índios Mehináku, moradores do Brasil central. O objetivo do autor é "... descrever o modo de vida dos Mehináku .. encarando-os como atores de papéis sociais". (1982:3). Para tanto. T. Gregor apresentará a cultura Mehináku a partir de "... um ponto de vista teórico definido, a análise do cenário, posta em cena e texto da vida social Mehináku". (1982:4). Nessa perspectiva, se aproxima da escola interacionista simbólica de psicologia social e dos trabalhos de Erving Goffman. Por cima dessa metáfora dramática da vida real. o que mais me aproximou desse trabalho foi a importância assinalada ao fato de fazer uma etnografia do espaço: "... normalmente este assunto é mencionado somente de passagem a menos que as relações espaciais sejam uma metáfora elaborada e consciente para relações sociais e simbólicas. Tentei demonstrar, entretanto, que, embora os Mehináku não formulem de maneira autoconsciente afirmações precisas a respeito de relações entre espaço e cultura, elas estão implícitas nas plantas baixas de sua comunidade. Os desenhos revelam distinções espacialmente visíveis entre/ o reino do homem e o da natureza, entre o público e o privado, o sagrado e o profano, os homens e as mulheres, os bons cidadãos e os "homens de fundo de quintal", entre os chefes e os cidadãos e entre os grupos políticos separados, mas semelhantes. O uso do espaço entre os Mehináku, como entre outros povos, pode, portanto, ser visto como uma metáfora que expressa a relação entre a natureza, os homens, a sociedade e os símbolos. Analisar o espaço e os planos é, também, uma maneira de descrever um povo e de resumir / muito do que é significativo para ele". (1982:59).

O autor faz desde as primeiras páginas do livro um minucioso relato onde vão se ligando todas as atividades que constituem o dia-a-dia dos Mehináku. Gregor inicia o estudo com uma exposição onde descreve e analisa em detalhe o espaço da comunidade indígena, o "cenário do drama" e os usos desses âmbitos no cotidiano. Os visuais, sons e sinais tais como eles se transmitem na aldeia, os sistemas institucionalizados de comunicação e a circulação de informações. A possibilidade do privado dentro de um todo essencialmente público: onde, como e quando se faz sexo, quem e como / roubam.

Na segunda parte se precisam aspectos que dizem respeito à organização social indígena, dos papéis de homens e mulheres, do sistema de nomeações e das relações de parentesco. Os mitos e rituais, a identidade e as relações intertribais.

Nesse contexto, T. Gregor preocupa-se em destacar a importância dada por estas tribos a idéia de "lugar" e como são classificados e categorizados os espaços segundo usos e significações. É um etnocentrismo simples em consonância com a concepção de um universo limitado, onde são remarcadas direções, enfrentamentos, numa estrutura onde existe forte ajuste e dependência de funcionamento da estrutura social a conformação espacial. Para os indígenas, seria impraticável a continuidade da existência da comunidade em um âmbito formal diferente do próprio.

No texto são justificadas as diferentes instâncias: o porquê e o como de cada espaço: a soma de lugares é uma rede que / satisfaz todas as necessidades de expressão da vida indígena. Um sistema fechado interligado de casas, praça, casa dos homens, quintais, caminhos públicos centrais e aqueles ocultos no meio da floresta, cultivos e claros na mata. Segundo a atividade o espaço se articula em limites precisos ou se dilui imperceptivelmente. Ainda mais, as diferenças espaciais que acompanham os comportamentos sociais: o rol desempenhado pelos espaços posteriores ao círculo de

casas, constituído pelos quintais e pela rede de caminhos que interconectam todos os lugares da aldeia, avesso das áreas formais, públicas e de cerimonial e que se sintetizam no nível das unidades pelas duas portas enfrentadas - frente e fundos - sobre um mesmo/eixo.

Foram esses tipos de colocações a estrutura total desse/trabalho, a minuciosidade nos detalhamentos mostrando sua importância que me revelaram a possibilidade de um encaminhamento comparável para minha tese. E a perda do preconceito, do temor a ficar dando importância excessiva ao descritivo. Até esse momento, compreendia a necessidade e importância de **descrever** para compreender mas pretendia apagá-lo.

Essa apreciação não implica deixar de reconhecer limitações. Normalmente quem é espectador teatral está mais preocupado / com a montagem da cena, com a interpretação e movimentação dos atores, seguindo a linha do texto. Pouco se preocupa em saber com que materiais está o cenário, nem seu custo. O problema aparece quando questões tecnológicas e econômicas são pelo menos codeterminantes/ou condicionantes de comportamentos sociais, como era presumível/no meu universo de pesquisa. Nesse caso, as casas de uma comunidade podem não ter uma determinada conformação apenas para serem parte de uma cenografia na qual se representa o drama cotidiano. Pode ser a proposta de uma cultura, testada longamente no tempo, a partir de uma determinada disponibilidade de matéria-prima e de capacidade técnica, como resposta e específicas condições climáticas. Ou que as necessidades primárias de abrigo e conforto tenham adequado práticas e costumes no intercuro comunal. Colocadas estas / questões sem esquecer possíveis conteúdos ou intenções simbólicas.

Notoriamente há muito pouca preocupação em questionar o quanto e como a dimensão técnico-econômica possa afetar a vida e a organização espacial e social da comunidade.

5. CONCLUSÕES

Como adiantara na introdução, a semelhança encontrada entre as casas COHAB's e as casas rurais, permitiu estabelecer um paralelo significativo entre as mesmas, dando assim maior suporte para a análise posterior da casa COHAB especificamente, e que constituía o objetivo inicial do trabalho.

Tendo presente estas considerações, pode-se concluir que analisar a casa COHAB na Grande Florianópolis-SC, significou trabalhar num contraponto permanente entre uma visão da casa "pobre x precária", considerada fundamentalmente em termos utilitários-funcionais (onde a variável econômica é determinante) e, uma visão onde o prioritário situa-se ao nível simbólico-social. Em relação à esta última visão, as variáveis físicas são consideradas segundo uma ordem de valores pré-estabelecidos e onde a variável econômica é articulada dentro de uma estratégia construtiva. Esta estratégia, caracterizada pela acumulação prévia do material, construção em etapas, contratação de mão de obra informal ou familiar (que reduzem os custos de obra tradicionais), implica de fato numa construção mais demorada no tempo e uma idéia de casa como fruto de um processo. No entanto, esta última condição, não chega a comprometer os valores do grupo enquanto ideal de casa almejada: "casa pronta e bem feitinha".

Assim, os meios empregados na construção das reformas ou acréscimos (tanto nas casas COHAB's como nas casas rurais) são flexíveis. Entretanto, os espaços planejados ou construídos não o são, onde cada local ideado tem um destino ou mutação antecipada. Não interessa a versatilidade do local quando

este não foi concebido antecipadamente ou quando foge aos padrões do grupo. A provisoriedade construtiva ou ambigüidade 'aparente' no uso dos locais, característica decorrente da situação informal da construção, não atinge o sentido de totalidade da casa 'ideal'. Esta fica preenchida em cada estágio da obra. Em termos absolutos poder-se-ia dizer que certos locais por sofrerem transformações e/ou usos diferentes no tempo, são caracterizados como 'ambíguos'. Entretanto, pela mudança progressiva de nome dos mesmos, segundo as etapas de construção, demonstra-se a existência de uma procura de identidade permanente entre espaço x significado assinalado, em contraposição à ambigüidade não desejada.

Na ideação das reformas e/ou ampliação das casas COHAB's, como no uso proposto do existente, verificou-se que a relação público x privado esteve sempre presente. Tanto em relação à rua x estranhos, para diferenciar o mundo conhecido contra o inesperado da rua, como também dentro de casa para testemunhar a existência da ordem familiar frente aos de fora. A necessidade de demarcar os limites entre esses dois mundos intra-muros, implica na existência de locais de transição. Estes, sintetizam os limites físicos-sociais estabelecendo-se assim a troca simbólica à nível espacial. A duplicidade de cozinhas nestas casas pesquisadas demonstra tal afirmação. Se a sala sintetiza o local público dentro de casa, a cozinha de fora, por sua vez, indica o local da vida privada da família. Mas o reino da informalidade é para os mais próximos, sendo que a representação de "casa" em termos públicos, exige certos requisitos para o grupo pesquisado. A cozinha dentro da casa com piso cerâmico e azulejos como demonstração de bom acabamento; o jogo como mobília; o local sem "gordura" é sempre limpo, cons

tituem elementos, entre outros, que dão 'sinais' de família organizada. Assim, o local cozinha, que por excelência representa o mundo informal do grupo, é espaço de transição dentro de casa e fica preparado para o momento de troca social. Uma vez obtido o "status quo necessário", resta só o veredicto público.

Para concluir quanto à ideação das construções feitas pelos próprios usuários, tanto a forma quanto os usos assinalados a cada local, estes desenvolvem-se em função dos significados do universo social dos mesmos. A procura de suas representações não significa afastar-se da realidade. Elas são permanentemente testadas, dando o senso de realidade característico que demonstram possuir.

Quanto à padronização das casas COHAB's (situação particularmente conflitante para mim), pode-se inferir que na grande maioria dos casos estudados, a situação não é vivida como tal. Este comportamento explica-se em parte, porque geralmente todas as casas atravessam um processo similar. Inicialmente, elas agem como embrião, para sofrer transformações em etapas posteriores, recriando mediante este mecanismo seu próprio mundo simbólico, porém personalizado.

A pesquisa revelou também a existência de uma relação laboral estreita entre a casa e seu usuário, mostrando a necessidade de fazer constar no planejamento dos órgãos responsáveis, seja no início da construção ou em etapas futuras, um local de trabalho informal tanto para o homem como para a mulher, como o complemento do salário familiar.

ANEXOS

BIBLIOGRAFIA

- ARIÈS, Philippe - História Social da Criança e da Família
1ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1981, 279 p.
Título original: L'enfant et la vie famili-
ale sous l'ancien régime.
Trad. Flora Flaksman, Paris, Seuil, 3ª ed.,
1975.
- AZEVEDO, Sérgio de & ANDRADE, Luís Aureliano G. de -
- Habitação e poder: da fundação da casa po-
pular ao Banco Nacional de Habitação.
Rio de Janeiro, Zahar, 1982, 135 págs.
- BNH - Avaliação do PROFILURB no Brasil
Fundação João Pinheiro, Rio de Janeiro, 1982.
- BNH - A experiência de Amarante
Fundação João Pinheiro, s.l., 1979.
- BETTANINI, Tonino - Espaço e Ciências Humanas.
Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, 157 p.
Tít. original: Spazio e Science Umane.
Trad.: Lilibana Laganá Fernandes, Firenze,
Nueva Italia, 1976.
- BLAY, Eva Alterman - A luta pelo espaço: textos de sociologia
urbana.
Petrópolis, Vozes, 1978, 180 págs.
- BOLAFFI, Gabriel - Para uma nova política habitacional e urbana.
in: VALLADARES, Lícia do Prado (org.) - Habitação em /
questão. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.

- BRANDÃO, Arnaldo Barbosa - Moradia e Vida numa invasão de Brasília.
Trabalho apresentado na reunião do GT Lutas Urbanas, Estado e Cidadania. Águas de São Pedro, 1983.
- CASTELLS, Manuel - A questão urbana.
Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983, 505 p.
Tít. original: La question urbaine.
Trad. Arlene Caetano, François Maspero, 1972.
-
- Problemas de investigación en Sociología urbana.
México, Siglo XXI, 1976.
-
- Movimentos sociales urbanos.
México, Siglo XXI, 1979.
- CHERMAYEFF, Serge & ALEXANDER, Christopher - Comunidad y privacidad. Hacia una nueva arquitectura humanista.
Buenos Aires, Nueva Visión, s.d., 277 p.
Tít. original: Community and privacy.
Trad. Ruben Massera, s.l., 1963.
- DOUGLAS, Mary - Pureza e perigo
São Paulo, Perspectiva, 1976.
- DURHAN, Eunice Ribeiro - A caminho da cidade.
São Paulo, Perspectiva, 1973.

A sociedade vista da Periferia.

in: Revista Brasileira de Ciências Sociais,
nº 1, vol. 1, p. 84 - 99, 1986.

- FREYRE, Gilberto - Casa Grande e Senzala.
Rio de Janeiro, Liv. José Olympio Editora,
1943.
- GEERTZ, Clifford - A interpretação das culturas.
Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- GUIMARAENS, Dinah & CAVALCANTI, Lauro - Arquitetura kitsch su-
burbana e rural.
Rio de Janeiro, Paz e
Terra, 1979.
-
- Morar: a casa brasileira.
Rio de Janeiro, Avenir, 1984.
- GREGOR, Thomas - Mehinaku: o drama da vida diária em uma al-
deia no Alto Xingu.
São Paulo, Nacional, 1982, 350 págs.
Tít. original: The drama of daily life in a
brasilian indian village.
Trad. Vera Penteado Coelho, Chicago, Univer-
sity of Chicago, 1977.
- HALL, Edward - A dimensão oculta.
Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1981.
- HEYE, Ana Margarete - A questão da moradia numa favela do Rio
de Janeiro.
in: Desafio da Cidade, Rio de Janeiro,
Campus, 1980.

- LAWRENCE, Roderick - Domestic Space and Society: a cross-cultural study.
in: Society for Comparative Study and History, 1982.
- LEDRUT, Raymond - Sociologia urbana.
 1ª ed., Rio de Janeiro, Forense, 1971,
 209 págs.
- LEEDS, Anthony & LEEDS, Elizabeth - A sociologia do Brasil urbano.
 Rio de Janeiro, Zahar,
 1978, 327 págs.
- LEFEBVRE, Henri - De lo rural a lo urbano.
 4ª ed., Península, Barcelona, 1978, 270 p.
- LE MOS, Carlos A.C. - Cozinhas, etc.
Um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista.
 2ª ed., São Paulo, Perspectiva, 1978,
 222 págs.
- MATTA, Roberto da - Relativizando: uma introdução à Antropologia social.
 Petrópolis, Vozes, 1981, 248 págs.
- _____ Carnavais, Malandros e Heróis.
 4ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1983, 272 p.
- _____ O carnaval como um rito de passagem.
in: Ensaios de Antropologia Estrutural.
 Petrópolis, Vozes, s.d.

- OLIVEN, Ruben George - Urbanização e mudança social no Brasil.
Petrópolis, Vozes, 1980, 136 págs.
- PERUZZO, Dilvo - Habitação, controle e expolição.
São Paulo, Cortez, 1984.
- RAPOPORT, Amos - Aspectos Humanos de la forma urbana.
Hacia una confrontación de las Ciencias So-
ciales con el diseño de la forma urbana.
Barcelona, Gustavo Gili, 1979, 381 págs.
- Vivienda e cultura.
Barcelona, Gustavo Gili, 1972.
- SCHMIDT, Jézabelle Ekambi - La percepción del hábitat.
Barcelona, Editorial Gustavo Gili,
s.d., 177 págs.
- VALLADARES, Lícia do Prado (org.) - Habitação em questão.
Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- Repensando a habitação no Brasil.
Rio de Janeiro, Zahar, 1983, 199 págs.
- Passa-se uma casa: análise do programa de fa-
velas do Rio de Janeiro.
2ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1978, 142 págs.
- VELHO, Gilberto - A utopia urbana: um estudo de antropologia
social.
4ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1982, 114 págs.

- WEIMER, Günter - Arquitetura da imigração alemã: um estudo sobre a adaptação da arquitetura centro-européia ao meio rural do Rio Grande do Sul.
1ª ed., Porto Alegre, 1983, 296 págs.
Editora da Universidade/Nobel.
- WOORTMANN, Klaas - Casa e família operária.
in: Anuário Antropológico, 80, Ed. UFG/TB,
Rio de Janeiro, 1982.